EXPORTADORES A MAIS PARA FRUTA A MENOS (Página central)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 1968 N.º 16 669 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda

"TALUDA" 4 MIL CONTOS!

SEGUNDO O SEMANÁRIO «DER SPIEGEL»

Israel já tem a bomba "A"

MONTREAL, 8 — (R.) — A «Montreal Gazette» afirma hoje que Israel fabricara já cinco bombas nucleares e tinha quase terminada uma sexta.

Num artigo publicado na primeira página, da autoria de Peter Lust, o perito do jornal sobre assuntos alemães, aquele jornal diz que a existência das bombas fora descoberta por um grupo de jornalistas do semanário alemão ocidental «Der Spiegel», onde a reportagem seria inserida ainda esta semana.

«Sem realizar qualquer explosão experimental, Israel tornou-se a sexta potência nuclear do Mundo», escreve a «Montreal Gazette».

«Cinco bombas de 20 kilotões — semelhantes ao tipo daquelas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki — estão terminadas. Uma sexta está quase pronta.»

«As bombas foram colocadas no centro de ensaios nucleares de Israel, no deserto de Negev, a 18 quilómetros da colónia pioneira de Dimona, a meio caminho entre Beersheba e a extremidade meridional do Mar Morto.»

Segundo o jornal, logo que as bombas ali foram colocadas, seguiram com urgência para destino desconhecido, «cuja localização exacta é o segredo militar mais bem guardado de Israel.»

«Em Janeiro ultimo, a N. B. C. (National Broadcasting Company) transmitiu um programa alegando que a primeira bomba nuclear de Israel estava quase pronta. Israel publicou imediatamente um desmentido. Parece, porém, que a N. B. C. falhou a data exacta apenas por 18

(Continua na 17.ª página)

Alain Krivine, um dos candidatos á presidência em França. Krivine conta com o apoio de Cohn-Bendit. (Ler na página 17)

A maioria dos franceses acredita na vitória de Georges Pompidou

PARIS, 8 — (R.) — A maioria dos franceses acredita que o candidato gaulista Georges Pompidou ganhará a eleição presidencial em França mesmo se o presidente interino Alain Poher concorrer contra ele.

Contudo, uma sondagem

(Continua na 17.ª página)

NEGRO ELEITO «MAYOR» NO SUL DOS E. U. A.

CHAPEL HILL (Carolina do Norte), 8. — (F. P.) Howard Lee, de 34 anos, venceu uma eleição muito significativa. É o primeiro cidadão negro a ocupar o lugar de «mayor» de uma cidade de maioria branca do Sul dos Estados Unidos.

Chapel Hill, pequena cidade da Carolina do Norte, onde se encontra a Universidade do Estado, conta 12 500 habitantes, sendo apenas dez por cento negros.

Lee, que se apresentou como independente, bateu um branco, Romand Gliuz, por 2567 votos contra 2167, para um mandato de dois anos.

Palavras de aplauso ao «Diário de Lisboa» a propósito da local sobre exibição de filmes

Nos meios relacionados com a exibição de filmes em Portugal, foi recebido com jubilo o comentário que ontem publicámos na secção «De vez em quando». Foram diversas as pessoas que nos felicitaram, nomeadamente exibidores de Lisboa a quem o problema diz mais directamente respeito.

Por sua vez a União de Grémios dos Espectáculos enviou ao «Diário de Lisboa», assinado pelo seu presidente, sr. dr. Manuel Teles, o seguinte telegrama:

«A U. G. E. agradece e aplaude a justeza e a oportunidade da local ontem publicada — secção «De vez em quando» — referente ao problema da classificação de filmes. Bem haja, sr. director, pelo valioso contributo mais uma vez dado por esse jornal em apoio do ponto de

(Continua na ultima página)

Eles vieram de longe — Barcelona. Passaram por Madrid. Chegaram hoje a Lisboa. Rodeados por muita curiosidade (no Parque Eduardo VII) e barulhos de escape. Assistidos pelo Automóvel Clube de Portugal. São 28 heróicos automobilistas acompanhados por suas mulheres, em alguns casos, por amigos, noutros, ou ainda por gentis jovens. Hoje, houve uma almoçarada no Castelo de São Jorge. (Ler na ultima página)

UMA VOZ E UM VIOLÃO

«Nasci em Eindhoven (Holanda) há dezanove anos. Lá aprendi a tocar viola...» disse-nos a cançonetista Lenny Kuhr, vencedora do recente Festival da Eurovisão. E fez mais revelações, que reproduzimos na 4.ª página.

ULTIMATO A WILSON

(Ler na pág. 17)

COMEÇOU O INQUÉRITO AOS ESTUDANTES SUSPENSOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA, 8. — Começou já o inquérito mandado levantar pelo ministro da Educação Nacional aos oito dirigentes universitários suspensos na sequência dos acontecimentos de 17 de Abril.

Os inquiridores, dr. Manuel António Lopes Rocha, adjunto do Procurador da Republica, e inspector José Manuel Azambuja, da Polícia Judiciária, ouviram os estudantes suspensos, alguns professores e o reitor e vice-reitor da Universidade, respectivamente, profs. Andrade Gouveia e Miranda Barbosa.

O problema dos exames

A reitoria da Universidade de Coimbra tornou publica a seguinte nota:

«Tendo-se propalado que não se realizarão exames na época de Junho-Julho, a reitoria da Universidade de Coimbra esclarece que se não prevê qualquer adiamento de actos.»

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

A ABERTURA DO 3.º CONGRESSO DE FUNDIÇÃO

É tão importante a qualidade do produto como a eficiência no rendimento do trabalho

— afirmou o Secretário de Estado da Indústria

PORTO, 8 — Com a presença do sr. eng. Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, foi hoje de manhã inaugurado no Serviço de Fomento Mineiro, o 3.º Congresso Nacional de Fundição, organizado pela Associação Portuguesa de Fundição.

A sessão inaugural foi presidida por aquele membro do Governo, que se encontrava ladeado pelos srs. dr. Carlos Braga, governador substituto, eng. Magalhães Ramalho, director do I. N. I. I., eng. Jorge Ferreirinha, presidente da Associação Portuguesa de Fundição, consul da Grã-Bretanha, em representação do embaixador, eng. Soares Carneiro, director-geral dos Serviços Geológicos e de Minas, e eng. Chagas Roquete, presidente da assembleia geral da Associação de Fundição.

Abriu a sessão o eng.º Jorge Ferreirinha afirmou ser um grato prazer o que iria ter dali a pouco, ou seja, alardear o sr. Henton Morgh, director da British Cast Iron Research Associwpvmn uma das maiores sumidades em todo o mundo no sector da metalurgia dos ferros fundidos. Teve, depois, palavras de agradecimento para outras entidades, para, a seguir, chegar a um apelo ao Governo, já que a indústria de fundição pode vir a ser uma das mais importantes actividades industriais do País e uma das suas maiores fontes de divisas. A Europa, disse, é um imenso comprador de peças fundidas, com as suas gigantescas indústrias de automóveis, electro-domésticos, máquinas ferramentas, construção civil, etc., que consomem num dia o que Portugal produz num ano em ferro fundido e aço vazado, não falando já nas ligas não ferrosas. Todavia, a Europa tem dificuldades crescentes de abastecimento, já que as suas fundições, principalmente por falta de mão-de-obra, não estão a acompanhar o aumento de consumo. Daí as grandes possibilidades já comprovadas por algumas fundições portuguesas que concorrem em preço e qualidade nos exigentes mercados da Grã-Bretanha, Suécia, Alemanha e Suíça, entre outros, contribuindo com mais de 100 mil contos por ano nas exportações da indústria metalo-mecânica nacional.

Continuando, o sr. eng.º Jorge Ferreirinha disse que a A. P. F. deve deixar de ser um clube exclusivo da élite da fundição portuguesa e referiu-se a vários problemas com que esta indústria luta, entre os quais, um dos maiores é o da formação profissional.

A terminar, afirmou que a A. P. F. esperava da esclarecida visão do secretário da Indústria, como intérprete dos industriais dentro do Governo, a resolução daqueles problemas, uma vez que dela depende a projecção europeia de uma indústria base.

Falou, depois, o secretário de Estado da Indústria, sr. eng.º Rogério Martins, que disse:

«Quem me ouviu anteontem na Associação Industrial Portuense não pode ter dúvidas quanto ao interesse que concede a uma Associação como esta da Fundição, e como por isso me honro com o poder participar ao menos no início dos trabalhos do seu terceiro Congresso.

O primeiro, em Novembro de 65, foi sob o signo da «colaboração», a grande aventura que rasgava novos horizontes para um sector amesquinhando-se até aí na luta estéril e que através desta ideia-guia sentia com entusiasmo ter vencido a fase da desesperança.

O segundo, em Abril de 67, centrou-se na «qualidade», entendida sobretudo como precisão tecnológica e fiabilidade produtiva; era a fase naturalmente subsequente, o aprofundar das implicações e aplicações da técnica científica que, ultrapassando o pragmatismo incerto desse nível industrial ao conjunto do sector que em largas zonas ainda não merecia em rigor o epíteto, no sentido em que modernamente se entende.

Mas tendo tomado o gosto a cooperar associados, e dominada a batalha da tecnologia produtiva era lógicamente decorrente que os industriais fundidores se descobrissem empresários com a problemática da economia fabril. Por isso se centra este terceiro Congresso no tema «produtividade»; dos meios, financeiros e humanos, ao dispor de cada unidade deve poder tirar-se a máxima eficiência, e isso é no fundo o único modo de os valorizar seu modo exige.

Bem sabem os senhores como é fundamental a análise nesta perspectiva para a correcção da situação em que a vossa indústria se encontra. Como sabem, a vossa produtividade por operário é globalmente não mais de um terço a um meio da corrente no resto da Europa; aliás, conhecem um excelente estudo do I. N. I. I. feito com a colaboração da vossa associação e editado no ano findo que exaustivamente se aplicou a medir directamente a produtividade da vossa indústria e espero tenham frutuosamente meditado e utilizado para medidas correctivas a que ele tão claramente incita.

E para a indústria fundidora portuguesa é tão indispensável ter completo domínio da qualidade do produto como é ser altamente eficiente quanto a rendimentos de trabalho; só assim poderá deveras competir nos mercados externos, e é vital para a indústria conquistá-los e neles se consolidar. As nossas capitações de fundidos são ainda baixíssimas, da ordem de um décimo a um quinto das que se encontram nos países europeus; ora a fundição é uma indústria mais arrastada que arrastante no nosso processo de desenvolvimento económico, e para que o seu mercado interno aumente depende ela essencialmente dos impulsos de arranque das químicas, cimenteiras, siderúrgicas ou metalomecânicas; precisa de exportar, e exportar sèriamente, para encontrar vazão às suas possibilidades de progresso.

É claro que terá no processo de se reestruturar, porque não é com a centena e meia de unidades, na fundição de ferrosos, cujo número médio de pessoal activo é metade a um terço das médias europeias, que encontrará condições para o tal domínio da qualidade e o tal incremento da produtividade que se sabem indispensáveis. Ora é ainda aqui que creio poder tirar-se uma lição da actividade dignificar como cada um a dade dos empresários mais esclarecidos do sector, válida nacionalmente para além de le.

Com efeito, é um segredo felizmente mal guardado que levaram a cabo a preparação de um projecto de regulamento do exercício da indústria, que seguirá os seus trâmites processuais espero que suficientemente depressa para em breve eu ter de sobre ele despachar, mas que desde já, pelo que simboliza, não posso deixar de públicamente saudar. É que no fundo, o verdadeiro condicionamento das actividades industriais é deste modo que resulta eficaz pela autodisciplina sectorial, sob a pressão conscientemente sentida pelos industriais das duras leis da sobrevivência económica e num esforço centrado na melhoria do seu grau de resistência competitiva aos grandes ventos do mundo e não na obtenção como prebenda de um lucro especulativo ou preguiçoso num cantinho feudalmente defendido.

Ao serem os próprios industriais a propor a regulamentação da sua industria; ao incluirem nela coisas tão decididamente progressivas como a fixação como mínimo para se ter direito de cidade, de uma produção que ronda duas vezes ou duas vezes e meia a produção média das unidades actuais, e cito este pormenor «en passant» porque o creio elucidativo do espírito exemplar que animou o trabalho ao mostrarem-se tão corajosamente lúcidos, não há, senhores industriais fundidores portugueses, senão que vos dar parabéns para vos incitar a progredir.

E nestes termos creio estarmos entendidos: que seja digno da obra por vós até hoje tentada o trabalho do congresso que ora se inaugura».

No final, foi inaugurada, num pavilhão anexo, a II Exposição Internacional de Fundição, tendo depois começado as sessões técnicas, com a apresentação da conferência inaugural pelo r. H. Morrogh.

A publicidade portuguesa é das mais progressivas e válidas da Europa

—opinião dos membros do júri do Prémio Rizzoli

— No consenso geral, o nível da produção publicitária nacional em 1965, agora apreciado em Itália, situa-se muito acima da média — afirma o sr. Benjamim de Mello, adjunto da Direcção-Geral da Belarte, á sua chegada de Roma, onde participou nos trabalhos do júri do VII Prémio Europeu Rizzoli.

Segundo este técnico, alguns dos anuncios portugueses concorrentes ao importante certame justificaram comentários muito honrosos, tendo havido até quem defendesse a candidatura de um deles para o Primeiro Prémio Europeu. E o sr. Benjamim de Mello acrescentou:

— Quando há tempos, em mais uma feliz iniciativa do autêntico pioneiro que é o sr. António Coelho, director-gerente da Belarte, veio a Portugal a exposição dos Prémios Rizzoli, uma alta individualidade italiana, o dr. Ernesto Fadova, acentuou que os trabalhos portugueses da especialidade eram cotados entre os mais progressivos e válidos da Europa

No certame deste ano, anuncios das agências Êxito, Latina, Marca, Forma e Promo, entre outros, foram justamente distinguidos pelos técnicos presentes. Para o adjunto da Direcção-Geral da Belarte nota-se crescente melhoria na produção portuguesa, e isso deve-se ao maior contacto internacional, implicando intercâmbio e aperfeiçoamento de profissionais e até maior proximidade dos empresários portugueses face aos problemas da publicidade, e ao desenvolvimento económico do País que trouxe consigo, naturalmente, a criação de agências á escala internacional e impôs adequado apetrechamento das mais antigas empresas do sector que pretenderam subsistir.

Ultima revelação do sr. Benjamim de Mello: está em marcha a ideia de o juri do Prémio Rizzoli passar a reunir, em cada ano, num dos países que actualmente concorrem ao certame e são muitas as probabilidades de Portugal ser a primeira nação escolhida para esse efeito.

ROTARY CLUB DE LISBOA OESTE

No decorrer de um jantar que se realiza no próximo sábado, ás 21 e 30, na F. L. L., será entregue ao Rotary Club de Lisboa Oeste a carta constitucional.

ALMADA NA RÁDIO

Ondearte — programa radiofónico do concelho de Almada, transmite logo, na sua emissão das 19 e 30 horas, através dos Emissores Associados de Lisboa, uma entrevista de grande interesse regional e nacional com o sr. dr. Alexandre Freire, sobre o Centro Turístico Internacional da Costa da Caparica.

Publica-se a seguir o horário das emissões diárias do Ondearte: aos domingos, após a transmissão dos relatos do futebol; ás segundas-feiras, pelas 19 e 30 horas; terças, ás 19 horas; quartas, ás 13 e 30 horas; quintas, ás 19 e 30 horas; sextas, 20 e 30 horas; e aos sábados, ás 20 e 30 horas.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Laura
Boutique
INAUGURA DEPOIS DE AMANHÃ AS SUAS INSTALAÇÕES ONDE
apresenta a «nova linha» de sapatos e modas dos melhores modelistas franceses e italianos
RUA JOSÉ FALCÃO, 68-A TELEF. 47994

MERCEDES
Vende empresa, carrinha usada, 190 D, 4 portas, 3 bancos, 1965, motivo uniformização de frota. Para ver, telef. 370432.

DE ONTEM PARA HOJE

COMÉRCIO LUSO-ALEMÃO

O comércio luso-alemão e a promoção de exportações portuguesas para a Alemanha e os investimentos directos dos alemães em Portugal foi o tema de palestras proferidas ontem no banquete da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. Duas centenas de associados estiveram presentes e alguns convidados. O dr. Pedro Pinto Leite Olivais disse: «O «deficit» da balança de pagamentos entre os dois países continua, pois, claramente desnivelado em desfavor de Portugal. Embora a balança de pagamentos apresente números mais equilibrados, devido, sobretudo, á entrada de divisas dos turistas alemães que nos visitam, e ás transferências enviadas pelos emigrantes portugueses trabalhando na Alemanha, o certo é que se deve continuar a trabalhar para modificar tal situação. Mas não com medidas restritivas que por qualquer forma dificultassem a entrada dos produtos alemães no mercado nacional, o que seria contrário, não só á desejável expansão do comércio luso-alemão mas, também, prejudicasse para o normal desenvolvimento industrial português, se atentarmos que cerca de 35 por cento destas importações se referem a bens de equipamento de alto valor técnico, tais como máquinas e instalações mecânicas e eléctricas». Depois o dr. Alvaro Ramos Pereira proferiu uma palestra sobre «Mercados de dinheiro e relações económicas internacionais — O crédito e o seguro de crédito á exportação».

NA RUA DA PALMA

Cinco feridos foi o balanço do choque de dois automóveis verificado ontem na Rua da Palma. Um automóvel conduzido pelo sr. João do Carmo Candeias e uma furgoneta conduzida pelo sr. António Manuel Guerreiro, de Carilhos Grandes, chocaram. Feridos os condutores e os srs. Martinho Joaquim da Silva, João da Conceição Silva e Manuel da Conceição Venâncio. Ficaram internados no Hospital de S. José.

GOVERNADOR DA BAIA

O dr. Luís Viana Filho, governador da Baía, que se encontra entre nós, foi ontem recebido pelo sr. Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano. Visitou ainda as instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e do Laboratório de Física e Energia Nuclear, em Sacavém. À noite esteve no jantar oferecido pela Academia Internacional de Cultura Portuguesa, de que foi eleito académico correspondente.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. brigadeiro Pereira do Nascimento, secretário de Estado da Aeronáutica; prof. José Garrido Torres, vice-reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Calouste Gulbenkian; eng.º Luís de Azevedo Coutinho; Américo de Sousa Leite e eng.º Fernando Maia Galvão; e ainda os corpos directivos do Clube de Vela do Atlântico.

A actividade diplomática de Saigão com vista ao período pós-guerra

SAIGÃO — O Vietnam do Sul está a fazer um esforço concertado, com a aprovação discreta dos Estados Unidos, para restabelecer as relações diplomáticas com os seus vizinhos do Sueste Asiático, cuja amizade poderia ser precisa após uma solução do conflito vietnamiano.

O presidente Thieu revelou a semana passada aos jornalistas encontrar-se pronto a «restabelecer relações amistosas» com o Cambodja, e restar relações diplomáticas com a França, trocando novamente embaixadores. Como é sabido a França foi durante muito tempo a nação colonizadora no Vietnam.

E o ministro dos Negócios Estrangeiros de Saigão, Tran Chan Thanh, enviou emissários á Indonésia, sugerindo a este país a normalização das relações diplomáticas interrompidas em 1962.

As razões do Governo de Saigão — e as de Washington — são fáceis de compreender, em particular no referente ao Cambodja. O próprio presidente Nixon encontra-se ansioso por restabelecer as relações diplomáticas com o príncipe Sihanuk.

A importância do restabelecimento de contactos directos com aquele que exerce poder absoluto no Cambodja deve-se á necessidade de obter a sua cooperação no policiamento de uma retirada eventual das tropas norte-vietnamianas ao mesmo tempo que a das forças americanas — se isto se tornar uma das condições de uma solução em Paris.

O príncipe Sihanuk reconheceu que as forças norte-vietnamianas utilizam — sem sua autorização — como santuário, as províncias orientais do Cambodja, depois de se baterem no Vietnam.

Pensa-se em Saigão que as recentes conversações de Gaulle-Nixon (quando da viagem á Europa do presidente dos Estados Unidos) contribuiram para diminuir a hostilidade do príncipe Sihanuk em relação aos Estados Unidos e ao Vietnam do Sul. O príncipe Sihanuk é admirador do General de Gaulle, ainda que o seu país, como o Vietnam, tenha feito parte do império francês, até há uns quinze anos.

por JACK FOISIE

Exclusivo «The los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»

As relações diplomáticas entre o Cambodja e os Estados Unidos foram interrompidas em 1955 devido ás «condições impossíveis», segundo o príncipe Sihanuk, do auxílio americano ao Cambodja.

Sihanuk pode desencadear a sua eloquência contra os chineses e os norte-vietnamianos, tanto mais quanto isso convém á sua política neutralista, e recentemente mostra cada vez mais a sua preocupação pela ocupação, mais ou menos permanente, de partes longínquas do seu país por forças sul-vietnamianas que passam as fronteiras, por demarcar, do seu país a fim de perseguir os comunistas.

Integridade do Cambodja

O presidente Nixon tomou a iniciativa de dar a saber ao príncipe Sihanuk, por intermédio do embaixador da Austrália em Phnom Penh, que os Estados Unidos estão prontos a reconhecer a «integridade territorial do Cambodja... no interior das suas actuais fronteiras».

O Príncipe Sihanuk mostrou-se satisfeito com esta declaração, e a ausência de protesto do Governo de Saigão indica que este está pronto a esquecer a sua contenda fronteiriça com Phnom Penh. Há doze pontos da fronteira comum do Cambodja com o Vietnam do Sul em disputa, designadamente algumas ilhas ao largo das costas da Península.

O restabelecimento das relações diplomáticas entre o Cambodja e o Vietnam do Sul seguir-se-ia provàvelmente ao das relações diplomáticas entre Washington e Phnom Penh. A ruptura das relações entre o Cambodja e o Vietnam do Sul, em 1962, foi provocada por diversos incidentes fronteiriços, e pelas reivindicações do Cambodja sobre uma parte do palácio dos Altos Comissários franceses em Saigão — pela qual o Governo do Cambodja pede compensações.

A importância de questões deste género não é de subestimar na Ásia.

Aproximação com a França

A aproximação com a França empreendida pelo presidente Thieu talvez tenha por objectivo desenvolver o prestígio de Saigão em Paris, para contrabalançar os esforços dos norte-vietnamianos e da Frente de Libertação Nacional. O objectivo desta batalha é representado pelos cerca de 70 mil vietnamianos que vivem em Paris.

Os esforços de Saigão em direcção á Indonésia só estão no início, tendo sido enviado a Jacarta, com credenciais do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Saigão, um antigo jornalista desta cidade, em teoria para ali reabrir o gabinete de Imprensa do seu Governo. Acaba de obter o visto, após dois meses de espera em Singapura.

Parece ter chegado o mo-

(Continua na página seguinte)

RECTÂNGULOS DA VIDA

UMA RUA...

Que bom seria se pudéssemos escolher o país, a cidade, a rua, a casa dos nossos sonhos, onde desejaríamos passar o resto da vida. Quantas vezes, ao passearmos numa cidade estranha, deparamos com *a rua*, com *a casa*. À frente um pequeno largo, uma árvore frondosa, e depois, uma tranquilidade... Mas a cidade em si? O país? E não, vendo bem, pensando melhor, não nos agradavam. Só a rua. Só a casa.

Aqui estamos quase sempre a viver numa rua que não nos diz nada de nada, numa casa-gaiola demasiado pequena, ou então grande mas velha, com tectos a esfacelarem-se e vizinhos ruidosos e um grande edifício novo, sempre ali especado, entre nós e o sol.

Há uma rua em Lisboa, não digo qual para não ofender as outras ruas e em especial a minha — é bom tratarmos bem a rua onde moramos,

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

não vá ela amuar e vingar-se um destes dias. Há pois uma rua sem nome, e sempre que por lá passo dou comigo a reflectir: «Era aqui». Fica perto do Chiado e é uma rua larga, branca, tranquila. Residencial? Porque não? Residencial. Carros, só os que vão para ali mesmo, porque não é rua que facilite a vida a carros. E lá ao fundo, por entre as duas últimas esquinas, avista-se decerto o rio. Era pois ali. Nesta cidade, naquela rua, numa casa qualquer, embora, claro está, preferisse um dos andares mais altos por causa da vista. Porque a vista era indispensável ao meu sonho. Um pedaço de rio Tejo para lavar à tarde os olhos cansados, para mergulhar de longe, nos dias quentes, para brincar um pouco com os barcos de passagem, quando estivesse cansada. E para depois ficar ali, tranquila ou intranquilamente, à espera do passar do tempo.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

T&P
Para o seu FIM DE SEMANA ou para as suas FÉRIAS,
TOURING CLUB DE PORTUGAL espera-o no
VALE DO SOL
ESTORIL • TEL. 28 33 85
APARTAMENTOS * RESTAURANTE * BABY SITTING * HIPISMO

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

Nota do dia

O HOJE E O AMANHÃ

O JORNAL É OU DEVE SER a imagem da vida que ele próprio reflecte. Que imagem? A do espelho? Talvez a resposta afirmativa possa ser a mais pronta, a mais fácil, a mais cómoda, também a menos controversa. E todavia, todavia talvez seja pouco ser só o espelho. Queremos dizer que a realidade vista ao espelho nem sempre será agradável, o que poderia ser o menos. Mas, pior do que isso, nem sempre é justa. E então, que fazer? Havemos de esconder a realidade, subtilizá-la, fugir dela ou fugir com ela para mais ninguém a ter? Por certo, não é disso que se trata, mas de não fazer dela o simples estendal das suas mazelas, antes procurarmos daí, dessa exibição tanta vez indesejável, a lição que lhe possa valer como correctivo.

É um terreno perigoso e difícil, reconheça-se, o de tal discussão. Perigoso, principalmente, pelos riscos que tem consigo de nos levar até donde pretenderíamos fugir. Mas é uma questão de ética, um problema de código próprio, que nos deverá conduzir em consciência a distinguir entre o possível e o impossível, a ver bem o até onde, sem que com isso se possa correr, no entanto, o risco de cair no pólo oposto que de nós fizesse simples mercadores de ilusões. Mas entre um e outro limite, há-de haver, não só o que se chama o conto de peso e medida, mas também a avaliação das responsabilidades.

Que significa a frequência de notícias de rapazes e raparigas que desaparecem da casa paterna a partir dos treze anos? É mais alguma coisa que a aventura dos vinte, a aventura fácil, o tentar vida nisto ou naquilo, aqui ou acolá, o fugir disto ou daquilo. É mais que isso, profundamente mais, sem que, no entanto, alguma coisa esteja apurada sobre o verdadeiro sentido desses estranhos e complexos movimentos, que talvez não tenham valor estatístico mas que têm evidentemente um significado social de que não nos podemos alhear mesmo antes de sermos capazes de lhe fixar a interpretação

A situação está a repetir-se com uma insistência que não pode deixar de fazer alarme e atrair a atenção dos responsáveis. E quando falamos em responsáveis, não vamos a sacudir a água do capote de cada um com a comodidade de pensar que os responsáveis são os governantes, pois havemos de ser capazes de sentir que responsabilidade todos a têm, necessàriamente a têm todos os que se julgam capazes de pensar, os educadores, pais de família e professores, sociólogos, escritores públicos, todos os que são capazes de ter um bocadinho da sua própria opinião e contribuir com ela para formar a opinião comum.

Que fazer pelo mínimo? Porventura, antes de sermos capazes de saber o que havemos de fazer, talvez possamos começar por saber o que havemos de não fazer. O fenómeno em si não é isolado, mas um caso social, produzido no meio e consequente dele. O meio somos nós. Logo, temos uma parte de culpa, por actos ou omissões. Os meios de expressão têm hoje uma capacidade tal de penetração que não podem isentar-se de um esforço veemente para controlar a força de que dispõem, não vão, como o aprendiz de feiticeiro, desencadear as forças com que brincam. O filme da aventura barata, inconsequente, onde se mostram «heróis» de qualquer massa, quantas culpas tem no cartório?

Até onde é justo exibir publicamente os pormenores de certos dramas? Em França, por exemplo, a delinquência dos jovens, a que não se evita certa publicidade necessária mas discreta, fica sempre no anonimato. Condenado que seja, o delinquente juvenil não é identificado publicamente, mas indicado apenas por uma inicial, pela idade, pelo tipo de estrato social donde provém. Entende-se que no termo do prazo de internamento que lhe tenha sido fixado em tribunal, o jovem cresceu e apareceu, supõe-se que recuperado para a vida, sem a marca infamante da condenação.

Os problemas da juventude, que sempre foram considerados do maior melindre, assumem no nosso tempo uma tal complexidade e características tão inesperadas que temos obrigação de pensar neles de toda a maneira e em todos os instantes. Pelo que fizermos hoje, certamente havemos de ser julgados amanhã. Mas não é o risco da condenação o que mais nos deve preocupar, pois que sempre as gerações se julgaram umas às outras e raras vezes com benevolência. Poderemos intervir, isso sim, na formação dos juízes que nos hão-de julgar. Eles serão como nós formos capazes de os fazer.

LENNY KUHR (19 ANOS DE CANÇONETISTA HOLANDESA)

NÃO REVELA QUANTO VEM GANHAR EMBORA SE CONSIDERE BEM PAGA...

A pequena holandesa chegou. Fez boa viagem — pois claro. Veio como é: rosada de carnes, macia de feições, simples de gestos, tímida de atitudes. Vedeta (mas não muito) ainda hesita quando fala e lhe pedem afirmações... Pois é.

Leny Kuhr chegou. Com a sua secretária (uma francesa que escolheu marido na Holanda) e o seu violista (o loiro Peter Sauer, que só tem olhos azuis para a pequena holandesa, mas isso é lá com eles) ainda passaram pelo hotel. Só deixou as malas e, logo a seguir, desaguar no Estúdio A, da Emissora Nacional, Ali, ao Quelhas.

A pequena holandesa é, verdadeiramente profissional. É natural. Embora com 19 anos apenas, canta já há 7. É isso; desde os 12. Ela própria conta, como foi.

— Nasci em Eindhoven. A cidade da Phillips. Tenho um contrato com esta marca. Só gravo para a Phillips.

Mas, voltando atrás:

— Nasci em Eindhoven. Quando era miúda cantava, mas o meu gosto era tocar viola. Aos 10 anos, os meus pais deram-me uma. Estudei. Aprendi e hoje toco e canto.

Mas, voltando ao princípio:

— Nasci em Eindhoven (Você conhece: é a cidade da Phillips?). Até aos 17 (dos 12 aos 17) interessei-me por música popular. A partir dos 17, passei-me para o «folk-songs». Hoje, porém, o meu anseio é compor. Cantar as minhas próprias canções. De algumas faço a música e a letra. Mas a letra, bem vê, é mais difícil. Então faço só a música.

Mas, voltando à origem:

— Nasci em Eindhoven. Lá aprendi a tocar viola. Não sou — digamos — muito teórica. Gosto de «inventar» a música das minhas canções. Mas tenho composto muito pouco, desde a Eurovisão. Não tenho quase nenhum tempo para mim.

E a pequena que nasceu em Eindhoven contou como há semanas foi cantar a França, como vem actuar em Portugal, como ainda este mês parte para a América do Sul.

— Nasci em Eindhoven. (Já lhe disse que é a cidade da Phillips?). Estou lá radicada, mas procuro desvendar o Mundo. Faço um grande esforço. Estudo. Já posso cantar em inglês, francês, espanhol, alemão. Tenho pouco tempo para mim. (Isto já lhe disse? Não disse?). Mas gosto de trabalhar.

E, parecendo esquecer-se que nasceu em Eindhoven, Lenny Khur acrescentou:

— Recebi canções polacas e israelitas. Vou começar a estudá-las. São muito bonitas. Estranhas. Assim como o Fado da Amália.

E, sem hesitações, voltou ao tema inicial:

— Nasci em Eindhoven. Mas, já lá era «fan» da Amália. Gostava de cantar fado como ela, ou, então, espirituais como Mahalia Jackson e Nina Simone. Também gostava de interpretar canção francesa como Gilbert Bécaud ou Jean Ferrat. Sabe, é que eu não tenho um estilo ou uma preferência: uns dias gosto de umas coisas; outros dias de outras.

Eis tudo. Estava feita a entrevista.

Mas, espere lá, só mais uma pergunta:

— Quanto vem ganhar à Emissora?

— Não sei. Isto é: sei, mas não gostava de o revelar, embora, na verdade, me considere bem paga. Com efeito, bem paga.

E partiu para o ensaio.

Apenas o agente artístico da vedeta que nasceu em Eindhoven, o Artur Pereira, veio, surrateiramente, trazer-nos, ao ouvido, uma novidadezinha:

— Lenny vem, canta e volta à Holanda, mas, em breve, regressa a Portugal.

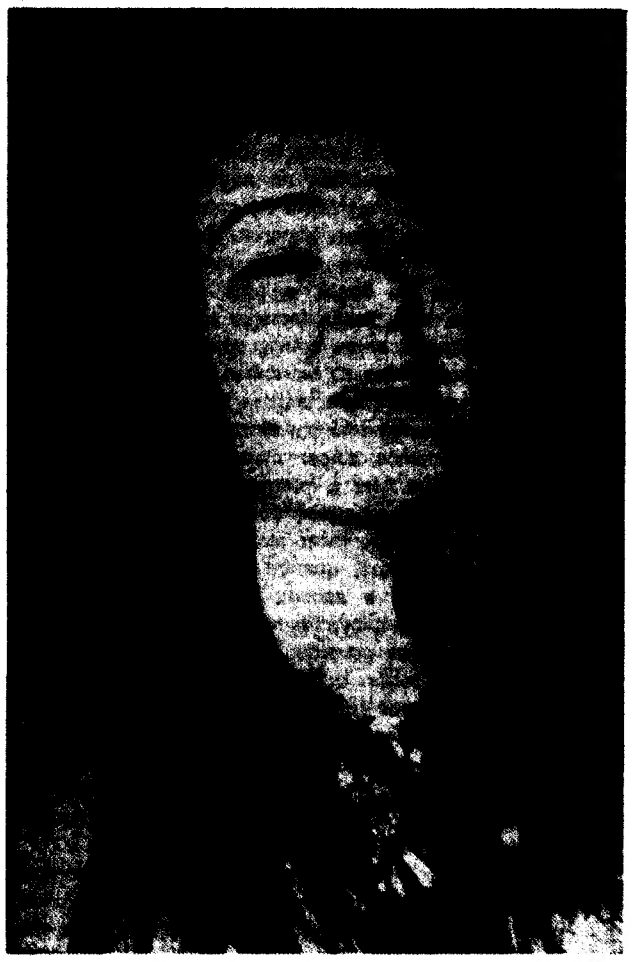
— Ah! sim?

— É verdade. Na primeira semana do mês de Julho, actua na Figueira da Foz.

— Ah! sim?

— É certo.

Esta parte do diálogo foi quase sumida, é que tinha, deveras, começado a ensaiar, no estúdio A, a pequena Lenny, que nasceu em Eindhoven (já sabem, a cidade da Phillips!).



Lenny Kuhr: «De Troubadour» em Lisboa

ora diga-nos...

Já viste teatro infantil?

O teatro infantil é, por definição, teatro concebido para as crianças. Não é, infelizmente, e pelo menos entre nós, feito pelas crianças. Será visto pelas crianças?

● *O pequeno Luís Filipe Casanova Ferreira disse-nos que...*

— Já. No «Passatempo Infantil», na televisão, e nos «roberto», na rua.

— E gostas?

— É uma maneira de a gente se divertir...

— E teatro num teatro, nunca viste?

— Já. Ainda há uns dois meses, vi o «Gondalim», no Teatro do Gerifalto. Fui com uns colegas da escola.

● *Outro miúdo, outro depoimento, José Carlos Gonçalves Rodrigues.*

— Muitas vezes. No Gerifalto, aí umas 20 vezes.

— E qual foi a primeira vez?

— Tinha eu sete anos e fui no Trindade. A peça chamava-se «O gato das botas».

— Percebeste alguma coisa?

— Percebi. Algumas coisas pelos menos. O resto, fazia de conta...

— Preferes cinema ou teatro?

— Cinema! No cinema há mais acção, mais «pera». No teatro é sempre a mesma coisa.

● *O último interrogado era o mais jovem, pois não contava mais de nove anos. Chamava-se Francisco José Marcelo Ramos.*

— Não, nunca vi.

— E gostavas?

— Gostava. Porquê? Para ver bonecos.

— Já pediste aos teus pais para ir?

— Já. Eles disseram-me que algum dia havia de ir

— E ao cinema, tens ido?

— Não. Também nunca fui. Mas hei-de ir!

OS 42 ANOS DA VARIG

FESTEJADOS NUM «COCKTAIL»

A Varig fez, ontem, 42 anos. Para uma companhia de aviação, é idade madura. Vejamos: a Varig nasceu, pode dizer-se, com o advento da aviação comercial no Mundo.

O facto mereceu as honras efémeras de um «cocktail» nas instalações da companhia em Portugal, na Praça Marquês de Pombal. Foi ao fim da tarde que ali se juntaram algumas dezenas de pessoas, entre as quais o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista e os directores de vários jornais, gente conhecida que, entre dois «whiskys» (ou «gins» ou, mais simplesmente, sumos de laranja), apreciava a nova decoração da casa e mantinha dois dedos de conversa com o dr. Amílcar Pinheiro, director da Varig em Portugal.

Não houve saudações nem discursos — o que merece ser referido. Mas falou-se muito, em grupinhos, das vistosas «toilettes» das senhoras brasileiras presentes — entre as quais Lúcia Bloch («Ela é a Manchete» — dizia o dr. Amílcar Pinheiro) — e do chapéu, enorme, da nossa colega Vera Lagoa (que, confidencialmente, nos informou ser emprestado).

E já era noite toda, quando os convidados começaram a sair. Traziam na memória a promessa do dr. Amílcar Pinheiro: «Qualquer dia convido todos para uma feijoada à brasileira. Mas não para notícia».

Alguns dos convidados no «cocktail»

ACTIVIDADE DIPLOMÁTICA DE SAIGÃO

(Continuação da pág. anterior)

mento de um restabelecimento geral das relações diplomáticas na Ásia do Sueste. O ministro pró-ocidental do Laos, príncipe Suvana Phuma, propôs o reconhecimento das fronteiras actuais do Cambodja. O Vietnam do Sul acaba de transformar a sua representação diplomática no Laos em Embaixada.

A própria Tailândia, vizinho hostil do Cambodja nas suas fronteiras ocidentais, efectua aberturas ao príncipe Sihanuk. Portanto, sem ilusões, é de presumir que os dirigentes de numerosos países da Ásia do Sueste verifiquem que, de qualquer modo, a guerra do Vietnam acabará em breve, e que os Estados-tampões — O Laos e o Cambodja — entre os países comunistas e os não comunistas, se tornarão mais importantes do que nunca.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

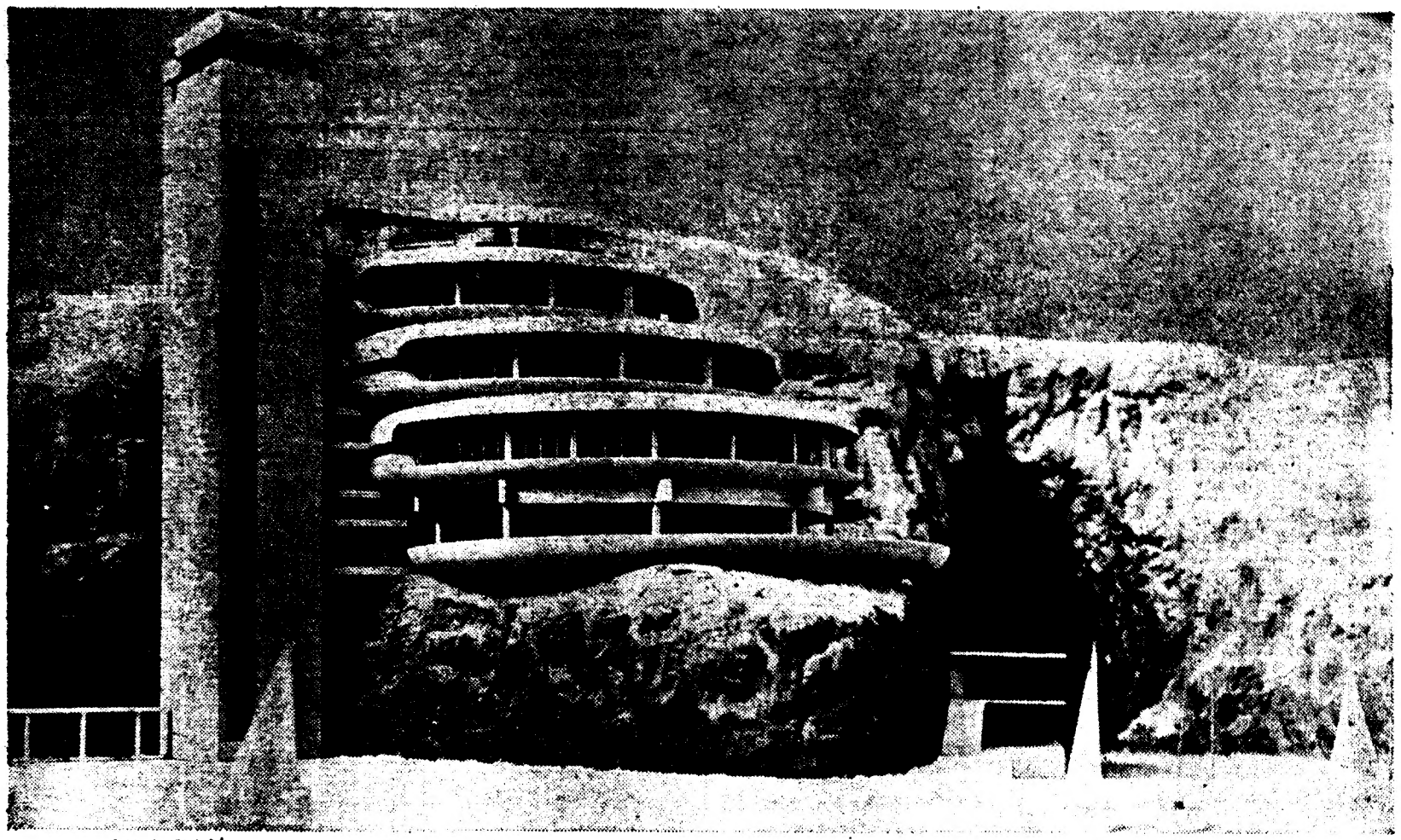
SOTINCO

diga SOTINCO ao seu pintor

Oportunidade única de investimento na Ilha da Madeira

10%

de rendimento anual garantido



O Yacht Club Matur, pela sua arquitectura é considerado pelas grandes autoridades em turismo internacional a mais espectacular unidade deste tipo em todo o mundo

Chegou o momento de investir na Madeira Uma ilha com clima privilegiado que lhe garante lugar cimeiro como estância internacional de turismo, onde a única limitação ao número de visitantes é a insuficiência de alojamentos.
A Matur, oferece, pela primeira vez essa oportunidade. Num empreendimento turístico que reune todas as condições para atrair turistas de todo o mundo:
Apenas a alguns minutos do aeroporto
Condições naturais verdadeiramente excepcionais, aliadas a uma beleza paisagística de sonho.
Equipamento turístico completo.

Diversos tipos de moradias e apartamentos à sua escolha
O novo centro turístico da Matur, já em construção, inclui:
Moradias e apartamentos
Palace Hotel da Madeira (300 quartos)
Yacht Clube Matur
Centro Social e Clube de Bridge
Centro Comercial
Restaurantes
Cinema
e muitas outras iniciativas que lhe dão o luxo e conforto indispensáveis.

10% de rendimento anual garantido

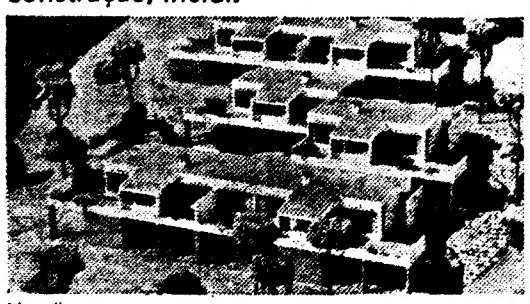
A Matur administra a sua propriedade **e garante-lhe um rendimento anual de 10% ao seu investimento.**
Sem ter de se preocupar com qualquer pormenor. Além de assinar os recibos...

O seu investimento na Ilha da Madeira será o mais lucrativo de todos os que tenha realizado. Porque nenhum outro local oferece tão extraordinárias condições de remuneração do seu capital.

E não esqueça que técnicos de turismo de todo o mundo apontam a Madeira como um fenómeno invulgar na indústria turística. Dezenas de investidores estrangeiros interessaram-se já por este empreendimento.

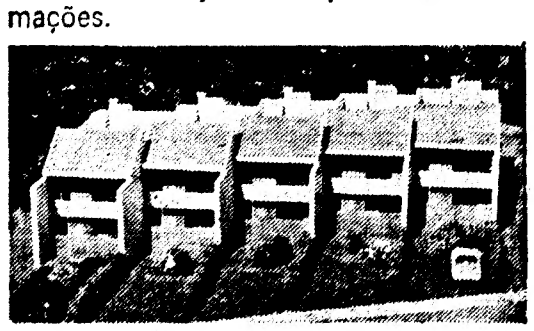
Se preferir, habite a moradia ou apartamento que escolheu. Beneficia, assim, do agradável clima da Madeira.
Para férias verdadeiramente repousantes. Em qualquer época do ano.

Escreva-nos hoje mesmo para mais informações.



Moradias em terraço

Edifício de apartamentos, com jardins interiores



Moradias geminadas.

MATUR—Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S. A. R. L.
Divisão de Vendas—Av. Infante Santo, 66 F—LISBOA
Sem qualquer compromisso, solicito que me seja enviado o folheto colorido sobre o v/ empreendimento na Madeira.
Estou interessado em: Moradia em terraço ☐
Moradia geminada ☐ Apartamento. ☐
Nome: _____
Endereço: _____
Recorte este cupão e envie-nos hoje mesmo.

Adquira a sua propriedade na Madeira com estas vantagens exclusivas
1—Preços acessíveis
2—Três modalidades de pagamento
3—Invulgar valorização do capital investido

O esquema de administração MATUR inclui:
1—Garantia de um rendimento anual de 10%.
2—Administração total de propriedade pela Matur.
3—Valorização derivada da crescente procura de alojamentos turísticos na Madeira.

MATUR

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta
HOJE EM ESTREIA

FINN JON ilusão e fantasia
TEREZA SILVA CARVALHO
directamente da Broadway

ÇA C'EST L'AMOUR

produção de
PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

LADY CHINCHILLA
só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21.30
CONTRATO PARA MATAR
(M. 17 anos)

«O ROMANCE DO LUACHIMO»

Dado o interesse suscitado pelo filme «O Romance do Luachimo», exibido na sala de projecção da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, no Palácio Foz, de 23 a 30 do mês passado, realizar-se-ão duas outras sessões, nos dias 12 e 13 deste mês, pelas 21 e 30 horas, podendo desde já ser solicitados bilhetes para qualquer delas na Companhia de Diamantes de Angola, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º, ou na

Agência de Turismo nos Restauradores.

Este filme, colorido e de longa metragem, foi realizado por Baptista Rosa e documenta numerosos aspectos da actividade da Companhia na Lunda, tendo sido produzido pelos seus Serviços Culturais.

CASA DE COMÉDIA
(Janelas Verdes)
22 horas exactas
STRINBERG
DANÇA DA MORTE
(Trad. R. Alberty)
CARMEN DOLORES
AUGUSTO FIGUEIREDO
E
ALVARO BENAMOR
Direcção: Jorge Listopad
Cenário: António Botelho

BLACK-OUT
pronuncia-se
Bleque-aute

A SURDEZ
A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM, casa especializada
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.
PORTO: Praça de Batalha, 3

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIZ

TITULO — «002 contra Al Capone» («Due Mafiose contro Al Capone»).
REALIZAÇÃO — Giorgio Simonelli.
INTERPRETES — Franco Franchi, Cicio Ingrassia.

Estreou-se ontem no Aviz mais um filme da dupla Franchi-Ingrassia, tratando-se desta vez de uma paródia aos filmes de *gangsters* na América dos anos 30. A realização é de Giorgio Simonelli e participam ainda Moira Orfei, José Calvo, Marc Lawrence (em colaboração muito especial), Luigi Pavese, Angela Luce, Gino Buzzanga e outros. O filme é em Technicolor e Techniscope. Segundo o programa, muito optimista neste aspecto, «é, portanto, uma verdadeira caricatura cinematográfica em que os «gags» se sucedem e as gargalhadas são contínuas».

Pela nossa parte, diremos que está aqui, embora a um nível ligeiramente melhor, o modelo de certos «ladrões de quem se fala» e de certas «bonanças e companhia» que se multiplicam na produção portuguesa apenas com a intenção de fazer rir. Não fora a sua total nulidade, e só por isto a dupla Franchi-Ingrassia merecia todo o nosso desagrado. Efectivamente, dois igual a zero-zero, como o título em português (002) parece querer sugerir. E é tudo.

E. P. C.

BLACK-OUT
pronuncia-se
Bleque-aute

A HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE QUIS BRINCAR COM O FOGO... E ARDEU NUMA CHAMA DE PAIXÃO!

UNIVERSAL
FILMES LUSOMUNDO

GEORGE PEPPARD

UMA NOVA CARA NO INFERNO

AMANHÃ
SENSACIONAL ESTREIA
ROMA
E
MUNDIAL
ADULTOS

GAYLE HUNNICUTT · RAYMOND BURR
WILFRID HYDE-WHITE · BROCK PETERS · SUSAN SAINT JAMES

REALIZ. JOHN GUILLERMIN · PROD. EDWARD J. MONTAGNE · música NEAL HEFTI · orgs. PHILLIP DUNNING JR. · TECHNICOLOR
TECHNISCOPE

UMA HISTÓRIA VIVIDA COM NERVOS DE AÇO!

Teatro Capitólio
Tel. 320879
HOJE, ÀS 21.45 H.
O original português de
NUNO MONIZ PEREIRA
Récita de autor
15.ª representação
A ESFERA FACETADA
Encenação de Rogério Paulo
M/ 17 anos
Sábado e Domingo
Tarde às 16 horas

BLACK-OUT
pronuncia-se
Bleque-aute

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

o filme seleccionado para inauguração de mais moderna casa de espectáculos de Lisboa
um filme que entra pela fantástica, onde o normal toma as proporções do bizarro...
JOGOS PERIGOSOS
JAMES CAAN · KATHARINE ROSS
SIMONE SIGNORET
3.ª SEMANA A ESGOTAR
CINEMA SONORO FILME
VOX
ADULTOS UNIVERSAL
TECHNICOLOR TECHNISCOPE
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS
Tel. 728808

Vasco Morgado J.or e Teresa Belo — o «yé-yé» os juntou

Mesmo ao lado do Teatro Villaret, á porta da Conservatória do Registo Civil, cento e dez convidados (e muitos «mirones») testemunharam o casamento de Teresa Belo com Vasco Morgado Jor. O enlace de uma «menina bem» com o herdeiro de um pequeno império teatral.

Teresa Belo conheceu o Vasco (o Vasquinho, como diz sempre mamã-Laura Alves) quando ensaiava uns passos de «yé-yé» no «Porão da Nau». Quando Eduardo Nascimento mais os Rocks fazia uma chinfrineira dos diabos. Quando já dentro no escritório, D. Rosário Belo (mamã coruja de Teresinha) fazia contas á exploração da «boite», ao negócio em que é associada de Vasco Morgado. Quer dizer: o casamento dos «rebentos» prolonga a ligação comercial dos papás.

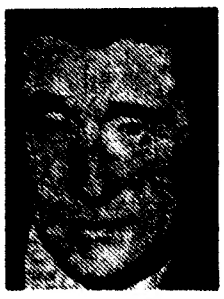
Vasquinho escolheu Rui de Carvalho para padrinho. Teresa mal disfarçava a sua pontinha emocional. Agora, já marido e mulher, os dois jovens preparam a viagem de núpcias: a 3 de Junho, por Angola e Moçambique, quando Vasco Morgado Júnior vestir a pele de actor e, sob a bênção de mamã-Laura, mostrar os seus talentos ás plateias ultramarinas.

Entretanto até ao fim da tarde de hoje, Teresa e Vasquinho estão em romagem ao local onde nasceu o seu idílio. No «Porão da Nau», o casamento foi pretexto para uns copos e para gente conhecida trazer para o rosto o habitual sorriso de circunstância. Tudo entre votos de felicidade. E muitos parabéns — é claro.

TEATRO
NA ASSOCIAÇÃO DO TÉCNICO

O Grupo Cénico da Associação de Estudantes do I. S. T. vai repetir a representação da peça «A Máquina de Naufragar», de Carlos Manuel Rodrigues.

O espectáculo que é subsidiado pela Fundação Gulbenkian, realiza-se no dia 11, ás 21 e 30, nas instalações da Associação.

ABC
As 20.45 e 23 horas
TEL 36 67 45 (ADULTOS)
SÓ ATÉ DOMINGO

TONY DE MATOS
ELAS É QUE SABEM
QUARTA-FEIRA, 14
ESTREIA no
SÁ DA BANDEIRA
NO PORTO

Recintos de diversões

* Os artistas Mariana Silva, Ana Hortense, Ada de Castro, Maria Valejo, Manuel de Almeida e Fernando Mauricio, entre outros, devem participar no festival que decorrerá durante a disputa das próximas «Vinte e quatro horas de Lisboa», em ciclismo.
* As artistas Beatriz da Conceição e Beatriz Ferreira devem estrear-se brevemente na «Tipóia».

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sexta-feira, dia 9, sábado, 10 e domingo, 11, a nossa «SALA», «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO E BANQUETES, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

Biblioteca Universitária Inova

World University Library

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE COEDIÇÃO INTERNACIONAL SIMULTÂNEA QUE SE PUBLICA EM 8 PAÍSES, E AGORA TAMBÉM EM LÍNGUA PORTUGUESA

Editorial Inova	Porto
Hachette	Paris
Aldus / Bonniers	Estocolmo
Guadarrama	Madrid
Kindler	Munique
McGraw-Hill	Nova Iorque
Meulenhoff / De Haan	Amsterdão
Il Saggiatore	Milão
Weidenfeld & Nicolson	Londres

MODALIDADES DE ASSINATURA EXCEPCIONAIS E
Uma viagem de 12 dias à Côte d'Azur
para assistir ao
1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO
NICE 1969, 31 MAIO / 10 JUNHO
CONCURSO
Patrocinado pelo JORNAL DE NOTÍCIAS e com a colaboração de TRANSNAUTICA — AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
PARA CONCORRER, BASTARÁ RECORTAR, PREENCHER E ENVIAR-NOS ATÉ 15 DE MAIO O CUPÃO ANEXO A CADA EXEMPLAR DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA. CADA CONCORRENTE PODERÁ ENVIAR UM OU MAIS CUPÕES. O SORTEIO PARA APURAMENTO DO LEITOR PREMIADO REALIZA-SE NO DIA 20 DE MAIO NA SEDE DO JORNAL DE NOTÍCIAS.

PRIMEIROS VOLUMES A PUBLICAR
1. O HUMANISMO NO RENASCIMENTO
2. O PROGRESSISMO NA EUROPA
3. A ECONOMIA DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS
4. A EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO
5. A BIOLOGIA DO TRABALHO
6. A PSICOLOGIA DA VISÃO (O Olho e o Cérebro)
7. ELEMENTOS DE FÍSICA NUCLEAR (Partículas e Aceleradores)
8. O AMANHECER DA TOLERÂNCIA
9. EM DEMANDA DO ZERO ABSOLUTO
10. ART NOUVEAU
11. PLANIFICAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO
12. O SUMO DA DEMOCRACIA GREGA

Volumes amplamente ilustrados, a preto-branco e a cores, com fotos, mapas ou diagramas adequados. Em cerca de 260 páginas, há 60 ilustrações.

EDITORIAL INOVA ☐ PORTO
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.º
SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO E LIVRARIA ◇ RUA JOSÉ FALCÃO, 82

Nome _____
Morada _____
_____ Localidade _____
ASSINALAR, COM O SINAL X, A MODALIDADE DE ASSINATURA ESCOLHIDA [A] [B] [C] [D]

CONDIÇÕES DE ASSINATURA DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA

MODALIDADE 63$00	A	Assinatura de volume a volume. Pagamento contra a entrega de cada volume.
MODALIDADE 178$50	B	Assinatura por séries de 3 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.
MODALIDADE 336$00	C	Assinatura por séries de 6 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.
MODALIDADE 630$00	D	Assinatura por séries de 12 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.

IMPORTANTE — PARA O ULTRAMAR E ESTRANGEIRO NÃO SÃO ACEITES ASSINATURAS NA MODALIDADE A

NO CASO DE NÃO DESEJAR ADQUIRIR TODOS OS 12 PRIMEIROS TÍTULOS, RISCAR OS NÚMEROS CORRESPONDENTES AOS VOLUMES EM QUE NÃO ESTIVER INTERESSADO
[1] [2] [3] [4] [5] [6] [7] [8] [9] [10] [11] [12]

COM O 12.º VOLUME SERÁ FORNECIDO UM POSTAL RSF COM OS TÍTULOS SEGUINTES A FIM DE PODER RENOVAR A ASSINATURA E INDICAR OS VOLUMES QUE LHE INTERESSAREM

estúdio 444
APRESENTA EM
2.ª SEMANA
O SALTO
ADULTOS
RANK FILMES

«...DOCUMENTO HUMANO DE INDISCUTÍVEL VALIA...»
P. C. — «D.' Popular»
«...ESTAMOS PRECISAMENTE PERANTE UMA OBRA DE GRANDE VALOR MERCÊ DO SEU TEMA.»
F. Perestrello — «Novidades»
«...UM FILME ADMIRÁVEL, QUE SE RECOMENDA PELA DIGNIDADE E SINCERIDADE»...
A. L. — «Século»
«...FILME PARA SE VER COM «OLHOS DE VER...»
E. — «D.' Notícias»

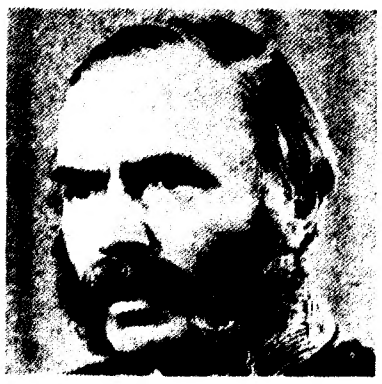
OMAR SHARIF

A INESQUECÍVEL TRAGÉDIA DE

MAYERLING

NUMA SUMPTUOSA EVOCAÇÃO.

CATHERINE DENEUVE



JAMES MASON

3ª SEMANA

SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO PARK

ADULTOS

EASTMANCOLOR

AVA GARDNER

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Desligou-se do elenco que vai desempenhar a revista dos Parodiantes de Lisboa o actor Octávio de Matos.*
- *Os artistas Florbela Queirós, Carlos Coelho e Octávio de Matos vão fazer uma larga digressão pelo Canadá.*
- *Volta a falar-se no ingresso de Badaró numa companhia de revistas.*
- *A actriz Maria Dulce recusou o convite para participar numa companhia do empresário Vasco Morgado.*
- *O empresário Eduardo Damas convidou a artista Hermínia Silva a ingressar no elenco de uma nova companhia em formação.*
- *A artista Helena Tavares também deve participar numa próxima digressão ao Canadá.*

As estreias de hoje

No Politeama

Título em Português — «Caça ao Ouro».
Produção — Itália, França, Espanha.
Realização — José Maria Forqué.
Intérpretes — Mireille Darc, Marilu, «Toto», Jacques Sernas e Daniel Bianchi.
Género — Aventuras
Distribuição — Filmitalus
Processo — Eastmacolor
Classificação — 12 anos

PAULA RIBAS

REGRESSA AMANHÃ A LISBOA

Regressa amanhã a Lisboa, pelas 8 e 30 horas, a cançonetista Paula Ribas, que cumpriu, nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, contratos que prolongaram por 70 dias a sua estadia ali.

A intérprete, que actuou em Miami (canal 47 da TV) no passado domingo, tem em mira deslocar-se às «Olimpíadas da Canção» (em Atenas) e efectuar, no início do Outono, uma larga digressão pelos países escandinavos.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela... ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL

TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!

Super Pepsodent

Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

• MARIA VITÓRIA •

HOJE ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS

• A SENSACIONAL REVISTA

•MÃOS À OBRA!•

ENORME SUCESSO DE:

SALVADOR • VIANA MARIEMA

MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES • HELENA CARDINALI • MARIANO FRANCO • VITOR ESPADINHA e a atracção MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO

SALVADOR no «compère»

ADULTOS

• UM ÊXITO NO TEATRO DOS MAIORES ÊXITOS! •

«Esta é a última oportunidade de recolher o velho folclore»

— lembra a directora do Ballet Polaco «Mazowsze» que hoje actua em S. Carlos

«Madame» Ziminska — a musica e a poesia mantiveram a unidade do povo

— Vemos os aldeões cantar, dançar e tocar. Depois, quando é caso disso, trazemos alguns para junto da companhia e começamos a observá-los em pormenor. Temos números de dois ou três minutos no nosso repertório que demoraram dois ou três anos a preparar.

Mira Ziminska-Sygietynska uma ex-actriz viúva do compositor Tadeusz Sygietynski, é a peça principal dum maquinismo chamado «Mazowsze» (leia-se **Mazévchê**), grupo de danças e canções da República Popular da Polónia. O «Mazowsze» estreia-se hoje no Teatro de S. Carlos, passa depois de amanhã para o Coliseu dos Recreios e viaja no dia 12 em direcção a Coimbra, Vigo e Porto. Estamos num ano de aproximação luso-polaca: depois do êxito de **«Tango»**, a discutida peça de Slawomir Mrozek, temos folclore em grande estilo.

Para as 130 figuras do «Mazowsze» é mais um país. Conhecem meio mundo — Europa, América do Norte e Central, várias nações do Oriente incluindo a China Popular e a Mongólia. Se lhes perguntarmos dirão com um sorriso:

— Cidade muito bonita. Povo hospitaleiro e simples.

Ontem à noite foram jantar ao Restaurante Folclore. Um encanto. «Ah, mas vocês têm danças tão antigas, coisas parecidas com a pavana, por exemplo!».

Fala Zdzislawa

Zdzislawa Grabkowska entrou para o «Mazowsze» há alguns anos. Conhece bem a história do agrupamento e não se excusa a contá-la (em inglês).

— Isto começou com uma escola. O casal Sygietynski juntou crianças de vários pontos da Polónia e teve a ideia de interessá-las no folclore nacional. Em 1948, como desfecho lógico do seu trabalho, resolveu formar uma companhia. A estreia absoluta do «Mazowsze» seria dois anos depois, com uma primeira ida à Rússia em 1951.

Entretanto, com o correr do tempo, a admissão no «Mazowsze» foi-se tornando cada vez mais difícil. Há um concurso anual, tão popular que chama um milhar de candidatos. Desses mil rapazes e raparigas são apurados seis ou sete.

— A prova consta simultâneamente de canto, dança e rudimentos cénicos. Ficam os melhores no «Mazowsze».

Para a companhia foi escolhida uma sede calma, o palácio de Karolin, a poucos quilómetros de Varsóvia. Horário bastante cheio fora das «tournées»: pequeno-almoço às 10 da manhã, trabalho, uma hora para almoço, mais trabalho. Até ás 5 da tarde, altura em que (finalmente!) se pode pensar em coisas fúteis.

Fala «Madame» Ziminska

«Madame» Ziminska-Sygietynska é uma apaixonada da sua arte. Sublinha a palavra gostosamente: **arte!**

Ela e o marido queriam deixar ao povo polaco um trabalho idóneo (por fazer nessa altura) de recolha folclórica. Percorreram o país de um a outro lado, e ainda hoje (T. Sygietynski morreu em 1855) o «Mazowsze» continua a visitar aldeias, a falar com pessoas, a registar o modo como elas cantam, dançam e tocam.

— A Polónia — diz «madame» Ziminska — esteve muitos anos sob domínio estrangeiro, em várias épocas da sua história. O que mantinha o povo unido era a música, era a poesia.

Agita as mãos nervosas. Acrescenta:

— Não sei o que sucede em Portugal, mas quer-me parecer que esta é realmente a última oportunidade de fazer uma recolha válida de folclore. Dentro de poucos anos todas as pessoas serão iguais: a televisão contribui muito para isso.

No museu (ou guarda-roupa) do «Mazowsze» há quatro mil trajes populares, alguns pesando 15 quilos. Bailarinos-cantores mudam oito e nove vezes de fato por espectáculo. Um deles, o da região de Zywiec, tem gola de folhos à espanhola, introduzida no país há três séculos por um corteão bastante viajado.

— Voçês fazem o mesmo com o vosso povo, não fazem? — pergunta «madame» Mira ao repórter.

«FERNANDA E O VELHO»

«Fernanda e o Velho» (História suja de gente suja) é o título da peça de Eduardo Damas, a apresentar em Outubro próximo num dos teatros de Lisboa.

A última peça deste autor («O caso Morley») foi estreada em Espanha, onde alcançou grande êxito, pela actriz Maria Fernanda Ladron de Guevara, numa tradução do grande dramaturgo espanhol Joaquin Dicenta.

Eduardo Damas pensa também apresentar «Fernanda e o Velho» naquele país, desta vez em tradução de Camilo Murillo.

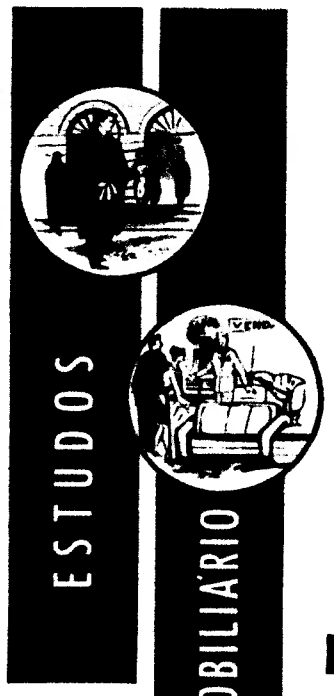
Confraternização de expedicionários

Um grupo de expedicionários de 1940-1945 vai realizar um jantar de confraternização, no dia 15, na Liga dos Combatentes.

A inscrição, que está aberta a todos os militares que fizeram parte de unidades expedicionárias durante a segunda Grande Guerra, pode ser feita, até ás 18 horas do dia 12, pelo telef. 34489 ou na Agência de Lisboa da Liga dos Combatentes, á Rua do Século, 50, 1.º, em Lisboa.

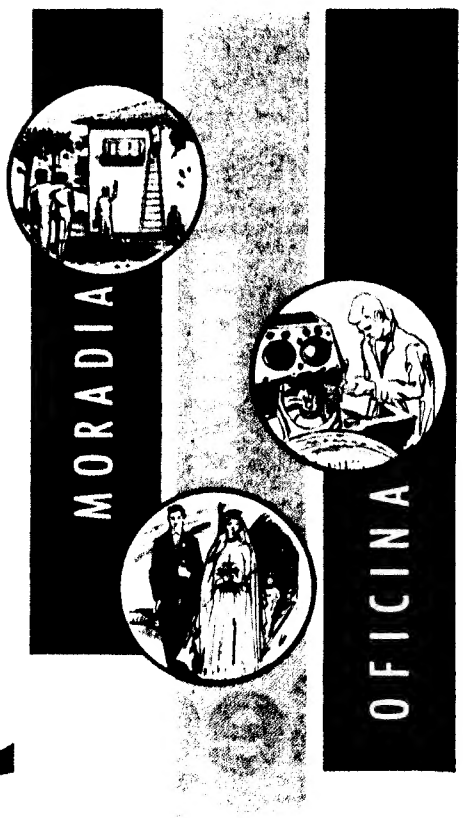
COLABORADOR/EXPORTAÇÃO

Português resid. há 10 anos em Londres procura oport. de trabalho em exportação que lhe permita viver em Portugal ou pelo menos visitar regul. Portugal. Desde Dez. 1963 como adjunto do director de operações nos mercados externos na sucursal inglesa de uma grande companhia americana (prod. farmacêuticos; mas disposto em princípio em trabalhar noutros ramos em que se ofereça oport.) Além de inglês, francês e algum alemão e italiano. Formatura Univ. Lisboa e 2 anos freq. Univ. Londres. Resposta a este jornal ao N.º 265.



UMA SIMPLES FORMALIDADE PODE DECIDIR O SEU FUTURO!

Também pode organizar a sua vida com base no crédito. Seja para realizar um «sonho» antigo, para melhorar o seu nivel familiar ou concretizar aspirações a um trabalho independente. Consulte o nosso serviço de **CRÉDITO FAMILIAR**. Diga-nos o que pretende e preencha o formulário que pomos à sua disposição. Esta é a única formalidade... uma simples formalidade que pode decidir o seu futuro.



CRÉDITO FAMILIAR

pali

BPM

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 53

LISBOA — RUA DO OURO, 95

O CRÉDITO FAMILIAR BPM não é um serviço novo. É um dos muitos serviços que há alguns anos colocamos ao dispor do público e que no seu conjunto fazem de BPM uma organização moderna e dinâmica, sempre na vanguarda das realizações bancárias.

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME_____

ENDEREÇO_____

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO

a sua seguradora

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 8 — (A. N. I.) — O comando-chefe das Forças Armadas na Guiné no seu boletim semanal, relativo ao período de 28 de Abril a 4 de Maio, comunica:

«Durante o período, o inimigo flagelou as povoações de Bujim, Suzana, Pachor, Piche, Caussará e Aldeia Formosa e os aquartelamentos de Saltinho, Guidage, Nhala, Catió, Cufar, Gulege, Nova Sintra, Cameconde, Caufaburi, Biambe, Memsapa e Chamarra. Implantou engenhos explosivos nas estradas Buba-Aldeia Formosa e Piche-Cambojan, e na região de Bujim (Suzana), e armou emboscadas ás nossas tropas nas regiões de Fabur, Bula, Encheia, Cápó, Cacheu e Talhatá Xime.

«Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu na região de Encheia um morto, na foz do Rio Dumor dois mortos e um capturado, na região de Dimples (Bula) dois mortos e a apreensão de armamento, na região de Iusse (Enoheia) três mortos, na região de Mansodé (Mansabá) um morto e a apreensão de armamento, munições e documentos diversos.

«Foram destruídos ao inimigo, meios de transposição nas vias fluviais e meios de vida. No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados 36 elementos da população.

«Durante o período o inimigo sofreu nove mortos e um capturado.

«As nossas forças não sofreram quaisquer baixas em combates.

Artes plásticas

Exposição na «Gravura»

Na sua galeria, á Travessa do Sequeiro, 4 r/c., a «Gravura — Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses vai inaugurar, na próxima segunda-feira, uma exposição da artista Maria Beatriz.

A exposição pode ser visitada todos os dias uteis, das 18 ás 20 horas.

Elegância automóvel no Estoril

Em continuidade da iniciativa que, anualmente, tem despertado o maior interesse no meio automobilístico, a Sociedade Estoril Sol vai de novo promover o já tradicional Concurso de Elegância e Conforto Automóvel. O certame está marcado para o próximo dia 25 e terá o patrocínio do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul.

Não se tratando propriamente de um salão automóvel, esta iniciativa, porém, proporciona ao público conhecer os modelos de automóveis das diversas marcas e avaliar das suas vantagens mecânicas, a par da elegância de linhas e harmonia de cores.

À semelhança do que aconteceu no ano passado, também este ano o concurso será valorizado com uma passagem de modelos de alta costura, sob a direcção do Secretariado Internacional da Lã.

O CENTENÁRIO DE GAGO COUTINHO NA TELESCOLA

Associando-se ás comemorações do centenário do nascimento de Gago Coutinho, o Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação organizou um plano de lições através do Ciclo Preparatório TV da Telescola que se prolonga até 17 de Junho, abrangendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, História e Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

Por outro lado, foi ainda estabelecido um programa de apoio a dar pelas disciplinas de Desenho e Trabalhos Manuais, nas quais os alunos executarão um painel colectivo alusivo á travessia do Atlantico Sul, outros sobre a chegada do avião ao Rio de Janeiro e igualmente em trabalho colectivo, um baixo relevo de homenagem a Gago Coutinho e uma construção do «Lusitania».

Reunião de diplomados católicos

No sábado, decorre no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Avenida Manuel da Maia, 2, uma reunião de diplomados católicos, com o seguinte programa: ás 17 horas, conferência sobre o tema «Actuação dos católicos na vida pública á luz do Concílio Vaticano II», pelo snr.º Manuel Lopes da Silva; e ás 19, missa.

Piscina aquecida de Aveiro

Avenida da Ilha

Funciona todos os dias sem interrupção das 9 ás 22 45 h

Tel 72 67 94

Temperatura: água 27° Ambiente 26°

Fórmula Bosch

Mais rendimento, comodidade e segurança

A "Fórmula Bosch" tem a idade dos primeiros automóveis e o progresso dos que se estão concebendo para o futuro.
É a designação do mais completo conjunto de equipamento eléctrico para veículos.

Porque Bosch é o único especialista mundial em todos os ramos de equipamento eléctrico para veículos. A sua formidável experiência global, permite-lhe estender as vantagens de uma descoberta técnica a toda a gama que fabrica.

A "Fórmula Bosch" marca, por isso, o progresso. Bosch produz o melhor.

As velas Bosch com o eléctrodo Cr. representam muito mais motor para o seu carro.

Os faróis Bosch (tão indispensáveis como os bons travões) proporcionam-lhe a visão total da estrada, e a longa distância, mesmo com nevoeiro.

As baterias Bosch estão ao seu serviço por muito mais tempo.

As buzinas e fanfarras Bosch, de som harmonioso, ouvem-se e avisam mais longe.

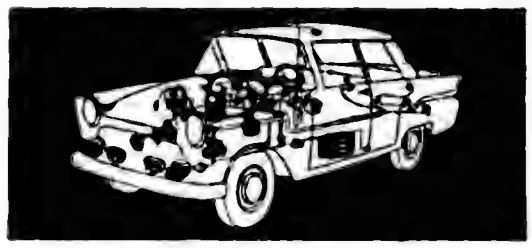
ADOPTE A "FÓRMULA BOSCH"!
GARANTIA MÁXIMA DE RENDIMENTO, SEGURANÇA E COMODIDADE.

Recorte o cupão anexo e, indicando o nome e morada, endereço-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 32 — LISBOA
ou Rua Júlio Diniz, 927 — PORTO

BOSCH BOSCH BOSCH BOSCH BOSCH BOSCH BOSCH

cupão

Queiram enviar-me informações sobre o equipamento eléctrico Bosch para veículos.



A gama completa de equipamento eléctrico para veículos

BOSCH

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Interior

O ministro do Interior recebeu em audiências separadas o governador civil do Porto, o chefe do distrito da Guarda, acompanhado do presidente e vice-presidente da Câmara de Pinhel, o deputado por Braga dr. Borges de Araujo e o dr Urbano Ulisses Pires.

● Ministro do Ultramar

O ministro do Ultramar recebeu em audiência a direcção da Casa de Macau, o deputado Neto de Miranda, pelo círculo de Angola, o prof dr. Gonçalves Ferreira, secretário provincial de saúde de Moçambique.

● Ministério da Saúde

A fim de tratar de assuntos de interesse para os cegos portugueses, são hoje, ao fim da tarde, recebidos pelo ministro da Saúde e Assistência os corpos directivos da Associação de Beneficência «Luís Braille».

● Subsecretário das Obras Públicas

O subsecretário de Estado das Obras Publicas teve, esta manhã, duas sessões de trabalho, no seu gabinete, uma com o governador civil de Castelo Branco e presidentes das Câmaras de Penamacor, Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão; a outra com o governador civil da Guarda, e com os presidentes das Câmaras de Figueira de Castelo Rodrigo e Vila Nova de Foz Coa.

O dr. Silva Pinto recebeu, também, em audiência, a madre Avia, do Colégio das Doroteias.

OS PROBLEMAS QUE SE LEVANTAM NA ALIMENTAÇÃO DOS PORTUGUESES

SÃO SOBRETUDO DE NATUREZA ECONÓMICA

— conclusão do Encontro da Associação dos Engenheiros e Economistas Católicos

Os problemas da alimentação e da política agrária em Portugal foram apreciados, com pertinência, num encontro da Associação de Engenheiros e Economistas Católicos, recentemente efectuado na sede da U.C.I.D.T.

— *O estabelecimento de uma adequada política alimentar—afirmou-se — reveste-se de aspectos particularmente difíceis, parecendo, por outro lado, que, no caso português, são sobretudo de natureza económica os problemas que se levantam ao pensar na alimentação dos portugueses, a qual em termos médicos é considerada deficiente.*

Ponderou-se, também, o baixo nível de rendimento da maioria dos portugueses e a falta de conhecimentos «mais ou menos generalizada do valor nutritivo dos alimentos e dos requisitos duma dieta equilibrada são os dois principais factores que condicionam a situação alimentar do português médio.»

Disse-se, ainda, que os numerosos estudos efectuados sobretudo sob o patrocínio da F. A. O. evidenciam a influência marcada do nível de rendimento disponível nos aspectos quantitativos e qualificativos das situações alimentares verificadas nos diversos países.

E acrescentou-se:

— *Em estudos recentes efectuados em Portugal se determinaram os parâmetros que relacionam o consumo com o rendimento nacional, nomeadamente a propensão marginal a consumir produtos alimentares e os coeficientes de elasticidade consumo-rendimento. A partir destes valores estabelecem-se projecções do consumo alimentar na sua forma mais agregada e por produtos, com base nas quais é possível estabelecer orientações à produção agrícola. Estas orientações resultam assim directamente influenciadas pelo rendimento nacional na medida em que este determina os níveis de consumo para os vários produtos. Com base na orientação assim definida para a produção, analisou-se o equilíbrio produção-procura e estimaram-se os «déficits» que na ausência de quaisquer medidas correctoras se agravarão nos próximos anos.*

Concluiu-se que a manterem-se as linhas de tendência verificadas na produção nos últimos anos, mesmo tendo em conta os programados no III Plano de Fomento, os «déficits» já existentes no abastecimento alimentar do povo português se agravarão ainda mais.

A IRMÃ DE AMÁLIA SERÁ OPERADA NO FIM DO VERÃO

BOSTON, 8. — (A. N. I.) — Foi agora marcada, para o fim do Verão, a transplantação de rim a que vai submeter-se a irmã mais nova de Amália Rodrigues, Maria Sweetman — anuncia um informador do hospital Peter Bent Brigham.

A doente não está agora hospitalizada, mas vai duas ou três vezes por semana á «Normandy House», uma dependência do referido hospital, onde se lhe está a proceder á purificação do sangue mediante um rim artificial.

A dadora do rim a enxertar em Maria Sweetman é, como foi anunciado, a sua outra irmã Celeste Rodrigues, que chegou a Boston em 27 de Abril.

DELEGAÇÃO DE INDUSTRIAIS ANGOLANOS EM ROMA

Seguiu para Roma, a convite do Governo italiano, por intermédio da sua Câmara do Comércio Externo, um grupo numeroso de industriais angolanos. Esta visita relaciona-se com o interesse manifestado pela indústria italiana em adquirir produtos do Ultramar. Aqueles industriais permanecerão em Itália cerca de 15 dias durante os quais visitarão os centros de maior interesse para a actividade em que se integra a sua acção.

O grupo é constituído pelo eng.º António Garcia de Castilho, presidente da Associação Industrial Angolana, e outras individualidades.

DOENTE A ACTRIZ CREMILDE DE OLIVEIRA

Recolheu a noite passada ao Hospital de S. José, a actriz Cremilda de Oliveira, de 81 anos. O seu estado é considerado bastante grave.

Trajos regionais portugueses vão inspirar a moda internacional?

A fim de desenhar modelos de trajos regionais portugueses que se destinam a inspirar a moda internacional, chegou esta manhã ao aeroporto da Portela, proveniente de Nova York, o desenhador mundialmente conhecido Georges Cyrus Adams, director da revista «Vogue».

Cumprida a missão de que se incumbiu, aquele desenhador permanecerá alguns dias de férias no nosso País.

O COMUNICADO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE

Da reitoria da Universidade de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«Nos ultimos dias registou-se, em várias escolas da Universidade de Lisboa e noutros estabelecimentos de ensino, uma intensa campanha de propagnda, para uma reunião de protesto que se deveria realizar hoje, dia 7, ás 13 horas, junto á Cantina Universitária.

A hora indicada reuniram-se ali alguns magotes de individuos, em grande parte estranhos á Universidade, que, depois de terem procurado em vão acções nas Faculdades de Letras e de Direito, em cujas instalações penetraram, se dirigiram para o interior da Cantina, insultando os estudantes que nela se encontravam, e que se mantiveram indiferentes aos apelos dos desordeiros. Depois de ali ter praticado vários estragos materiais e outros desacatos, o mesmo grupo deslocou-se á Faculdade de Medicina, onde destruiu os vidros e o mobiliário da delegação do Centro Universitário de Lisboa.

Não se verificou a intervenção da autoridade policial, por a mesma não ter sido considerad necessária pelas autoridades académicas, dada a atitude ordeira, e em muitos casos de vigorosa repulsa, manifestada pela generalidade dos estudantes que se encontravam na Cidade Universitária.»

Dr. Abílio Manuel Aranha Furtado de Mendonça

Novo vice-presidente do Município do Porto

PORTO, 8

Acaba de ser nomeado vice-presidente da Camara Municipal do Porto o sr. dr. Abílio Manuel Aranha Furtado de Mendonça.

O dr. Furtado de Mendonça é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra e tem 34 anos. Exerce, na cidade do Porto, a profissão de advogado. Cumpriu, como capitão miliciano uma comissão militar na Guiné, de onde regressou no ano findo.

A data da posse será designada brevemente

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO F. C. PORTO

Está marcada para o dia 19 a reunião extraordinária da assembleia geral do F. C. Porto requerida por um grupo de 230 associados do clube para apreciar «factos tornados publicos relativos á secção de futebol e medidas a tomar»

TREINADOR JAPONÊS DE NATAÇÃO NO F. C. PORTO

Na habitual reunião com a Imprensa a direcção do F. C. Porto forneceu as seguintes notícias:

— Foi assegurada a vinda de um treinador japonês, de nome Nakana, para o qual já foi marcada passagem. A sua chegada a Portugal está prevista para os primeiros dias de Junho.

— *Inquérito* — O Conselho Fiscal vai dar o seu parecer a propósito do inquérito mandado instaurar pela direcção ao diferendo jogadores-ex-treinador de futebol. Só depois de apreciado a direcção se pronunciará.

Afonso Pinto de Magalhães, por fim, agradeceu a presença dos órgãos de Informação, aos quais saudou e ás empresas que representam.

ALTOS FUNCIONÁRIOS DO CONSELHO SUPERIOR DE OBRAS PÚBLICAS

No Conselho Superior de Obras Publicas, Rua das Pedras Negras, efectuou-se ao fim da manhã a cerimónia da posse de quatro altos funcionários daquele organismo consultivo, coadjutor do Governo. Trata-se dos eng.ºs Amaro da Costa, ex-secretário de Estado da Industria, e Canto Moniz, ainda há pouco ministro das Comunicações, que passam, respectivamente, a vice-presidente e inspector-geral do Conselho Superior; dos profs. eng.ºs Jaime Rebelo e Edgar Cardoso, nomeados vogais do mesmo Conselho.

Presidiu o titular da pasta das Obras Publicas, eng.º Rui Sanches e estavam também presentes o subsecretário do mesmo departamento, dr. Silva Pinto, o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vasco Leónidas e o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta.

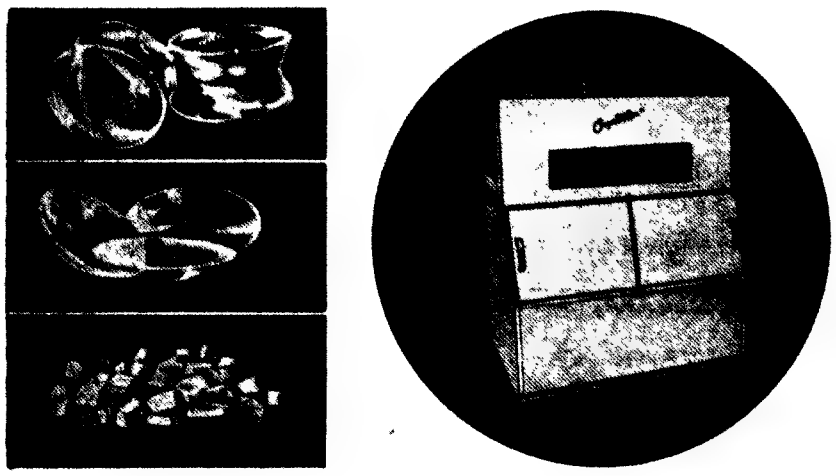
A posse foi conferida pelo director do Conselho, eng.º Mesquita Lima, que, ao usar da palavra, elogiou rasgadamente os empossados, e se congratulou com o aumento dos quadros dirigentes do organismo que chefia, devido á iniciativa do minstro. Chamou depois a atenção para a urgência da melhoria do pessoal administrativo sob as suas ordens, melhoria que, disse, esperava ver consignada na reforma administrativa em estudo.

A seguir, produziram breves declarações de agradecimento o eng. Amaro da Costa, em seu nome e no dos eng.ºs Canto Moniz e Jaime Rebelo, e o eng.º Edgar Cardoso, em seu próprio nome.

«Diário de Lisboa»

Do sr. dr. Jaime de Almeida Loureiro, recebemos um cartão de agradecimento pelo relevo dado á notícia da sua nomeação para administrador da R. T. P.

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 13 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:
MJM MANUEL J. MONTEIRO & Cª L.da
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 366061/4 324254/6

«TREZE» NO TOTOBOLA — CONTA NO BANCO...

• *O empregado bancário esteve, na qualidade de depositante, na casa em que é funcionário*

Ele voltou ao Banco em que é empregado para receber tudo isto...

No Banco Português do Atlântico, onde aliás é funcionário, esteve o sr. Fernando José Gomes Brito, que, acompanhado de seu pai, o sr. Torcato dos Santos Brito e de Manuel Quaresma, agente do Totobola na Cova da Piedade, foi receber a importância de 2 659 910$00 que ganhou no concurso das Apostas Mútuas Desportivas efectuado no domingo de Páscoa, e em que foi o único totalista.

E no «seu» Banco o Fernando José Gomes Brito deixou depositada integralmente aquela quantia, uma conta depósito aberta em seu nome e no do seu progenitor.

Apesar das muitas cartas recebidas até agora, o novo bimilionário do Totobola continua um homem sereno, cumprindo as suas obrigações militares e frequentando assiduamente as aulas do Instituto Comercial já que o seu grande anseio é desde há muito a licenciatura em Económicas.

Evidentemente que, dispondo de tão avultada quantia o Fernando José Gomes Brito pensa numa aplicação rentável do seu capital. E como seu pai exerceu, antes de ser funcionário dos C. T. T., actividades na construção civil, o novo bimilionário pensa que a edificação de um prédio pode perfeitamente corresponder ao seu desejo.

DESPEDIDA DE UM CONTINGENTE DE ENGENHARIA

No aquartelamento do Regimento de Engenharia n.º 1, à Pontinha, realiza-se no dia 12, a festa de despedida de um contingente de Engenharia que, em breve, partirá para o Ultramar.

Conferência de Aviação Civil

Na Direcção-Geral da Aeronáutica Civil efectua-se hoje e amanhã, uma reunião preparatória da próxima sessão da Comissão Económica da Conferência Europeia da Aviação Civil, a qual decorrerá em Paris de 19 a 22 deste mês e será presidida pelo director-geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vítor Veres, a quem já há vários anos foi confiada a presidência daquela comissão.

A reunião em Lisboa tem por tema central a regulamentação a estabelecer uniformemente pelos Estados europeus em relação aos voos dos transportadores não regulares através do Atlântico Norte. Assistem delegados da Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Portugal.

O julgamento do caso do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz

COIMBRA, 8.—Está marcado para o dia 23 de Junho próximo o início do julgamento do caso do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz, no Verão de 1967.

O julgamento efectuar-se-á no tribunal de Coimbra, devendo presidir o corregedor do círculo, dr. José Henriques Simões, tendo como assessores os juízes dos II e III tribunais da comarca, respectivamente, drs. Manuel Gonçalves Caramujo e Francisco Xavier de Morais Sarmento. Delegado do Procurador da República é o dr. Fernando Dias Simão.

A defesa dos réus está a cargo dos conhecidos advogados drs. Vasco da Gama Fernandes, de Leiria, Costa e Melo, de Aveiro, Mário Soares, de Lisboa, Armando Bacelar, do Porto, Fonseca Viegas e Melo Biscaia, da Figueira da Foz.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1962
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1968
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Fiat 850	1967
Comet 202	1964
Corlina	1964
Cadillac Imperial	1962
Ford Thames	1960
Renaut	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
Austin Cooper S m/ extras motor novo transformado.	
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Hillman Super	1966
Volvo B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1963
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

Rua de Campolide, 27-B

O meu filho pediu-me para frequentar o Ciclo Preparatório TV...

LEIA AS RAZÕES POR QUE DEVE RESPONDER «SIM»

—Ele completa este ano a 4.ª Classe. O seu futuro é decidido agora. À sua frente abrem-se dois caminhos. A 5.ª e 6.ª classes. O Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

Problema difícil? Não.

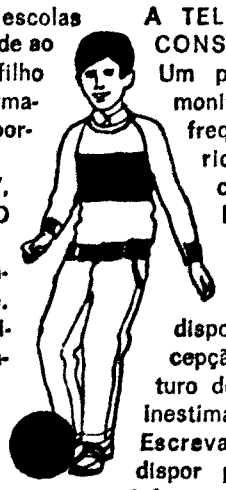
Veja as razões que devem guiar a sua escolha.

A 5.ª e 6.ª classes destinam-se, principalmente, aos que pretendem completar a instrução primária e não têm intenção de prosseguir os estudos.

O Ciclo Preparatório dá acesso directo ao 2.º ciclo dos liceus e aos cursos de formação das escolas técnicas. O que corresponde ao desejo de dar ao seu filho um curso. Para melhor formação profissional e mais oportunidades na vida.

CICLO PREPARATÓRIO TV, A SOLUÇÃO DO SEU CASO

Na sua localidade, porém, não existem escolas preparatórias? Não se preocupe. Porque onde chega a televisão, chega o Ciclo Preparatório TV. Rigorosamente equivalente ao Ciclo Preparatório directo. Apenas é necessário que exista um posto de recepção.



A TELESCOLA AJUDA-O A CONSTRUIR O FUTURO

Um posto de recepção. Um monitor. E o seu filho poderá frequentar o Ciclo Preparatório TV. Beneficiando, em caso de necessidade, de bolsas de estudo e subsídios de transporte.

Coopere com os outros pais para que a sua terra disponha de um posto de recepção. Garante, assim, o futuro do seu filho e presta um inestimável serviço à comunidade. Escreva-nos. Estamos ao seu dispor para lhe dar todas as informações.

IMAVE

INSTITUTO DE MEIOS ÁUDIO-VISUAIS DE EDUCAÇÃO — Rua Florbela Espanca - Telef.: 76 14 97 - Lisboa 5

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL EM COLABORAÇÃO COM RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA, S.A.R.L.

DIÁRIO DE LISBOA 8 MAIO 1969

ECOS

NUM inquérito realizado no Brasil, no meio da prostituição, em São Paulo, uma das perguntas foi «Você gostaria de abandonar a prostituição?» 90,5 % das mulheres interrogadas respondeu «sim»; 6 % disse «não» e apenas 3,5 % se mostrou indiferente. Um terço das que desejariam ter outra vida alegou que sente vergonha «por causa do desprezo dos outros e da família». Outro terço queixou-se da insegurança económica e da perseguição policial. Muitas ainda exprimiram o seu receio da doença venérea e ainda a nostalgia do lar, da família, da maternidade.

★

A venda ao domicílio afecta a vida das francesas. Como? De há dois anos para cá, artigos de uso doméstico, produtos de beleza, máquinas de cozer e de fazer «tricot», aparelhos eléctricos invadem desta forma os lares gauleses. Não já — estamos em 1969 — pelo rotineiro processo do porta-a-porta. Não: agora aborda-se a cliente pelo telefone, oferecem-se-lhe vantagens, conquista-se-lhe a confiança, toma-se chá com ela e .. vende-se-lhe o produto, após a demonstração ao domicílio. Até enciclopédias assim se transaccionam... Há equipas de especialistas, conselheiros e conselheiras de beleza .. As participantes não são forçadas a comprar. Mas acabam quase sempre por fazê-lo. Até por pudor. Até por vaidade. A vizinhança observa... Jacqueline Dana analisa este fenómeno sociológico em **Le Nouvel Observateur.** Os maridos franceses correm o risco, quando voltam do trabalho, de encontrar as esposas e as casas modificadas por estas visitas da hora da merenda ..

★

NUMA entrevista, que não teve a audiência que merecia, o general Cao Ky, primeira figura do Vietnam do Sul, fez declarações tão sensacionais como estas (que dispensam qualquer crítica agressiva): «A cultura não me interessa. Não tenho cultura e não me sinto diminuido por isso. Os homens cultos são raramente homens de acção. Aliás, nunca me achei menos inteligente pelo facto de não ser culto. Olhe para os nossos camponeses: são mais inteligentes do que os nossos **leaders** corruptos. É o sofrimento que lhes dá cultura».

O JÚRI ESCOLHE HOJE AS FINALISTAS DO CONCURSO PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

Nos salões da «Bayer Portugal S. A. R. L.», na Rua Sociedade Farmacêutica, n.º 3-C, em Lisboa, reunem-se hoje, pelas 17 horas, 30 jovens escolhidas de entre as candidatas ao titulo de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas. Trinta jovens que, após uma selecção (através de elementos fotográficos e identificadores) saltaram de entre 161 inscritas neste concurso. Isso, por si só, já representa um triunfo — justo é mencioná-lo.

Na «Bayer», as 30 candidatas seleccionadas vão contactar com o juri do concurso, de molde a poder reduzir-se a 10 o numero de «teen-agers» que no próximo dia 20, participarão na cerimónia de eleição final da «Princesa».

Os requisitos que vão influir no julgamento do juri são: afirmação de personalidade, frescura, voz bonita, compostura, boa figura, graciosidade de movimentos, cultura geral, boas maneiras, apresentação e equilíbrio de valores. As finalistas devem fazer-se acompanhar de documentação que permita certificar o estado e a idade. Depois, apenas há que esperar a decisão do juri. Esperar e confiar.

A TAP, a «Bayer», a «Loja das Meias» e a «Formfit» oferecem prémios sensacionais

Nunca será de mais salientar que excelentes prémios aguardam as finalistas do nosso concurso. O melhor, o mais saboroso, o mais espectacular é a maravilhosa viagem aos Estados Unidos da América do Norte em avião da TAP. Os Transportes Aéreos Portugueses renovam, assim, a magnífica colaboração que sempre oferecem a todas as iniciativas do «Diário de Lisboa». Desta feita, a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesa (com um acompanhante á sua escolha) atravessa o grande mar na certeza absoluta de que a viagem nos T. A. P. redundará em passeio inolvidável.

Por seu lado, a prestigiosa «Bayer Portugal» destina a cada jovem finalista um corte de «Dralon Imprimé» (e mais 500 escudos para o respectivo feitio), além de um vestido já confeccionado na famosa firma de renome mundial. Porém, a «Bayer» quis prolongar a sua valiosa presença no certame para eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas e concede o «Prémio Elegancia» á jovem que melhor aproveitar o tecido oferecido, conferindo-lhe um corte alegre, moderno, bem próprio da mocidade.

A «Loja das Meias» oferece á titular um conjunto harmónico e actual: fato de banho, saco de praia e roupão de banho. Para as duas jovens classificadas nos lugares imediatos reserva bonitas toucas de banho. Prémios (portanto) de utilidade para todas as jovens.

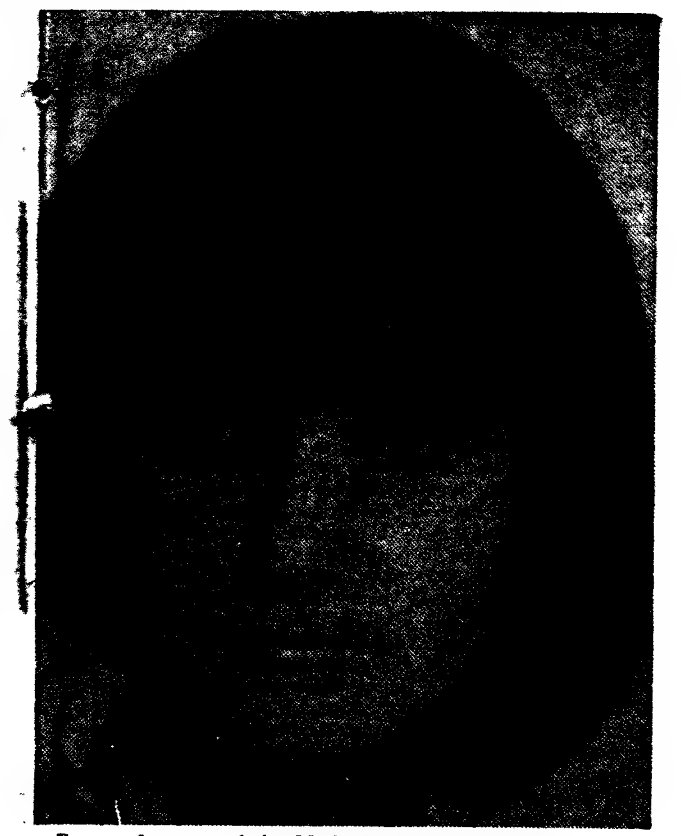
Hoje, podemos acrescentar outra valiosa oferta. Trata-se de cintas e «soutiens» da afamada marca americana «Formfit», distribuídos em Portugal pela Industria Nacional de Confecções Elásticas (R. Garrett, 36, 3.º, direito, em Lisboa). As cintas e «soutiens» da «Formfit» são a ultima palavra no género, especialmente confeccionados, segundo a idade e o corpo de cada jovem.

Uma torrente de prémios está, assim ao dispor das jovens que hoje, ao fim da tarde, o juri designar como candidatas oficiais ao titulo de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

A viagem á América do Norte (em avião dos T. A. P.), é o objectivo maior de uma «teen-ager» que, na sua bagagem de Princesa, levará uteis e muito valiosos prémios.

EIS A CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

- **D. Madalena Castro Amaro Ruella Ramos, esposa do nosso director.**
- **Joahnnes Minnemann, administrador-geral da «Bayer Portugal».**
- **Mário de Sousa Medeiros, delegado da TAP em Lisboa.**
- **António Rolo Duarte, jornalista.**
- **D. Maria de Lurdes dos Santos Silva, directora do Centro de Estética Feminino.**
- **José Joaquim Machado Leite, administrador de emprêsa.**
- **D. Maria Judite de Carvalho, escritora e jornalista.**
- **Pedro António Costa, sócio-gerente da «Loja das Meias».**



Empregada no comércio, Maria da Assunção de Jesus Landolt (nascida a 1 de Novembro de 1950) é outra concorrente ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

O ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DO II CONGRESSO REPUBLICANO EFECTUA-SE EM AVEIRO

AVEIRO, 8 — Há já 250 inscrições para o almoço de confraternização de democratas com que encerra o II Congresso Republicano de Aveiro. E as inscrições continuam a chegar constantemente. Ao contrário do que havia sido anunciado anteriormente, o almoço efectua-se na cidade de Aveiro. Dissera-se que, devido ao numero de inscritos, se efectuaria na Curia; mas o secretariado do Congresso decidiu que, em qualquer caso, o almoço do dia 17 se efectuará na cidade de Aveiro, onde se realiza também o Congresso.

Continuam a ser recebidas teses e comunicações para as sessões do Congresso. Entre outras, até agora, a do dr. António Macedo, do Porto, sobre «Sigilo da Correspondência»; as do dr. Óscar Lopes e Egito Gonçalves e dr.ª D. Maria Cristina de Araujo, da delegação no Porto da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores sobre «Perspectivas Democráticas na Literatura Portuguesa»; outra dos drs. Sérgio Ribeiro, Velasco Hugo Fernandes e Manuel Augusto de Araujo; e uma de Marcolino Cardoso sobre «Democracia Activa».

Novas cartas e telegramas de adesão têm chegado de contínuo ao secretariado.

Entre outros: os dos drs. Adão e Silva, Manuel João da Palma Carlos, Joaquim da Silva Araujo, Sango Junior, António de Oliveira Braga, António Ribeiro da Silva, de Viana do Castelo, Mário Amaral, de Alcobaça, João Gomes, da Guarda, Manuel Monteiro, de Ligares da Beira, professor Rui Fernandes Martins, da Figueirá da Foz Fernando Homem de Figueiredo, de Lisboa, Mário Gomes da Silva, de Santa Comba Dão, Artur dos Santos Silva, do Porto.

Adesões chegaram ainda da Página Cultural Horizonte, de Faro, e de um grupo de democratas, de Setubal.

Torre de Babel

por João Medina

«NEVER GROW OLD»

«Todas as crianças são geniais, excepto Minou Drouet».

Jean Cocteau.

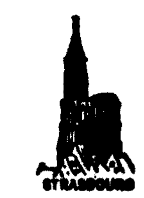
Uma criança que escreve poemas nada faz de anormal: a infância é poesia. Se o bom senso e o sentido critico servem sobretudo para uma boa contabilidade ou para a desmitificação do Mundo, compreende-se que a primeira idade seja verdadeira e plenamente o paraíso dos poetas. Todavia, ao contrário dos homens que continuam a escrever poemas mesmo depois de passada a meninice e as ilusões, as crianças são poesia sem esforço, espontâneamente; digamos assim que um poeta não passa afinal dum Peter Pan, isto é, de alguém que chegado ao prosaísmo da idade adulta, se obstina em manter vivo o lume e a frescura dum olhar ingénuo, vendo o mundo não exactamente como ele é, ou seja, esquálido, monótono, seco, mas como ele em verdade devia ser se ainda estivesse na infância: inesperado, colorido, mágico a todos os instantes, maravilhoso.

A infância despreza a lógica (daí o génio dela e o surrealismo involuntário de todos os seus gestos e palavras), a aritmética racional e todas as chamadas evidências do bom-senso. A criança vive, como os gregos do tempo de Hesiodo, em plena mitologia, no meio de seres fabulosos e irreais. No olhar da criança vibra a mesma magia que arde na lira de Orfeu; daqui que tanto o poeta como o menino saibam transformar a pedra em ser animado e a árvore em animal dotado de fala. O país das maravilhas de Alice, país de vertigens e absurdos em cascata, foi concebido por um especialista de lógica que, durante uma tarde de Verão sonhou voltar ao paraíso perdido da sua infância: o nome de Lewis Carroll esconde a identidade dum certo Charles Dodgson, professor de matemática em Oxford.

Nada há portanto de surpreendente no facto de uma criança ser poeta. Nunca compreendi que o caso de Minou Drouet tivesse comovido o Mundo há uma dúzia de anos: uma criança que fala de árvores como se estas fossem pessoas e das pessoas como se elas fossem flores, nada tem de extraordinário, antes me parece estar na ordem das coisas. Ficaria espantado, sim, se um garoto de cinco anos dissertasse como qualquer estruturalista sobre os dezoito níveis da semiologia, lesse o relatório Kinsey ou mostrasse compreender a geometria não-euclidiana; haveria então aqui manifesta anormalidade e mesmo uma ponta de perversão, já que nada me parece tão enfàticamente pedante como ver um menino sábio sentenciar doutorices ou citar Foucault como qualquer licenciado em Letras o faz hoje em dia nas gazetas, em vez de brincar ao trapo queimado, viver as aventuras do barão de Münchhausen ou acompanhar Alice ao país das maravilhas. Razão tinha portanto Cocteau quando afirmava que todas as crianças recebem a graça do génio, excepto Minou Drouet, a garota que publicava poemas numa altura em que as outras raparigas da idade dela mal soletravam ainda a cartilha maternal.

O génio próprio de Peter Pan está em viver tranquilamente no maravilhoso e não no plausível; no dia-a-dia vivemos todos nós desterrados, do mesmo modo que os esquimós suportam o Ártico: por hábito, resignação, falta de espírito de iniciativa, por insuficiência imaginativa. Tivessem eles, os habitantes polares — e nós —, a faculdade da poesia e logo trocariam o deserto gelado pelo país das maravilhas. Ao escrever poemas em vez de os viver, Minou Drouet transgredia portanto o código da infância, queria ao mesmo tempo ser gaiata e adulta, ingénua e sábia, primitiva e douta.

Ora sucede que só os poetas, ou seja as crianças teimosamente retardatárias apesar da passagem dos anos, fazem poemas e os publicam em vez de os viverem sem mais artifício. Querendo imitar os poetas, Minou Drouet procedeu um pouco há maneira do cão da fábula, aquele que deixou o osso real para apanhar a imagem do osso na água. Aquilo que nos poetas é artimanha, surge na criança como naturalidade. Os poetas mentem ou fingem («o poeta é um fingidor...», F. Pessoa) porque sem astúcias não lograriam regressar ao paraíso perdido da meninice. Mas as crianças não precisam de fingir de crianças nem de regressar onde já estão. Daí que eu tenha sempre considerado Minou como uma impostora, uma criança velha ou uma velha a fingir-se de garota.



Estrasburgo, Maio de 1969.

HÁ 24 ANOS «COMEÇOU» A GUERRA

Fez ontem vinte e quatro anos que a chamada Segunda Guerra Mundial acabou na Europa. A 7 de Maio de 1945, em Reims, os chefes militares dos aliados ocidentais firmaram com Jodl a rendição incondicional do Reich, que no dia seguinte foi confirmada por Keitel, comandante supremo da Wehrmacht desde 38, na Berlim já ocupada pelos soviéticos. Sessenta e oito meses demorara a conflagração no solo europeu, incendiando-o quase todo — só a Suécia, a Suiça, a Turquia, a Espanha, Portugal, a Irlanda e a Islandia não viram o seu território avassalado pela luta (que vitimou dezenas de milhões de vidas) devido a neutralidades mais ou menos sinceras e colaborantes. Estavam então abatidos os nacionalismos que á sua maneira tinham querido dominar o Mundo e depositavam-se grandes esperanças na heterogénea coligação vencedora. O futuro diria quão ilusórias eram essas esperanças. Mas deixemos isso por ora (verdadeiramente nem o podemos deixar, porque é o nosso quotidiano) e falemos de outra coisa.

É de bom tom, quando passa mais um ano, referirem-se os comentários de circunstancia á guerra que a História catalogou e á paz que desde então temos vivido, como se a evolução histórica deste século se devesse (e pudesse) balizar por fases de guerras-monstros, generalizadas e mortíferas que duram poucos anos, separadas por períodos muito maiores de não-guerra, ou mesmo de «paz». Esta visão superficial é incorrecta e basta abrir os olhos para a desautorizar. Desde 45 travaram-se a guerra civil grega, que já desde 44 e até 50, com alguns lapsos de acalmia temperada por compromissos logo desfeitos, grassou por toda a Helénia; a guerra da Coreia, de 50 a 53 (a primeira do seu activo que os E. U. A. não conseguiram vencer); a da Indochina, de 46 a 54 (golpe decisivo no colonialismo francês, de que é sucessora a hodierna e tão edificante do Vietnam, iniciada em 60 e cujo fecho político ou militar não parece próximo, mau grado a propaganda a esse respeito propalada); a da Argélia, coveiro definitivo da IV Republica e das pretensões coloniais francesas; a guerra civil chinesa (cuja conclusão oficial se costuma situar a 1 de Outubro de 49); os vários afrontamentos israelo-árabes, em 48-49, 56 e 67 e o que desde os «seis dias» até ao momento se passa e passará; a guerra civil do Yemen, que a partir de 62 e até há bem pouco opôs selvàticamente republicanos e monárquicos; a do Biafra, em que haussas, ibos e outros se digladiam há cerca de dois anos; a guerra civil colombiana (48-58), disputada entre conservadores e liberais, ou assim ditos; a do Laos, acabada oficialmente em 62, e recomeçada (?) recentemente...

E além destas guerras maiores, um não acabar de guerrazinhas e intervenções armadas, repressões, revoluções e pronunciamentos — assim os diversos conflitos indiano-paquistaneses, de que o ultimo foi em Setembro de 65; as intervenções armadas estado-unidenses de 54, na Nicarágua e de 65 na Republica Dominicana, assim como o desembarque da Baía dos Porcos, em 61, e (não é na América Latina, mas há mais mundos...) a do Líbano em 58; a sanguinolenta repressão anti-popular que desde 65 tem tomado na Indonésia o aspecto de verdadeira guerra civil «unilateral»; as diversas guerras coloniais, de que se salientam, ao acaso, a eliminação sistemática da guerrilha malaia até 57, pelos ingleses, e (os autores são os mesmos) a chacina dos mau-maus do Quénia, em 52; os vários focos de guerrilha latino-americana, desde a Guatemala á Bolívia, desde a Venezuela ao Peru; as designadas guerras locais, de difícil explicação superestrutural, como o conflito argelino-marroquino de 63 e as mais recentes confrontações somalo-etíopes; a luta sino-indiana de 62; a guerrilha filipina dos anos 50 e a tailandesa dos nossos dias... Que sei eu, que sabemos nós! Guerras, afinal de contas, e em conjunto muito mais vultosas em mortos causados, imediata ou mediatamente, entre civis e militares, pois, que os da guerra de 39-45. E com efeitos talves políticamente mais chegados (influentes, leia-se) para a grande maioria dos povos do mundo, isto infelizmente para eles quase sempre.

A Segunda Guerra Mundial foi, por certo, um complexo de sucessos importantes para a História da Humanidade neste século XX que atravessamos, tanto política como económica como em especial militarmente — mas a grande viragem, que tantos lhe têm imputado, essa começou depois dela e estamos ainda a vivê-la, com tanta ou mais violência, quaisquer que sejam as suas formas, do que a que campeou nesses seis anos que esfacelaram a Europa (e não só, como se sabe). Não voltaram os Grandes a empenhar-se na guerra, pelo menos entre si, já que as operações de polícia estilo Vietnam são pelos vistos compatíveis com a paz entre as superpotências. Mas esse facto, longe de significar que há paz, lança fumo sobre todas as modalidades de violência armada que fazem, cada vez mais (insisto, cada vez mais) parte da vida internacional. Supervalorizar as tragédias apocalípticas da guerra nuclear, para daí deduzir, por artificiosa exclusão de partes, que, a falta (miraculosa!!!) dela, subsiste a tal paz, é demagogia grosseira. Com intenções propagandístico-psicológicas transparentes.

Assente-se pois, que a guerra terminada em 45 não resolveu (longe disso) tudo, não sendo o que se lhe seguiu um mar de rosas apenas ensombrado por um ou outro espinho com que temos de ter o melhor da nossa paciência, além dos devidos respeitos. Isto, claro, em meio de incendiadíssima paz... Não — convenhamos finalmente, por ser da mais elementar conceção histórica e salutar doutrina, que em 45 começou-se e não se acabou. Verifiquemos que há guerra, por todo o lado, para o bem e para o mal. É ela que alimenta largamente gordíssimas e respeitabilíssimas industrias de respeitabilíssimos e gordíssimos países e é ela que tem libertado os povos de grilhões antigos e aparentemente invencíveis. Factor simultaneamente de dominação e libertação, a guerra, desde 45 (só desde 45?) tem-se revelado um reflexo fiel das contradições existentes no mundo que é o nosso; mais reflexo que agente, ainda quando agente decisivo. E não um elemento com um valor «a se», absoluto, a nível macro-histórico. É, afinal, «a política por outros meios», de Clausewitz...

Isto independentemente do que se pense da guerra numa perspectiva humanitária ou se se quiser, humanística — perspectiva absolutamente respeitável.

SEBASTIÃO REGO

TERTÚLIA «FESTA BRAVA»

Na sede, á Praça da Alegria, 38, a Tertulia «Festa Brava» realiza, no sábado, ás 13 horas, o seu habitual almoço.

Organizada pelo sr. Vitor Matos, a reunião terá fados e guitarradas.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

O PROBLEMA DAS FRUTAS

EXPORTADORES A MAIS PARA PRODUTOS A MENOS

—a lição do relatório do grémio

«Foi mais fraca a exportação de frutas verdes no ano de 1968. Foram as castanhas, com menos um milhão de quilos que no ano anterior, que largamente contribuíram para a redução da exportação das frutas verdes» — estas as palavras com que abre o relatório do exercício do ano passado do Grémio do Comércio de Exportação de Frutas.

Depois de esclarecer que se exportaram menos 1 575 636 quilos que em 1967, o Grémio informa que a ausência de transportes adequados torna impossível qualquer progresso na exportação de melões e uvas, o que «é de lastimar».

Lamenta-se, a seguir, que em matéria de exportação de fruta verde estejamos apenas dependentes do binómios produção-exportação de castanhas, pois, em 5 276 954 quilos de fruta verde exportada, mais de metade (3 983 740 quilos) eram castanhas.

Por outro lado, houve um pequeno acréscimo na exportação de frutas secas (273 toneladas), devido essencialmente ao aumento de exportação de avelãs.

● Aumentou a exportação de batata

O aumento da exportação da batata originou um acréscimo de duas mil toneladas na exportação de produtos hortícolas — isto apesar de ter decrescido, em cerca de 1500 toneladas, a exportação de cebolas.

Os produtos hortícolas exportados somaram, na totalidade, 18 666 583 quilos.

Diz-se no relatório: «Não se entende que, para se exportarem cinco milhões de quilos de fruta verde, dois milhões de frutas secas e 18 milhões de produtos hortícolas, existam, em 1968, inscritos no Grémio, 252 exportadores».

E acrescenta-se: «Em face de numero tão exagerado de exportadores, a maior parte dos quais sem estar devidamente preparado para a exportação, verifica-se que na exportação total de 167 mil contos, efectuada em 1968, houve 86 firmas que nada exportaram (cerca de 35 por cento dos inscritos), 72 que exportaram menos de 100 contos e 36 que exportaram menos de 500 contos. Apenas 58 exportaram mais de 500 contos».

No relatório pede-se, por isso, com urgência, a reforma da «legislação» do Grémio.

● Decresceram as exportações de frutas secas e verdes para o Ultramar

Têm vindo a decrescer, de 1964 para cá, as exportações de frutas verdes para o Ultramar. Assim, contra 1 459 458 quilos em 1967, exportaram-se, no ultimo ano, 1 206 156 quilos. Por sua vez, decresceu igualmente a exportação de frutas secas: 419 946 quilos em 1967, para 182 966 em 1968.

Por outro lado, subiram as exportações de azeitonas, pimentão e produtos hortícolas: 6 043 683 em 1967, para 9 657 944 no ano passado.

O Grémio teve um prejuízo de 53 198$21. «No entanto — diz-se — os valores disponíveis mantêm-se dentro da ordem dos 1400 contos».

No que diz respeito ás despesas de administração e fiscalização, estas totalizaram 777 contos, contra 776 do ano anterior.

● O relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve

Está publicado, também, o relatório do Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve, referente ao exercício do ano findo.

Dos frutos secos algarvios 25 212 625 quilos foram absorvidos pelo mercado interno e apenas 2 548 753 pelo externo. Dos produtos hortícolas, os mercados externos absorveram 247 840 quilos.

O resultado do exercício acusa um saldo positivo de 147 997$30.

Chama-se Radoyka Suerka, é jugoslava e interpretou «Nuestro mundo» (original de Alfi Kabiljo), composição que obteve o prémio maior do último «Festival da Canção de Malta»

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

UM FRANCÊS NO POSTO-CHAVE DO VATICANO

Há pouco mais de dois anos, Paulo VI chamou o cardeal Villot, arcebispo de Lyon, para presidir á Congregação do Concílio, transformada meses depois em Congregação para o Clero. Tornou-se agora seu secretário de Estado. Quebrando com a tradição, confia deste modo a um bispo não italiano, e que além disso não pertence á «carreira» curial, e que, desde a reforma de 15 de Agosto de 1967, se tornou posto-chave do Governo da Igreja: aquele cujo titular coordena toda a actividade da Santa Sé, apresenta os assuntos ao Papa e vela pela execução das suas decisões.

A escolha de Paulo VI prova a perseverança num objectivo rematado deste modo. Nos últimos dois anos, o Papa acelerou insensivelmente a instalação de homens que, há muito, gozavam da sua confiança, contando com o tempo, poupando méritos indiscutíveis, precipitando por vezes demissões sem ir ao ponto de utilizar, como um cutelo automático, o limite de idade dos setenta e cinco anos quando certas individualidades, entre as quais o cardeal Amleto Cigognani, secretário de Estado, confessavam em consciência não compreender a sua necessidade.

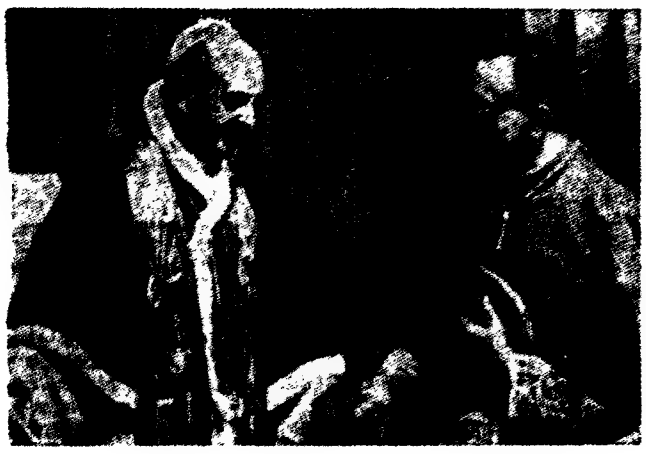
Se a flexibilidade e a prudência do Santo Padre foram por vezes mal interpretadas, a nomeação do cardeal Villot volta a colocá-las na sua justa perspectiva: seguro dos seus lugares, o «montinismo» baseia-se, agora, no essencial, em homens munidos de uma experiência pastoral, de que os juristas e os diplomatas são executantes e não mais dirigentes. O diagnóstico, que «Le Monde» fazia já em 11 de Abril de 1967, fica deste modo confirmado.

Se o cardeal Villot vê confiarem-lhe um lugar que antes dele foi ilustrado pelos cardeais Antonelli, Rampolla, Merry del Val, Gasparri ou Pacelli, para não falar do actual Papa, estas evocações correspondem mal á realidade de hoje, de tal modo o espírito e as competências da função divergem daquilo que foi conhecido pelos seus grandes antecessores. Encarnam uma Sé apostólica centralizadora. O seu sucessor, pela sua experiência em França, e, como são testemunho as orientações que deu á Congregação para o Clero, será o homem do intercambio entre as conferências episcopais e a Sé romana.

Paulo VI deu muito valor a esta abertura para formas ainda imprecisas de «co-responsabilidades do colégio dos bispos para sobrepujar os obstáculos que a nacionalidade francesa do novo secretário de Estado representava, assim como a sua não-pertença original á Curia. Esta «escalada» na internacionalização da Curia, a que o cardeal Villot se adaptou sem perder os traços do seu carácter, corre no entanto o risco de suscitar redemoinhos e reacções de defesa. Os meios romanos tradicionais e os seus jornais não deixarão de lhe imputar a responsabilidade das experiências mais inesperadas dos seus compatriotas e de denunciar qualquer inovação em sua opinião enodoada de «galicanismo». O processo sem tréguas feito aos «franceses» da Santa Sé poderia ter, por este motivo, certas repercussões.

O que é certo é que não foi um francês como tal que o Papa quis para seu primeiro colaborador, mas aquele dos bispos da Igreja universal de quem considerava as qualidades complementares para melhor servir as suas próprias.

Exclusivo «Le Monde»-Diário de Lisboa»



Paulo VI e o cardeal Villot, recentemente nomeado secretário de Estado do Vaticano

OITAVO RELIGIOSO DETIDO EM BILBAU

BILBAU, 8 — (R.) — A Polícia espanhola prendeu ontem um frade «passionista» católico romano e entregou-o ás autoridades militares, que estão a efectuar investigações acerca das actividades da organização terrorista ETA.

O preso é o frade Pascual Inchausti Mendibil. Trata-se do oitavo religioso detido pela Polícia espanhola que persegue nacionalistas extremistas bascos. Os outros sete responderão perante um tribunal militar nos termos de uma lei contra banditismo e terrorismo.

No vale do Jordão

Recontro entre israelitas e guerrilheiros árabes

TEL-AVIV, 8. — (R.) — Foi hoje anunciado que morreram três guerrilheiros árabes num recontro com uma patrulha israelita no vale do Jordão.

Um informador militar israelita declarou que a patrulha entrou em contacto com um grupo de guerrilhas, ontem á noite, próximo de Umm Tsuts. Do lado israelita não houve baixas.

Entretanto, foi anunciado também que morreram dois soldados israelitas e três ficaram feridos durante o duelo de artilharia travado ontem no Suez.

Por outro lado, as forças de segurança de Israel fizeram ir, ontem, pelos ares quatro casas pertencentes a árabes, em Nablus.

As forças de segurança informaram que os habitantes dessas casas tinham sido presos há pouco tempo, acusados de actividades terroristas.

ABRIGOS FORTIFICADOS

CAIRO, 8.— (R.) — A Republica Árabe Unida concordou em construir abrigos fortificados para os observadores do cessar-fogo da O. N. U. na margem ocidental do Canal de Suez — anunciou hoje o autorizado jornal «Al Ahram».

Aquele diário diz ainda que o Cairo informou o general Odd Bull, principal observador das tréguas da O. N. U. no Médio Oriente, de que os novos abrigos seriam adequadamente fortificados, a fim de protegerem os seus homens.

MORREU OUTRO GENERAL SOVIÉTICO

MOSCOVO, 8 — (R.) — A morte de mais um general soviético (o sexto em 13 dias) foi anunciada hoje pelo «Estrela Vermelha», órgão noticioso do Ministério da Defesa.

O jornal informa que o general Yevgeny Smirnov, oficial de engenharia em serviço no Ministério da Defesa, faleceu após curta doença. Tinha 51 anos.

A sua morte em nada se relaciona com a dos outros cinco generais. Até agora a única explicação é que estas seis mortes em tão pouco tempo são uma notável coincidência.

Desde 25 de Abril o «Estrela Vermelha» anunciou o falecimento dos seguintes generais:

— Marikyan Popov, em circunstâncias trágicas (acidente) em 22 de Abril;

— Valentin Penkovsky, de doença, em 24 de Abril;

— Anatoly Kadomtsev, em circunstâncias trágicas. Não foi anunciada a data;

— Alexander Dmitriyev, não tendo sido anunciada nem a data nem a causa da morte;

— Igor Antonov, de doença, em data não indicada.

Alemanha: Os liberais ao encontro do eleitor

Os partidos políticos da Alemanha Ocidental preparam-se para as eleições parlamentares de 28 de Setembro próximo.

O Partido Democrático Livre (F. D. P.), que actualmente se encontra na Oposição, foi o primeiro a abrir a campanha.

Os liberais tentam assumir uma posição intermédia entre os partidos da Grande Coligação — a União Cristã Democrata e a União Cristã-Social (C. D. U./C. S. U.) e o Partido Social Democrata (S. P. D.). Tal posição permite-lhes situarem-se a igual distancia de ambos.

De acordo com os seus «leaders», o F. D. P. intenta defender uma certa margem de liberdade que lhe ofereça a vantagem, uma vez terminadas as eleições de poder entrar em conversações visando a formação de uma coligação com qualquer das partes. Por isso, em matéria de política externa os democratas livres mostram-se largamente solidários com o S. P. D., e na política económica, em contrapartida, inclinam-se para as teses da C. D. U./C. S. U.

O voto dos liberais para o social democrata Gustav Heinemann, nas últimas eleições presidenciais, efectuadas em Berlim, reforçam as especulações de que, após Setembro, se assistirá em Bonn a uma coligação entre o S. P. D. e F. D. P.

No actual Parlamento germanico, um importante grupo de dirigentes do F. D. P. inclina-se para uma aliança com os socialistas democratas. A despeito disso, não se pode prever que ambos venham a constituir uma maioria estável.

A campanha eleitoral das democratas livres desenrolar-se-á em três fases: na primeira haverá uma série de reuniões de debate. Objectivo: satisfazer, junto dos eleitores, a procura crescente de discussão. Durante ela serão apresentados ao público os candidatos a deputados. O monólogo tradicional será substituído por um breve relatório de apresentação. Na segunda fase, o F. D. P. actuará, sobretudo, nas pequenas cidades. Finalmente, para a terceira estão previstas cinco reuniões principais na presença da direcção do Partido. No seu conjunto, a campanha deverá ser conduzida, de acordo com o programa pré-estabelecido, com um carácter imanentemente «político». Quer dizer, com a máxima objectividade. A sua ideia mestra é «informação, argumentação política clara e discussão franca com os eleitores».

Não passando, presentemente, de uma terceira força política, o F. D. P. não parece encontrar-se em condições de competir com os grandes partidos na batalha eleitoral. Tão-pouco parece capaz de conquistar outro lugar que não seja o que neste momento ocupa.

H. C.

A U. R. S. S: NÃO INTERVIRÁ NO CASO DE NOVA GUERRA —JULGA GOLDA MEIR

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — Golda Meir, presidente do Conselho israelita, declarou numa entrevista televisionada concedida a Olifton Daniel, chefe da redacção do «New York Times», que não pensava que a União Soviética interviesse no caso de nova guerra deflagrar no Médio Oriente «por receio de provocar a entrada de outros países»

A senhora Meir acrescentou, porém, que apesar dos recentes duelos de artilharia ao longo do Canal de Suez, os riscos de uma nova guerra entre Israel e os países árabes eram pouco prováveis. Salientou que no entanto, Israel estava disposto a defender-se e a conseguir uma nova vitória se fosse atacado.

Interrogada sobre as reuniões a quatro que se realizam em Nova York entre os Estados Unidos, a União Soviética a França, e a Grã-Bretanha, na esperança de encontrar uma solução para o problema do Médio Oriente, a senhora Meir declarou que era contrária a estas discussões. Disse não acreditar que outras potências, grandes ou pequenas, tivessem o direito de ditar a sorte de outros países. Aliás, acrescentou, «a U. R. S. S. e a França apoiam abertamente os árabes, enquanto os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estão tão interessados na sorte de Israel como nos dos árabes». Nestas condições, é pouco provável que os «quatro» cheguem a acordo.

Tal como o seu predecessor, Levi Eshkol, morto há meses devido a uma crise cardíaca, a senhora Meir mantém a opinião de que a solução reside em discussões directas entre as partes em causa. A questão dos territórios ocupados, á excepção das colinas de Golan e de Jerusalém, poderia ser resolvida em tais negociações, da mesma forma que a da liberdade de navegação para navios israelitas no estreito de Tiran e no Canal de Suez.

Golda Meir disse ainda que só desejava a paz permanente «a fim de poder consagrar todos os fundos utilizados no equipamento militar, em Israel e nos países árabes, a fins mais construtivos nesta parte do Mundo.»

SONDAGEM REJEITADA

JERUSALÉM, 8 — (F. P.) — A Espanha rejeitou uma sondagem de Israel no sentido de estabelecer relações diplomáticas entre os dois países — declarou hoje Abba Eban, ministro israelita dos Negócios Estrangeiros.

O ministro salientou que a atitude «negativa» do Governo de Madrid para com Israel endureceu depois da guerra de Junho de 1967.

Braçadeiras com a suástica na missa por alma de Hitler

MADRID, 8 — (A. N. I.) — Cerca de duzentas pessoas assistiram ontem em Madrid a uma missa por alma de Adolfo Hitler, em comemoração do vigésimo quarto aniversário da morte do ditador nazi.

Alguns dos presentes tinham braçadeiras com cruzes suásticas.

No fim da missa, os presentes, entre os quais se contavam muitos antigos combatentes da Divisão Azul, a unidade espanhola que lutou na frente russa, entoaram em coro o hino falangista.

GESTÃO ECONÓMICO-FINANCEIRA DE EMPRESAS

CURSO PROMOVIDO PELO CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

DIRIGIDO A:

— Directores Financeiros
— Chefes de Contabilidade
— Técnicos de Contas
— Funções equivalentes às anteriores

ORGANIZADO em três sessões semanais de duas horas cada, entre as 20 e as 23 horas, com a duração de 8 semanas, a partir de 19 de Maio corrente

Inscrições abertas na Sede do Centro, à Avenida Duque de Loulé, n.º 83-3.º, — Telefones 5 89 93 e 45712, das 19 às 23 horas

GREVE NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, 8. — (F. P.) — Todos os estudantes da Universidade desta cidade estão em greve desde terça-feira, para protestarem contra a decisão do Governo de afastar, por motivos políticos, 26 professores e cientistas dos centros de investigação ligados á Universidade.

O movimento nasceu no dia 5, na Faculdade de Medicina, e estendeu-se á Universidade Federal e á Universidade Católica. É a primeira vez desde a «Revolução de 13 de Dezembro» que rebenta uma greve de protesto numa Universidade brasileira.

Todos os locais da Universidade se encontram desertos e não se registaram incidentes.

Por outro lado, 80 jornalistas e várias dezenas de escritores dirigiram cartas ao presidente da Republica protestando contra a fuga da «intelligentsia» brasileira para o estrangeiro. O êxodo de professores e cientistas poderá acentuar esta tendência, numa época em que o próprio Governo insiste na necessidade de fazer regressar ao país dezenas de professores e investigadores que se encontram no estrangeiro.

Em São Paulo e no Rio, 67 professores e cientistas foram atingidos pelas recentes medidas de reforma antecipada decididas pelo Governo

Cohn-Bendit apoia Krivine

PARIS, 8 — (R.) — Daniel («Danny, o Vermelho») Cohn-Bendit telegrafou hoje o seu apoio ao candidato trotskista na eleição presidencial francesa, Alain Krivine, e sugeriu que ele o devia nomear primeiro-ministro se ganhasse.

Cohn-Bendit, de 24 anos, um cidadão alemão ocidental que nasceu na França, e Krivine, de 27, desempenharam papéis importantes na revolução dos estudantes franceses da Primavera passada. Cohn-Bendit está ainda proibido de entrar em França.

Acontecimentos na China comentados por Rádio Moscovo

HONG KONG, 8 — (R.) — Rádio Moscovo anunciou hoje que as autoridades chinesas se preparam para novas perseguições aos intelectuais na China.

Aquela emissora comentou um recente editorial publicado em três importantes orgãos da Imprensa chinesa exortando os intelectuais a integrarem-se com as massas de trabalhadores e camponeses e aceitarem uma reeducação».

A emissora afirma que o editorial é um indício de novos ataques a intelectuais que já anteriormente,; durante a Revolução Cultural, sofreram violenta perseguição e supressão». A emissão, em língua chinesa, indicava também que Mao Tsé Tung não confiava nos intelectuais.

O recente apelo do editorial á reeducação destina-se a livrar-se deles exilando-os para regiões distantes e obrigando-os a violentos trabalhos manuais.

ORSON WELLES EM DAMANSKY

NOVA YORK, 8 — (A. N. I.) — Orson Welles partiu para a fronteira sino-soviética, na região da ilha de Damansky, recente cenário de sangrentos recontros, para filmar um documetário «especial» destinado a uma empresa de Televisão de Nova York.

O reverendo Ralph Abernathy, pouco antes de dar entrada na prisão em Charleston. O sucessor de Martin Luther King foi detido por ter participado numa manifestação relacionada com a campanha a favor da igualdade de direitos entre brancos e negros, nos Estados Unidos

Ultimato a Wilson

LONDRES, 8. — (F. P.) — «Pistola apontada á cabeça de Wilson» («Sun»), «Ultimato a Wilson na reforma sindical» («Guardian»), «Ou o partido ou a libra» («Daily Sketch»), «Wilson á beira do abismo» («Daily Express»). São estes alguns dos títulos com que a Imprensa da manhã traduz a efervescência provocada nas esferas políticas pela «bomba Houghton» como lhe chama o «Financial Times». Douglas Houghton, de 70 anos, presidente do grupo parlamentar do Labour e nesta qualidade assegurando a ligação entre os deputados trabalhistas e o Governo, avisou ontem Wilson de que estes não permitirão que o Governo prossiga com o seu projecto de reforma sindical como se encontra elaborado.

Este verdadeiro ultimato do presidente do grupo parlamentar ao seu primeiro-ministro não tem precedentes nos anais parlamentares britanicos.

A próxima eleição em França

(Continuação da 1.ª página)

á opinião publica, divulgada hoje, revela que no caso de Poher se candidatar, Pompidou não conseguirá votos suficientes para vencer logo ao primeiro escrutinio.

A sondagem feita há dois dias, revela que 58 por cento das pessoas interrogadas votariam a favor de Pompidou, manifestando-se contra os seus três principais rivais, excluindo Poher.

ISRAEL JÁ POSSUI CINCO OU SEIS BOMBAS ATÓMICAS?

(Continuação da 1.ª página)

dias. As bombas foram completadas durante o principio de Fevereiro», declara o articulista.

O jornal revela que os serviços secretos egipcios tiveram conhecimento do fabrico das bombas em fins de Fevereiro deste ano. «O presidente Nasser fez imediatamente um apelo pedindo auxilio ao Governo Soviético e solicitou que armas nucleares russas fossem transferidas para solo egipcio.»

Moscovo recusou-se a fazê-lo, mas aumentou a esquadra soviética no Mediterraneo, de forma a incluir navios equipados com ogivas nucleares».

SILÊNCIO ISRAELITA

TEL-AVIV, 8 — (R.) — As autoridades israelitas mantiveram hoje segredo absoluto em relação ás notícias publicadas no semanário de Hamburgo «Der Spiegel», segundo as quais Israel tinha «cinco, provàvelmente seis, bombas atómicas prontas a funcionar.»

INQUÉRITO NO CANADÁ ACERCA DA MORTE DE UM PORTUGUÊS

TORONTO (Canadá), 8 — (A.N.I.) — O «coroner» desta cidade ordenou a realização de um inquérito á morte do imigrante português Angelo Nóbrega, mortalmente atingido a tiro na cabeça, por um detective da Polícia local.

Por recomendação do procurador da coroa em Toronto, o inquérito foi marcado para 12 de Junho.

A Polícia afirma que o tiro que matou Nóbrega foi disparado acidentalmente mas João Nóbrega génro do morto, e um irmão mais novo, José, que se encontravam no local do incidente, desmentem a versão dada pela Polícia.

O detective Boyd, de 34 anos, que disparou o tiro, acompanhado pelo seu colega James Sugden, perseguiu o carro em que seguiam os irmãos Nóbrega e alcançou-o num cruzamento

A Polícia afirma que Angelo e João Nóbrega lutaram com os detectives, enquanto José tentava fugir, sendo apanhado por Sugden pouco adiante.

João e José Nóbrega afirmam que Angelo não opôs resistência aos detectives e rejeitam a afirmação de que o tiro foi disparado acidentalmente.

Uma testemunha, Bob Jun, cozinheiro de um restaurante situado junto ao local onde Angelo foi morto, declarou.

Não se mata assim um homem. Alvejaram-no propósitadametne na cabeça».

No entanto, a Polícia afirma que não houve testemunhas oculares do incidente.

Os pais de Angelo vieram da Madeira para o Canadá em 1953. Os três filhos reuniram-se-lhes há cinco anos.

Angelo foi a sepultar na terça-feira.

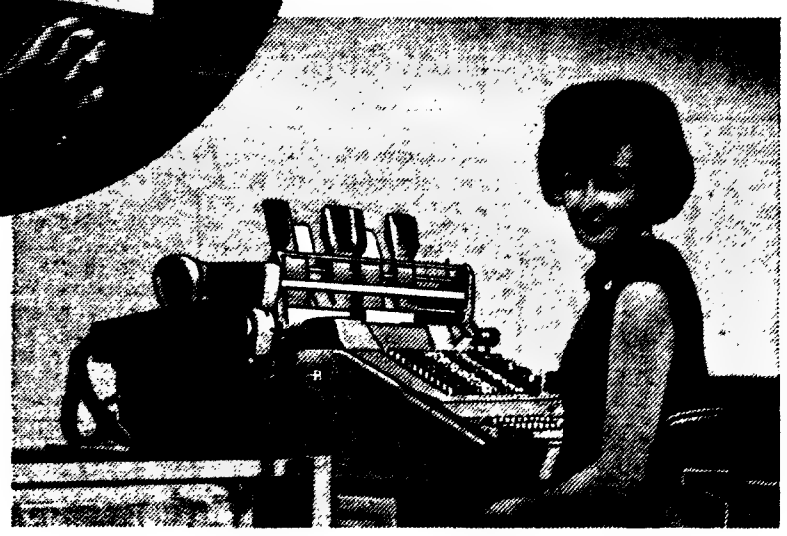
Entretanto, o deputado liberal Dante de Monte propôs que a Polícia da província de Ontário seja desarmada, a exemplo do que acontece na Inglaterra, a fim de evitar casos como este.

DE CALCULADORAS A COMPUTADORAS...

BURROUGHS
EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO

INDISPENSÁVEL
PARA O PROGRESSO DO SEU NEGÓCIO

BURROUGHS C3000
CALCULADORA ELECTRÓNICA
Executa todos os cálculos mais complexos num milésimo de segundo. Completamente silenciosa, leve e portátil.



BURROUGHS E3000
COMPUTADORA ELECTRÓNICA
30 a 100 memórias electrónicas • Fichas de fitas magnéticas • Alinhamento automático de documentos • Circuitos transistorizados • Controle simplificado de programação • Leitor selectivo automatico de fichas • Perfuração em banda

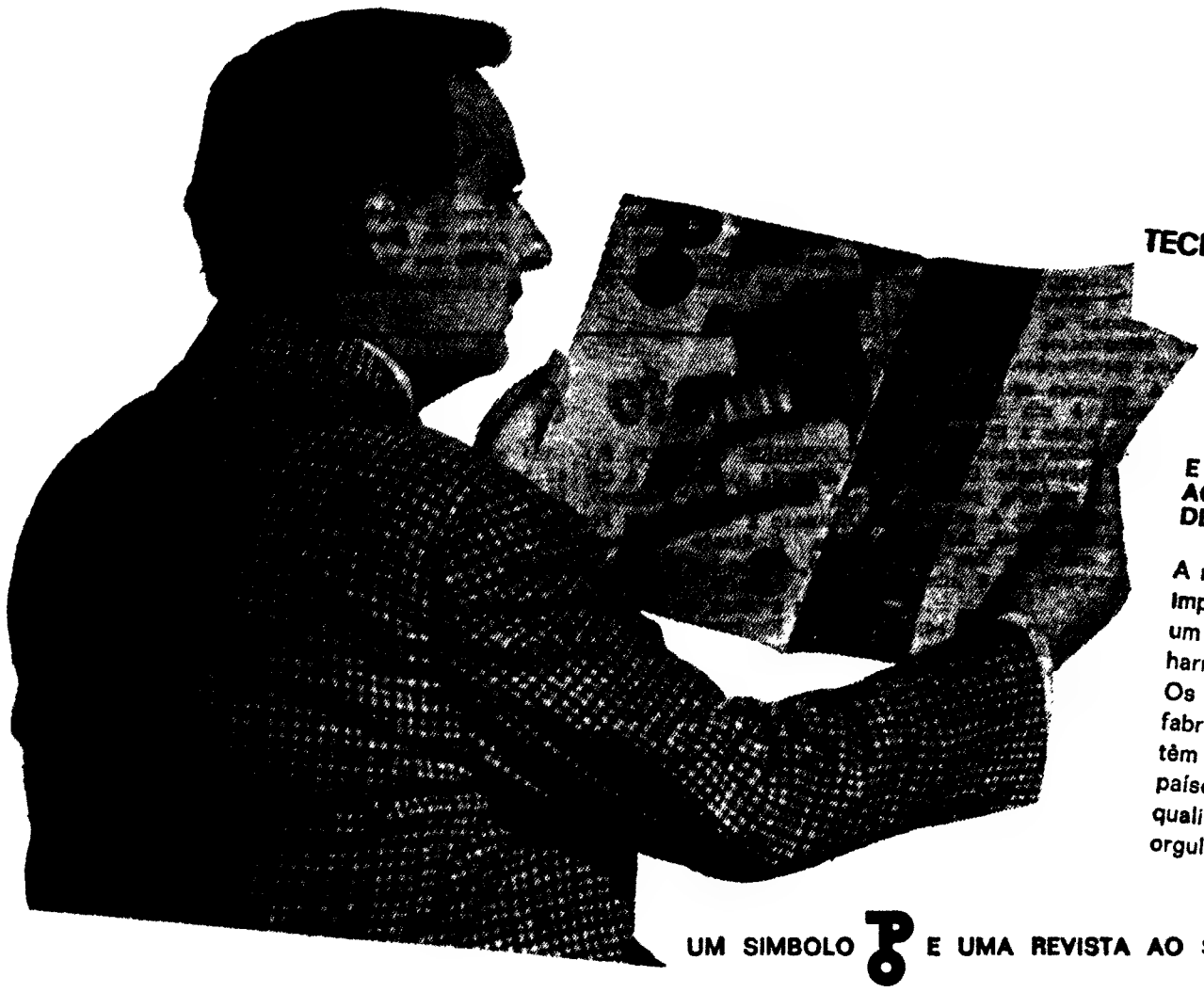
Consulte o representante da **Burroughs**

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA R. S. Sebastião da Pedreira 22 Tel. 56 62 60 — PORTO R. do Rosário, 104 - Tel. 2 97 67

ORIENTE-SE ANTES DE COMPRAR...

CONSULTANDO A REVISTA DE **MODA MASCULINA**



EDITADA POR

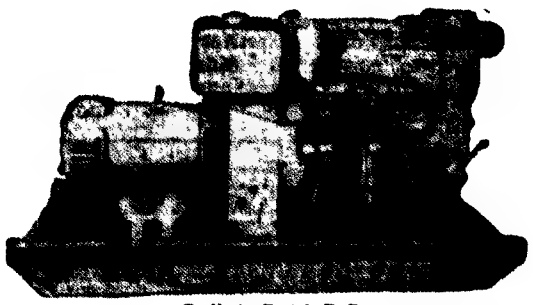
TECIDOS PAULO DE OLIVEIRA
COVILHÃ - PORTUGAL

E DISTRIBUÍDA GRATUITAMENTE AOS ALFAIATES E COMERCIANTES DE TECIDOS DE TODO O PAÍS

A marca de PAULO DE OLIVEIRA impressa na ourela do seu tecido garante-lhe um fato de sucesso onde tudo é harmonia, bom gosto e qualidade. Os TECIDOS PAULO DE OLIVEIRA, fabricados com as melhores lãs mundiais, têm desde há anos firmada, em vários países da Europa, uma reputação de qualidade e bom gosto que é orgulhosa tradição da nossa Firma.

UM SIMBOLO E UMA REVISTA AO SERVIÇO DA MODA MASCULINA

- Máquinas-Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogéneos
- Grupos Moto Bombas para rega, etc.



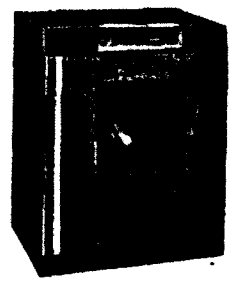
GÜLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º ● LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»

HOOVER



lavar roupa

lavar loiça

máquinas automáticas

SEM entrada fiador

A.OLIVEIRA

av. Alm. Reis·91·A·Lisboa

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de artigo 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ferreira do Alentejo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Odivelas, no referido concelho de uma linha aérea a 15 kv com 3799 m de comprimento, do apoio n.º 56 da linha para o posto de transformação de Odivelas ao posto de transformação da Barragem de Odivelas da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Abril de 1969.

O ENGENHEIRO-CHEFE
Guilherme Martins

Dr. Jorge de Mello do Rego

Os Corpos Gerentes da Intar, Empresa Industrial de Tabacos, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do Ex.mo Senhor Dr. Jorge de Mello do Rego, Presidente da Assembleia Geral e que amanha, sexta-feira, às 12.45 horas, se celebrará, na Igreja de S. João de Brito, missa pelo seu eterno descanso.

DR. JORGE DE MELLO DO REGO

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 9, às 12.45 horas na Igreja de São João de Brito, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

EXCURSÃO DA C. P. Domingo 11 de Maio

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 11, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Guimarães, Penha, Santo Tirso e Santuário de Nossa Senhora da Assunção, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

Excursão completa (incluindo o almoço no comboio) ...	295$00
Só transporte em caminho-de-ferro:	
Lisboa a Coimbra-B, e volta...	110$00
Lisboa a Aveiro, e volta	138$00
Lisboa a Espinho, e volta	161$00
Lisboa a Gaia, e volta	169$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa.

LICEU-INSTITUTOS

CURSOS DE LINGUAS

FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO

Bem apetrechados Laboratórios

- Escola São-Vicente — Rua do Paraíso, 28 — T. 865904
- Externato Marquês de Pombal — Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658 — Rua Edith Cavell, 8, 1.º — T. 820221

Manter-se-ão aulas em Agosto e Setembro

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — **1.º Programa** — 45 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Luz no horizonte; 6 e 30: Que quer ouvir; 7: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira, programa da tarde — Canções do nosso tempo; 7 e 25: A orquestra de .. 7 e 35: Do Choupal até á Lapa; 8 e 0: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 8 e 40: Música e sonho; 9 e 50: Rádio rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «O imortal de Florença»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30. Melodias pelo clarinetista Acker Bilk; 21 e 40: Variedades no estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 15 e 37: Novos discos — Música de piano de Schubert por Alfred Brendel; 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Madame Butterfly» (Puccini); 18: Música do século XX — Obras de Karol Szymanowsky; 19: Crítica literária, pelo dr Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português, música da Beira Alta e da Beira Baixa recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Abertura em ré maior (Boccherini) — Orquestra Filarmónica Real, dirigida por Sir Thomas Beecham; 20 e 30: Duas das «Quatro peças sacras» (Verdi). 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Franco Mannino e com a colaboração do flautista Elaine Shaffer — Concerto op. 31 (Danzi); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital pelo cravista Marioliná de Robertis, preenchido com obras de Frescobaldi e Buxtehude; 22 e 20. Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (Cultura MF 2) 94,3 mc/s — 23: Música de piano — Obras de Chabrier e Ravel, por Rena Kyriakou e Friedrich Gulda; 23 e 30: Festival de Verão de Ohrid de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 0 e 10: Sinfonia n.º 2 em dó op 61 (Schumann) — Orquestra da Suíça Francesa, dirigido por Ernest Ansormet; 1: Fecho

2.º Programa — (Cultura em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano — Obras de Chabrier e Ravel, por Rena Kyriakou e Friedrich Gulda; 23 e 30: Festival de Verão de Ohrid de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 0 e 10: Sinfonia n.º 2 em dó op 61 (Schumann) — Orquestra da Suíça Francesa, dirigido por Ernest Ansormet; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 6: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 02: Um conjunto; 2 e 09: Portugal de hoje; 2 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional palestra religiosas; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04 Em órbita; 2 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gê-Gê; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac, 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Os nossos artistas; 18 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: O Quarteto 111; 21 e 45: Orquestras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música d. sempre; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda media — 88 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 2 ás 4 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 ás 2 e das 9 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 4 e 30 ás 9 e 30

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Mistérios do Rosário»; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 40: Universidade na TV; 21: Cartaz TV 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «Belo e Sebastião»; 22 e 25: Actualidade desportiva; 22 e 45: Bailado; 0 e 15: Telejornal, e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «D. Duardos», de Gil Vicente; 23 e 20: A Grande Aventura — «A Vida dos Lapões»; 23 e 50: Telejornal e Fecho

Posta-restante

Mais algumas respostas a leitores que se dirigem à «Posta Restante»:

L. M. C. — LISBOA — No dia em que vai ler esta resposta estará o fadista António Mourão a gravar um TV Clube. Contente?

??? — LISBOA — Perdemos a sua carta e o seu nome, mas não a pergunta. A leitora apostou com uma sua amiga como a decoração (cenografia) do palco do S. Luiz para o finado Grande Prémio TV da Canção tenha sido de António Botelho. Afirmou até tê-lo visto numa reportagem do programa «Horizonte», na véspera do «prélio» musical. Perdeu e a sua amiga ganhou quando apostou no António Casimiro. Quem viu em «Horizonte» foi realmente António Casimiro acompanhado ocasionalmente de Octávio Clérigo, chefe do Serviço de Cenografia da R. T. P.

M. F. S. — LISBOA — Leitora amiga de estatísticas, aqui tem, para o seu arquivo, os resultados do Festival da Canção da Eurovisão realizado em Madrid:

(Continua na página seguinte)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Ilona Massey e o marido quando, há anos, passaram pelo Aeroporto de Lisboa

NOITE DE CINEMA: «BALALAIKA»

A SESSÃO nocturna do programa nacional é totalmente preenchida pela «Noite de Cinema». É exibido um filme de grande metragem com os famosos Nelson Eddy e Ilona Massey e ainda com Charles Ruggles. Trata-se de «Balalaika» que nos anos 40 obteve um êxito tremendo, só ultrapassado pelo «E Tudo o Vento Levou». Película romântica, o seu entrecho passa-se «quando o fogo da revolta rebenta na Rússia dos «czares» e um capitão dos cossacos se enamora de uma cantora de café, cujo pai e irmão são chefes da revolução. O capitão (sobrinho do «czar») tenta esconder a sua patente e posição...

HOMENS E AVIÕES

CERCA das 21 horas volta ao pequeno «écran» o programa «Homens e aviões» que, por motivos alheios ao seu produtor (Alberto de Canha e Sá), esteve ausente dos seus habituais telespectadores. Assuntos tratados nesta edição: aviões U. T. O. L., destinados pela Administração da Aeronáutica e do Espaço dos E. U. A. para estudo nos centros de pesquisas da Califórnia e Virgínia, que neste caso utilizam o XV-5-B, os Festivais Aéreos integrados nas Comemorações do centenário do nascimento do almirante Gago Coutinho e realizados no aeroporto de Bissalanca, Bissau e Viseu, sendo neste último inaugurado o Serviço de Táxis Aéreos; noticiário; imagens do Concorde, o avião comercial mais falado do mundo; e a encerrar serão debatidos os problemas do ruído nas grandes cidades provocado pelos encontros do ar.

2.º PROGRAMA

«Os Companheiros de Jehu», Coral da Faculdade de Letras e «Universidade na TV»

PELAS 21 e 50, é apresentado o 4.º episódio do folhetim romântico de capa e bacamarte «Os companheiros de Jehu», adaptado do célebre romance de Alexandre Dumas.

Segue-se o «TV Clube» com o Grupo Coral da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Termina a emissão com «Universidade na TV», um programa preenchido com documentários especializados seleccionados pela U. R. I.

canal da crítica

- **QUEIMA-TE AGORA E TRATA-TE DEPOIS!**
- **O QUE É QUE A BAIANA TEM...**
- **ESPIRITUAIS NEGROS POUCO CLAROS.**
- **APRENDER ATÉ... MATAR.**
- **HÓQUEI: LÁ COMO NÃO CÁ...**

Deus Deus Deus!, as coisas tantas que aprendi ontem! a cabeça estala-me. Onde irei parar com tanta cultura se, como dizia Sebastião da Gama, «ignorante é que me querem?» Foi, logo no princípio do mundo, a enfermeira Quaresma a informar-nos que uma queimadura extensa é mais perigosa que uma queimadura não extensa, donde se conclui (bem, concluí eu porque estou habituado aos jogos malabares da inteligência, n'é) que um corpo todo queimado deverá ser muito mais grave do que um dedo chamuscado. E quanto mais em cinza, pior.

Depois, veio aquela tamanha lição sobre a Baía, uma espécie de redacção escolar ao ritmo do samba «o que é que a baiana tem»... A Baía tem isto e mais aquilo e mais istaquilo... A propósito de ter: que bela pronúncia brasileira tem Vitorino Nemésio! Daqui Ine peço que, dentro do esquema de palestras toponímicas utilizado nas últimas semanas, venha o distinto orador a referir-se também á minha terra. É muito bonita, e merece duas palavras, coitada.

Passaria apenas uma hora se bem me lembro, quando o meu cabedal de informações surgiu consideràvelmente aumentado: há em Portugal quem cante espirituais negros e há quem ponha á sua disposição as câmaras da TV. Muitíssimo bem feito.

Rosário Coelho podia cantar outra coisa qualquer. Como parece ter escola, podia cantar, por exemplo, a «Cartilha Maternal» de João de Deus. «*Andava um dia / / em pequenino / nos arredores / da Nazaré...*» A vantagem em cantar outra coisa qualquer consistiria em ser o crime menos grave e as incapacidades menos evidentes.

Claro que com isto não pretendo dizer nada mais senão aquilo que digo. Até admito que Rosário Coelho possua escola. Mas para cantar espirituais negros, possuir escola não basta. Pode até ser perfeitamente inútil. É inútil possuir escola para espiritualizar em negro como para cantar em alentejano. Os cantadores da Vidigueira, ouviram-nos no domingo? Não sei se perceberam onde quero chegar. A um ponto quero chegar, lá isso quero, mas não quero ensinar ninguém, se eu próprio ontem fiquei fartíssimo, até aqui, de aprender! Queria só que compreendessem quanto de alma, de tensão, de profundidade humana, de plantações de algodão no quotidiano ou de searas alheias para ceifar são indispensáveis para espiritualizar ou alentejanar. Voz bonita não indispensável, escola not indispensável, saber jogos e habilidades de salão ou de academia, não indispensável. Nem indispensável possuir caminho para estúdio de televisão De televisão portuguesa.

Rosário Coelho terá, eu já disse e vou dizer outra vez, condições para interpretações outras. Árias, *etc.* Árias com outra área. Para espirituais, não. Quem a levou a espiritualizar perante as câmaras da televisão (portuguesa) não é seu amigo. Confúcio, como sempre, tinha razão: livrai-me dos meus amigos que dos meus inimigos me livrarei eu!

A minha sede de aprender ainda não fora suficientemente explorada. Faltava ainda aquele episódio do chefe Ironside, o da cadeirinha. O da cadeirinha mas esperto

(Continua na página seguinte)

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

INFORMAÇÕES: **Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa** **Telefones 45843-47843**

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 176 REFERENTE A MAIO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais assina já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saude e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- **Saude, Trabalho e Produtividade**
- **Equilíbrio Mineral e Saude**
- **O Coração dos outros**
- **Influência do Progresso Científico na Alimentação**
- **Para ter um Fígado Saudável**
- **Defendamo-nos dos Frutos Contaminados**
- **Cuidemos do Aparelho Respiratório**
- **Problema da Energia Nuclear da Actualidade**
- **Cuidados Corporais da Gestante**
- **Dietética Infantil**
- **Emprego Racional dos pesticidas na Agricultura**
- **O Corpo Humano como Sistema Eléctrico Condensado, etc.**

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração:

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35, 1.º-D. (ao Intendente)
TELEFONE 55 64 98

Assinatura Anual, 65$00; Semestral, 35$00; Estrangeiro e Ultramar, 80$00. Número avulso, 7$50

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TITULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

Colocação da placa de bronze no pedestal do Grandela, na comemoração do cinquentenário daquela casa. Placa, busto e pedestal desapareceram do local onde o pessoal os colocou.

QUE É FEITO DO BUSTO DE GRANDELA?

Em 1893, isto é, há aproximadamente 75 anos, foi fundado em Lisboa por Francisco Grandela, homem de excepcional valor e acção, um estabelecimento «Os Armazéns Grandela», que era, nesse tempo, um dos maiores estabelecimentos do País, ou mesmo da Península.

Em dada altura, foi homenageado pelo pessoal dos estabelecimentos que colocou o seu busto sobre um plinto no patamar da escada que dá acesso ao 1.º andar.

No cinquentenário da casa, isto é, em 1943 há portanto 25 anos, o pessoal, de novo, e á sua custa, colocou uma palma de bronze na base do referido plinto.

A ma administração da casa, desde 1921 a 1931, a doença e velhice do velho Grandela, e o fraco concurso bancário, tudo junto concorreu para a sua ruina, vendo-se a firma obrigada a entregar ao Montepio o edifício para pagamento dos seus debitos.

Esse homem, muito antes da existência das Previden-

ABERTO O CONCURSO PARA OS PRÉMIOS DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS

Está aberto concurso para atribuição dos prémios da Academia de Ciências de Lisboa em 1969, a que poderão candidatar-se cientistas e escritores portugueses, nas condições que constam do edital publicado no «Diário do Governo» (III série) de 28 de Janeiro passado.

Os prémios em questão são os seguintes: Prémio Alvaranga do Piauí (Brasil), no valor de 10 000$00, destinado a obra inédita sobre qualquer ramo das ciências médicas, incluindo a história da medicina portuguesa; Prémio Ricardo Malheiros, no valor de 5000$ destinado a obra impressa dos géneros romance, novela ou conto, publicada durante o ano de 1969; Prémio Artur Malheiros, dois prémios, no valor de 15 000$ cada um, destinados a obras inéditas sobre Ciências naturais e Ciências aplicadas (engenharia, actuariado, etc.); Prémio Ramos Paz, no valor de 8000$00, destinado a obra inédita sobre qualquer aspecto da literatura brasileira ou das relações literárias luso-brasileiras; Prémio Abílio Lopes do Rego, dois prémios, um no valor de 50 000$00 e outro no valor de 30 000$00, destinados a obras impressas publicadas durante o ano de 1969, ou inéditas, sobre qualquer tema de ciência da colonização ou qualquer problema concreto que diga directamente respeito á administração ultramarina portuguesa ou qualquer estudo de ciências humanas de interesse directo e imediato para a administração ultramarina portuguesa; Prémio General Cas miro Dantas, no valor de 8000$00, destinado a obra impressa dos géneros poesia, teatro ou ensaio, publicada durante o biénio de 1968 69; Prémio Manuel Alves Monteiro, no valor de 20 000$00, destinado a obra impressa publicada durante o ano de 1969, ou inédita, sobre higiene e medicina social, para melhoria da saude pública em Portugal.

O prazo da entrega das obras que constituem títulos de candidatura — e que devem ser originais e escritas em língua portuguesa — termina um ano após a publicação deste edital no «Diário do Governo» ou seja no dia 28 de Janeiro do próximo ano.

Antigos alunos do Liceu de Passos Manuel

A assembleia geral do Núcleo dos Antigos Alunos do Liceu de Passos Manuel procedeu á eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1969-1970, que ficaram assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL — drs. Diamantino Augusto Soares e José Duarte Boa-Alma de Almeida, respectivamente, presidente e vice-presidente; João Pereira de Sousa e Abraão Amaro Fernandes de Carvalho, respectivamente, 1.º e 2.º secretários. Para substitutos, foram eleitos os srs. dr. José de Sousa Carrusca (presidente), comodoro Rogério Silva de Oliveira (vice-presidente) e dr. Artur Varatojo (secretário).

DIRECÇÃO — srs. dr. Ilídio José Paiva (presidente), dr. Mário Veiga Fialho (vice-presidente), dr. Mário Bou Pereira da Costa (tesoureiro), Américo Loureiro Nisa e Alvaro Rosinha (vogais). Para substitutos foram eleitos os srs. dr. José de Sousa Pinho, eng.º João Pessoa Lobato Cortesão, Manuel da Costa Lopes, Rui Nascimento Coelho e José Marques Vidal.

CONSELHO FISCAL — dr. João Augusto da Fonseca Junior (presidente), substituto Isidoro Soares (relator) e Alfredo Rogério Ventura Gomes. Como substitutos para os mesmos cargos foram escolhidos os srs. dr. Pedro Francisco de Aboim B. de Oliveira Pires, António da Silva Barata e eng.º Rui Afonso Fialho de Sá Pereira.

CORPO PRIVATIVO DE BOMBEIROS DE «A TABAQUEIRA»

O Corpo Privativo de Bombeiros de «A Tabaqueira» vai comemorar no próximo domingo o 1.º aniversário da sua fundação.

Entre as cerimónias programadas, destacam-se: desfile pelo bairro com clarins e tambores, missa, romagem ao monumento em honra ao sr. Alfredo da Silva, exercícios de fogo posto e salvamento por escadas, fogo-de-artifício e um encontro de futebol de salão.

POSTA RESTANTE

(Continuação da pág. anterior)

Foram 4 as canções vencedoras (Holanda, França, Espanha e Inglaterra). Cada uma teve 18 votos. Na totalidade houve 72 votos. Venceram «Vivo Cantando», Salomé, «Boom Bang-a-Bang» com Lulu, «De Trovador» por Lennie Kuhr e «Un Jour, Un Enfant» por Frida Boccard. A vencedora holandesa está agora entre nós, como deve saber.

M. C. A. — PORTO — «Sinceramente pergunto porque tem a R. T. P. um locutor como Adriano Parreira. Tem uma voz cavernosa e falta-lhe a presença simpática de um Belafonte ou de um Poitier. Além do mais deve sofrer de uma deficiência oral...», diz esta leitora. O assunto está fora do nosso âmbito, como compreende. E olhe que, certamente, o locutor em questão prestou difíceis provas e foi aprovado — por quem de direito. Não lhe parece?

F. P. — LISBOA — Aqui fica o expresso, com vista ao produtor A. Canha e Sá, o seu desejo de ver no programa «Homens e Aviões» um documentário sobre a aviação nipónica.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2., Esq.º — Telef. 32 06 60

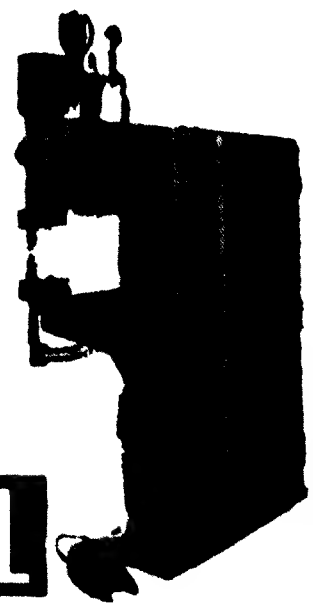
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª ao 5.º — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. urt. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assist. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

«SCIAKY»

FABRICA AS MELHORES MÁQUINAS DE SOLDAR

— POR PONTOS
— POR ROLETOS
— P. 252 —

A máquina «FAZ TUDO»



SORVAL

RUA ARTILHARIA UM, 104 — D B
TEL. 661229/30 — LISBOA, 1

RUA SANTOS POUSADA, 191
TEL. 58021 — PORTO

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

cum sei lá! Ora havia um ladrão, o Arthur Justin, não sei se vocelências conhecem, kindera mais esperto có polícia. As manhas do Arthur, só queria que vocelências vissem! Aquilo ontem foi uf estupendo manual, como *as 100 maneiras de cometer um crime*, s'm. porque nisto de matar e roubar uma boa lição não há dinheiro que a pague!

Assim, ontem ficámos a saber que um processo ensinado com absoluta nitidez (ah, a maravilha que são os meios audiovisuais!) consistiu na obstrução do tubo de escape do automóvel de maneira a encaminhar o monóxido de carbono (*CO*, de sua graça e nossa desgraça) para dentro do veículo. É limpinho.

A minha cultura foi enriquecida mesmo depois da meia-noite (irra, já é teimosia! quando Fialho Gouveia me contou que no campeonato europeu de hóquei a decorrer ainda, a organização franqueou ontem o pavilhão desportivo aos jovens!

Sinto-me, nessa altura, tentado a dizer «Estão a ver, estão a ver como a situação do hóquei em patins entre nós poderia ser bem outra se...»

Mas não digo. Não digo porque aprendi muitas coisas. Tantas que fiquei embuchado. Bafam-me nas costas, por favor.

MÁRIO CASTRIM

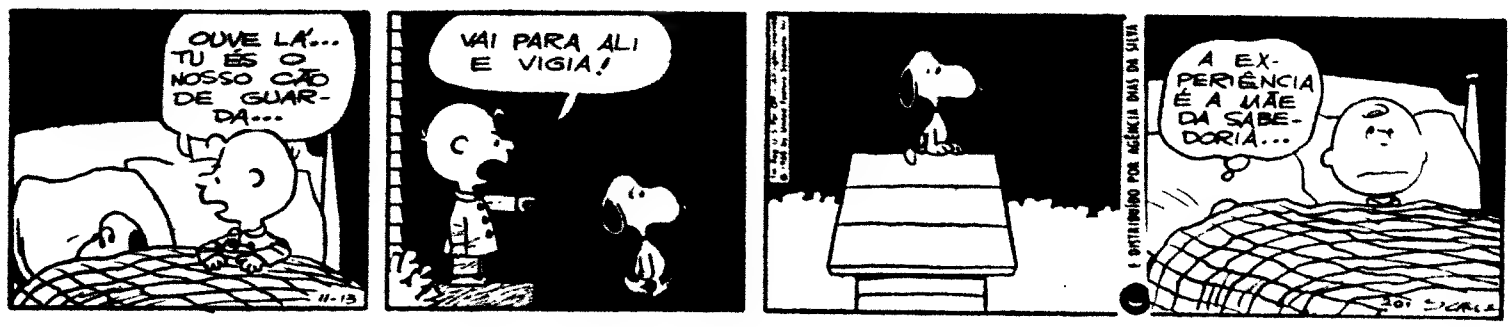
SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação ut ilize os comboios eléctricos

FERGUSON

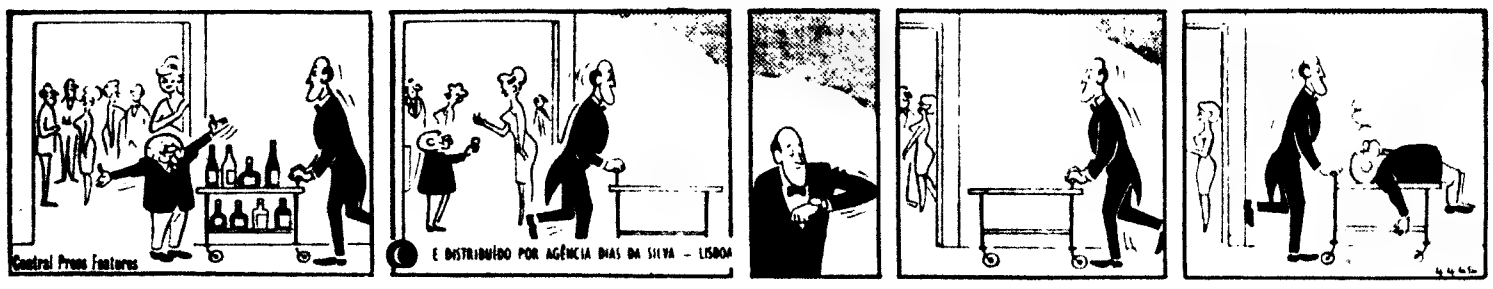
A GRANDE MARCA BRITANICA DE T

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Maio de 1939 publicava:

«BERLIM, 8 — Segundo o jornal «B. Z. Ammittag», Ribbentrop e a delegação alemã devem partir provavelmente esta noite de Itália para Berlim.

«O «Messagero», de Roma, informa que o pacto político e militar ítalo-alemão será assinado em princípios de Junho pelos ministros dos Estrangeiros Ribbentrop e Ciano.»

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

3.ª VARA

ANÚNCIO

Faz-se saber que na execução ordinária que Manuel Augusto Valente de Almeida, move contra a executada Maria da Graça Barrô, solteira, maior, doméstica, residente na Povoa da Isenta, comarca de Santarém, correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anuncio citando para a execução os credores desconhecidos da referida executada, podendo, os que gozem de garantia real sobre os bens penhorados, reclamar o pagamento dos seus créditos, no prazo de 10 dias, posteriores aos editos.

Lisboa, 30 de Abril de 1969.

O Juiz-Corregedor Presidente
João de Deus Pinheiro Farinha

O Escrivão de Direito
José António dos Reis Palma

Palavras cruzadas

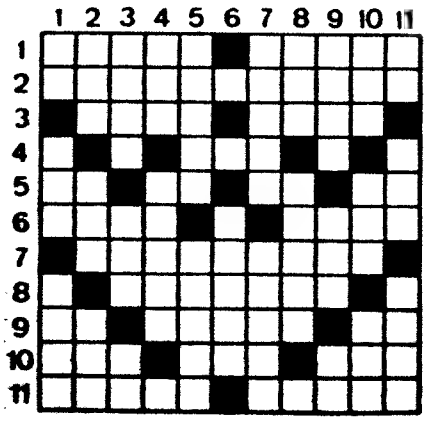
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5170

HORIZONTAIS: 1 — Transpirara. Espécie de andorinha. 2 — Mostrais. 3 — Planta umbelífera também chamada erva doce. Divisão de uma casa. 4 — Artigo definido. Terceiro. 5 — Crómio (s. q.). Dois mil em romano. O mais. Isolado. 6 — Apogeu. Engano. 7 — Levantais-vos cedo. 8 — Tempo do verbo ser. Adequado. 9 — Letra grega. Procedias. Somário (s. q.). 10 — Bicho que aparece no queijo e no carne de porco mal curtida (prov.). Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suiça. Distrito da Índia portuguesa. 11 — Brando. Levar á sirga.

VERTICAIS: 1 — Saudável. Vazia. Estavam. 2 — Corcovo. Álcool de melaço. Escavado. 3 — Rio da Toscana. Cidade de França. O mais. 4 — Monarca. Cresce. 5 — Deste modo. Suplicar. 6 — Moeda da Índia Portuguesa. 7 — Aflição. Engole. 8 — Sufixo que designa pequenez. Sinceros. 9 — Crivo. Curso de água natural e abundante. Compaixão. 10 — Camareiro. Senhores. Fecha as asas para descer mais depressa. 11 — Artigo definido. Filtro. Rio da China.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5169

HORIZONTAIS: 1 — Alegaríamos. 2 — Na. Só. 3 — Aca. AMA. Ser. 4 — Só. Aceno. AC. 5 — O. PRÓXIMO. 6 — Prevenido. 7 — Mia. Ara. Irr. 8 — Esta. COMO. 9 — Soara. Casal. 10 — Sibéria. A. 11 — Ou. Aérea. TI.

VERTICAIS: 1 — Acaso. MESMO. 2 — Ce. Piso. 3 — Ena. Pratos. 4 — Ga. Âre. Ário. 5 — Acava. Abé. 6 — Remexera. Er. 7 — Anima. Cré. 8 — As. Ami. Cara. 9 — Mas. Odiosa. 10 — Ea. Amar. 11 — Sorça. Raia.

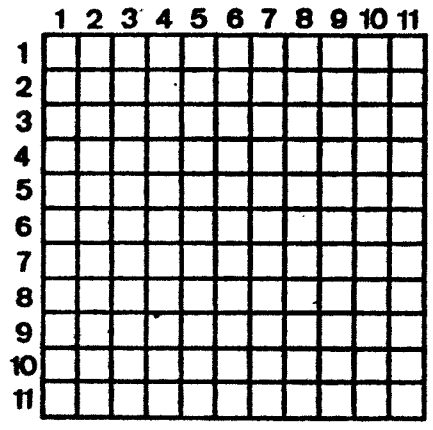
Provérbio: AMA O PRÓXIMO COMO A TI MESMO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9013

HORIZONTAIS: 1 — Sério. Molhos. 2 — Fado. 3 — Cantão da Suiça. Possuir. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 4 — Pronome pessoal. Sacerdotes budistas. Apelido. 5 — Cabelame. 6 — Livro de lei dos judeus portugueses. Estavas. 7 — Óxido de cálcio. Álcool de melaço. Um cento. 8 — Justapor. Árvore da família das Miricáceas cultivada em Portugal. 9 — Lugarejo. Cidade de Portugal. 10 — Preposição latina que designa movimento. Dar uivos. Amónio (s. q.). 11 — Chefe etíope. Fecho as asas para descer mais depressa. Empregue.

VERTICAIS: 1 — Antro. Apanhar. 2 — Estrépito de desmoronamento. Mata vedada por muro. 3 — Acrescentei. Falcões que ainda não têm um ano. 4 — Lê. Perscrutar. Título honorífico na Índia. 5 — Rebentar. Rio de Portugal. 6 — Assunto. Interjeição de dor. Lá. 7 — Ilusão (fig.). Sustento. 8 — Prefixo de privação. Ente. Tempo. do verbo ir. 9 — Preposição. Bater. 10 — Artigo defenido. Bandos. 11 — Vestígio. Fundador do islamismo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9012

HORIZONTAIS: 1 — Al. Pavia. As. 2 — Calão. Sismo. 3 — Ara. Tes. Aal. 4 — Sarro. Ogiva. 5 — Orai. Asar. 6 — Canal. 7 — Gaio. Gelo. 8 — Russo. Tolos. 9 — Ara. Dio. Ais. 10 — Marte. Cairo. 11 — Os. Ermos. Ás.

VERTICAIS: 1 — Acaso. Gramo. 2 — Terar. Auras. 3 — Lara. Isar. 4 — Pá. Ricos. Te. 5 — Aoto. Oder. 6 — Una. 7 — Isso. Toco. 8 — Al. Golgo. As. 9 — Sais. Elaí. 10 — Amava. Loira. 11 — Solar. Ossos.

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Publicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azote, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERENCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACILITAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOPRUFE»—Betuminoso impermeabilizante á base de asfalto, de fácil aplicação para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de aluminio adesivo para juntas, vedacção e impermeabilização
PROVER — Endurecedor do cimento, resistente ao desgaste e formação de poeiras
RAPID — Acelerador de presa e estancar águas
MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas claraboias

DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA
Rua de S. Nicolau, 41, 3.º—LISBOA 2—Telefs. 361805 - 322118

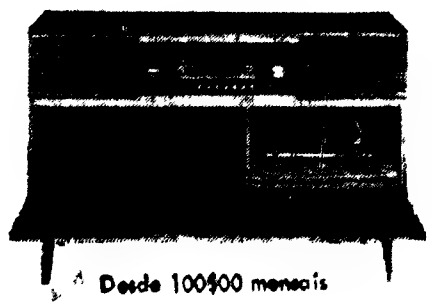
ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
★
Telefs: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

DESENHADOR OFERECE-SE
Com experiência de publicidade e alguma de construção civil em regime de «part-tymen».
Resposta a: Julio Vale — Telef. 383885 ou Rua Marquês de Olhão, 2-1.º, dt.º, Lisboa-6.

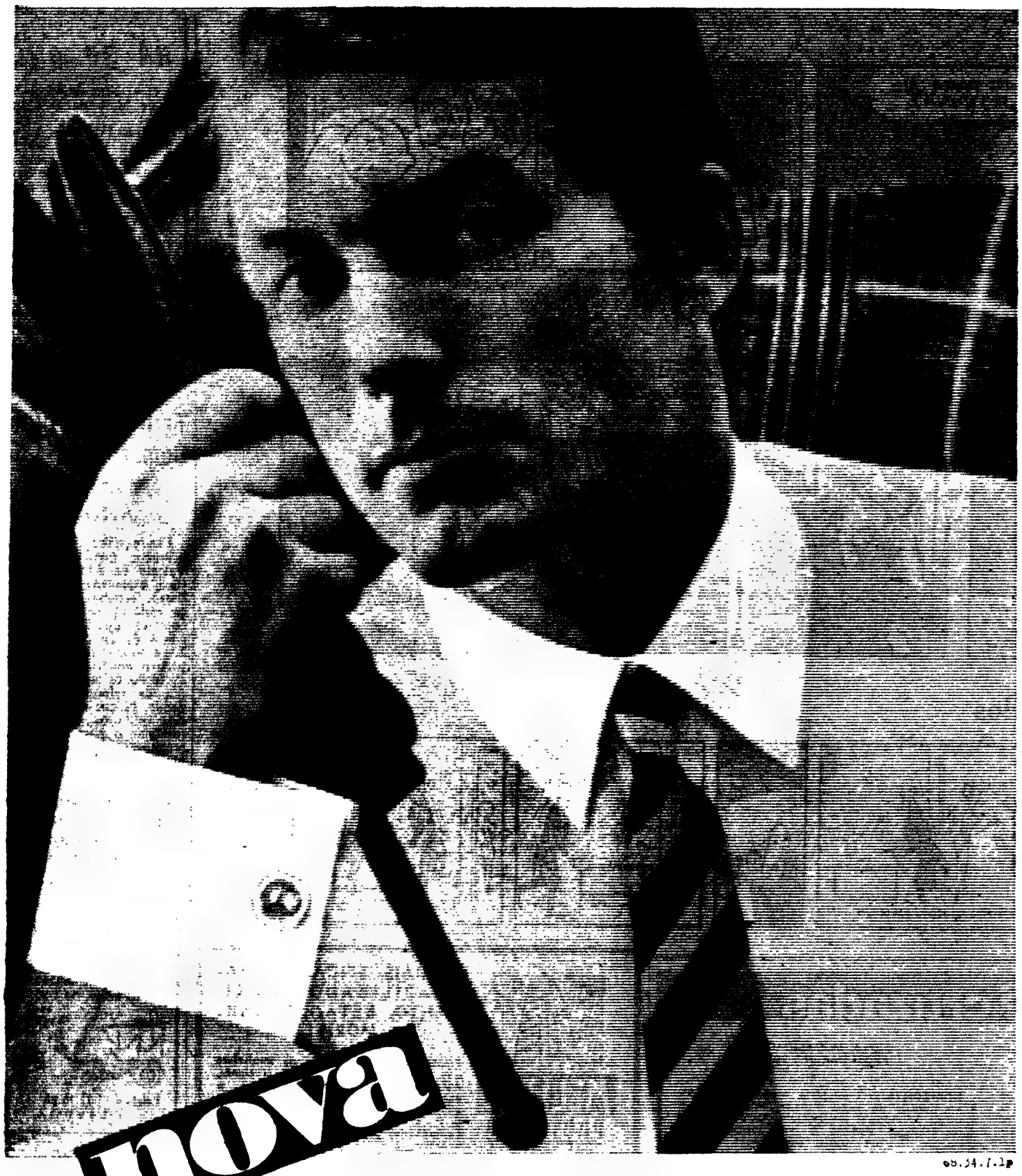
RADIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas
GRUNDIG



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
sem entrada * sem fiador



Camisas Stoffels splendesto®

Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.
Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto ...O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Resultados? — Formidável! —
A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.

Camisas Stoffels splendesto —
De corte distinto e perfeito.
Sempre permanecem
impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Também em qualidade super-leve cambraia

Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável

Stoffels splendesto

Apresentadas por regojo

TECIDO SUIÇO

UMA GAMA COMPLETA DE FRIGORÍFICOS

FÁTIMA
Dias 12 e 13 de Maio
Informações e inscrições
TURIJORGE
Praça de Londres, 9-B
Telef. 72 49 57
AUTOCARROS
EDUARDO JORGE
R. Jardim do Regedor, 35
Telefs. 38971 e 38972

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, s
A R L. — 95, Rua Nova
do Almada, 99 — LISBOA

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.
Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de vidagens.

«A Paz Mundial através da Compreensão Mundial»

Integrado na Semana da Compreensão Mundial, que decorreu de 16 a 22 de Março e destinado á juventude de todo o Mundo, o Rotary International organizou um Concurso de Cartazes sujeito ao tema «A Paz Mundial através da Compreensão Mundial»

Em Portugal concorreram cerca de duas centenas de jovens, dos 7 aos 18 anos e a boa parte dos cartazes atinge um nível notável.

O Rotary Clube pretende, agora, mostrar ao público esses cartazes, pelo que vai organizar uma exposição a inaugurar na S. N. B. A., na próxima sexta-feira, ás 22 horas.

JÚLIO DIANTE DO MAR

Julio dos Santos Lopes não esteve com Vasco da Gama em Calecute porque nasceu 454 anos depois.

É um jovem muito jovem, e para além disso gosta que se farta das aventuras marítimas. Os pais, José Lopes de Almeida e Maria Madalena de Jesus, não têm mão nele, que só tem mãos, pés, cabeça e olhos para os quatro oceanos do planisfério. Julio nasceu na capital da Beira Alta, mas os fados cumpriram-se e agora reside em Lisboa: perto do mar. Foi aqui que há tempos se meteu no velho «Neptuno» do bacalhau, avantesma de madeira a caminho da Terra Nova. Nada feito, porém. Descoberto, puseram-no com dono em Ponta Delgada, onde o presidente da Junta Autónoma se lhe afeiçoou.

— Bom, este passa-me a cédula marítima — pensou Julio. (Mas não houve cédula).

Novo capítulo em 27 de Abril de 1969. Julio fura a cortina defensiva do paquete «Angra do Heroísmo», sobrevive 36 horas na casa da máquina do leme. «Olha, um clandestino!» É aquele azar que o Julio tem, vá lá a gente perceber. Recambiado para Lisboa, presta de vez em quando serviço no mesmo «Angra do Heroísmo»: paquete no Tejo, Julio dentro do paquete.

Honesto sim senhor. Devia 100$00 a um agente da Polícia Marítima, vê o credor e abre a bolsa: «Tome lá, muito obrigado.» São 17 anos com um pé na água, com um sonho em terra á procura de melhor ocasião. Julio, o nauta adiado.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	530$	—	530$
Consolidado 3%	543$	542$	544$
Consolidado 3 1/2%	652$	—	652$
Centenários 4%	1 515$	1 515$	1 520$
Obrigs Tesouro 5%	1.007$	1 006$	1 008$
Externo 1.ª Série	—	570$	700$
Externo 1.ª Série c	—	—	8'0$
Externo 3.ª Série	—	—	750$
Externo 3.ª Serie c	—	920$	940$
Cautelas 3.ª Série	—	—	700$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	1.0 8$	1.0 8$	—
A P I 5% 58	—	—	970$
C P 4 1/2% 65	—	—	920$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C. U F 6%	1.007$	1 006$	1 010$
C. U F 6% 68	1.015$	1 000$	1 015$
Gás Elect 4% 48	—	840$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	840$	—
Gás Elect 5% 52	920$	910$	930$
Gás Elect 5% 58	—	900$	940$
Gás Elect 5% 59	—	900$	—
Gás Elect 5% 62	—	900$	—
Gás Elect 5% 63	—	900$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	1 025$	1.025$	1 030$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	850$	850$	855$
H E Cávado 6%	—	—	1 017$
H E Douro 5%	855$	853$	—
H E Douro 6%	1 008$	1.007$	1 008$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	1.010$	—
H E Zêzere 5% 55	—	850$	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	1 020$	1.020$	1 022$
Metropolitano 4%	—	940$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1.016$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	—	860$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	920$	925$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	940$	950$
Sacor 5% 60	—	910$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	850$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	825$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	850$	860$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	83$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	83$	84$5
U E P 5% 60	—	835$	—
U E P 5% 63	—	860$	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 150$	1.150$	1.155$
Alentejo	799$	798$	799$
Angola	—	2.240$	2.250$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	2.110$	2.105$	2.115$
E Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	13.300$	—
C. & Açores p	4.850$	4.800$	4.900$
C. & Açores n	—	—	—
P. Atlântico p	—	—	—
Portugal n	—	2.160$	2.980$
Portugal p.	2.980$	2 920$	2.980$
Totta Aliança	—	5.800$	5.995$
Ultramarino n.	1 952$	1.950$	1.955$
Ultramarino p.	2.250$	2.240$	2.255$
Seguros			
Alentejo	74$	—	75$
Douro	—	—	1.200$
Mundial	480$	470$	490$
Seguros	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	11.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	760$	780$
Ag. Cassequel	660$	655$	665$
Ag. Incomati	—	1.600$	2.000$
Ag Nèves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Borar	—	—	—
Buzi	83$	83$	85$
Cabinda	—	248$	255$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 539$	1 538$	1 545$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	1 050$
Moçambique	127$	25$	27$
Sonete n	—	—	—
Sonete o	375$	375$	380$
Zambeze	79$	79$	79$5
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	—	7 250$	7 350$
Cim Leiria	—	—	3 200$
Cim Tejo	—	—	5 150$
Col Navegação	965$	960$	970$
C U F	1.190$	—	—
Ina Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	2 850$	—
Petroquímica	—	—	2 150$
Port e Colónias	—	1 450$	1 500$
Port Celulose	—	3 500$	—
Port Pesca	—	1 050$	1 200$
Port Tabacos	—	512$	515$
Sacor	—	4 750$	4 800$
Siderurgia Nac	1 410$	1.410$	1 420$
Soce	2.400$	2 400$	2 450$
Tabacos de Portugal	—	850$	920$
Tabaqueira	—	—	—
U F Azoto	735$	735$	740$
Água Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	—	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	1.540$	1 530$	1.550$
Gás Electr	381$	381$	38'$5
H E Alto Alentejo	155$	154$5	155$5
H E Cávado	1.250$	1 250$	1.255$
H E Douro	1 290$	1 280$	1 290$
H E Norte Portugal	—	—	310$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.300$	1 310$
Nac Electricidade	1 350$	1 340$	1.350$
Termoeléctr Port	—	1.380$	—
U E P	—	194$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	164$2	169$1
F I D E S	—	108$5	111$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	1/5/69	7/5/69	8/5/69
GERAL	117,7	119,5	119,4
METROP	114,7	116,6	116,5
ULTRAM	139,7	141,0	140,5

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul		
— Rands de 1 e 2	36$00	38$00
— Rands de 5 e 20	36$50	39$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollars de 5 e 1 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$00	5$50
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra (soberano)	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 78 Papéis de crédito
Tel. 321273

Necrologia

TRASLADAÇÕES

Coronel Manuel Seabra de Sousa Gentil

A bordo do paquete «Vera Cruz», proveniente de Angola, chegaram a Lisboa os restos mortais do sr. coronel Leopoldo Manuel Seabra de Sousa Gentil que foi casado com a sr.ª D. Maria Luísa Gomes da Silva Pacheco Sousa Gentil e ocupou, durante largos anos, o cargo de presidente da Câmara Municipal de Nova Lisboa.

Amanhã, ás 12 horas, os seus restos mortais serão trasladados da igreja de Santa Isabel, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

Prisão de um homem que se meteu com duas jovens e resistiu à Polícia

A P S P capturou ontem «em flagrante delito», na Avenida da Liberdade, Joaquim Cabrita Duarte, de 21 anos, solteiro, empregado no comércio, natural e residente na freguesia de Alte, Loulé, por se ter intrometido com as estudantes Filomena Margarida de Carvalho, de 17 anos, natural da África Equatorial Francesa e residente nesta cidade, na Av. Moustinho de Albuquerque, 29; e Maria de Fátima Caeiro Lopes de 19 anos, natural de Lisboa e aqui residente na Av. de Roma, 86, 4.º, dirigindo-lhes «galanteios» e convidando-se entre ambas, facto que se repetia desde a Praça dos Restauradores.

As duas jovens pediram a intervenção de um guarda da P. S. P. Este dirigiu-se ao «galanteador» chamando-lhe a atenção para a sua atitude. Aquele respondeu:

— Há alguém mal nisso?

E voltando-se para a primeira das queixosas disse-lhe:

— Essas pernas ficam-lhe tão mal!

O guarda da P. S. P. quis então que o acompanhasse á esquadra ao que aquele se recusou afirmando ser militar (o que se verificou, mais tarde, não ser verdade) e só acompanhar a Polícia Militar. O guarda pediu-lhe a identidade mas ele recusou identificar-se e obedecer. Resistiu á captura e o guarda utilizou, então, a força para o fazer obedecer. O «galanteador» deitou as mãos á gravata do agente e agrediu-o a pontapé não lhe causando ferimentos, no entanto.

O guarda teve de pedir o auxílio de um colega para conduzir a esquadra o detido que, entretanto, se atirou ao chão por duas vezes, ferindo-se num joelho, pelo que foi receber tratamento no posto de socorros dos Bombeiros Voluntários da Ajuda. O caso provocou grande ajuntamento de pessoas que acompanharam os guardas e o detido até á 4.ª esquadra da P. S. P., onde foram dispersadas.

Autorizada a criação de institutos de crédito do Estado em Angola e Moçambique

Por decretos-leis hoje publicados no «Diário do Governo», foi autorizada a criação, em Angola e Moçambique, de institutos de crédito do Estado, com características estruturais e funções semelhantes as da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

Os novos institutos que terão autonomia administrativa e financeira e personalidade jurídica, denominar-se-ão, respectivamente, Instituto de Crédito de Angola e Instituto de Crédito de Moçambique e têm por objecto a realização de operações bancárias e financeiras, em especial a concessão de crédito a médio e longo prazos, com vista ao desenvolvimento económico e social das duas províncias, podendo ainda efectuar operações de crédito a curto prazo.

Segundo se lê no preâmbulo do primeiro diploma, «os institutos agora regulados estão concebidos por forma a transformarem-se em instituições financeiras poderosas, capazes de fornecer preciosa contribuição para o desenvolvimento económico das províncias onde vão exercer a sua actividade».

Por outro lado, acrescenta-se que não ficará «resolvido o problema dos mercados financeiros ultramarinos, mesmo só pelo que toca a instituições de crédito a médio e longo prazos. Há, com efeito, lugar, neste sector para outros estabelecimentos bancários e parabancários, sem que se corra o risco de tornar excessiva a oferta de capitais no Ultramar».

JOSÉ ALABERN (antigo campeão de bilhar) FOI HOJE SEPULTADO

No Sanatório Vivenda Oliveira, em Montachique, faleceu ontem, após seis anos de internamento o conhecido bilharista José Alabern.

De seu nome completo José da Silva Alabern, tinha 64 anos e era natural de Estremoz. Figura conhecida da boémia isboeta, foi, nas décadas de 30 e 40, o mais categorizado rival de Alfredo Ferraz, então campeão do Mundo de partida livre.

Internacional por várias vezes, conquistou inúmeros títulos, matendo até á morte o de recordista português de maior série do quadro 7 1/2 (167 carambolas).

Há longos anos afastado, por virtude da doença que o vitimou agora, José Alabern morreu nas condições mais precárias, embora amparado pela solicitude generosa dos que o tratavam e pelo Grupo de Amigos de José Alabern, composto por sócios da Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar.

O funeral saiu, esta tarde, do Sanatório Vivenda Oliveira, em Montachique, para o cemitério de Milharado.

O SECRETÁRIO DA AGRICULTURA VISITA LEIRIA

O secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vasco Leónidas, desloca-se a Leiria amanhã a fim de assistir aos trabalhos de encerramento do ano escolar da Escola de Formação Social Rural daquela cidade. Haverá, ás 16 e 30, uma sessão solene em que serão distribuídos diplomas ás educandas rurais que terminaram o curso e em que usarão da palavra o director da Escola, cónego dr. José Galamba de Oliveira e o eng.º Vasco Leónidas.

Terminou o encontro da comissão mista da Convenção Cultural Luso-Brasileira

Terminou hoje, no Instituto de Alta Cultura, o sexto encontro da comissão mista da Convenção Cultural entre Portugal e o Reino Unido da Grã Bretanha e da Irlanda do Norte que ali tem estado a decorrer desde anteontem. De manhã, procedeu-se á elaboração da acta que foi lida e assinada de tarde, após o que se efectuou a sessão de encerramento, tendo pronunciado um discurso o presidente da comissão, prof. Abreu Faro, que analisou os trabalhos do encontro e os resultados atingidos.

À noite, o presidente do Instituto de Alta Cultura oferece um jantar no Hotel Ritz.

Quem achou?

O sr. António Maria Gonçalves que é vendedor de lotarias e mora na Rua 1, n.º 49, no Bairro da Cruz Vermelha, perdeu, esta manhã, entre a Rua Rodrigo da Fonseca e a Rua do Sol ao Rato, uma carteira com cerca de mil e quatrocentos escudos, onze vigésimos premiados com a terminação da lotaria da semana passada e toda a sua documentação.

Pede por nosso intermédio, á pessoa que a achou, o favor de a entregar naquela morada ou no nosso jornal.

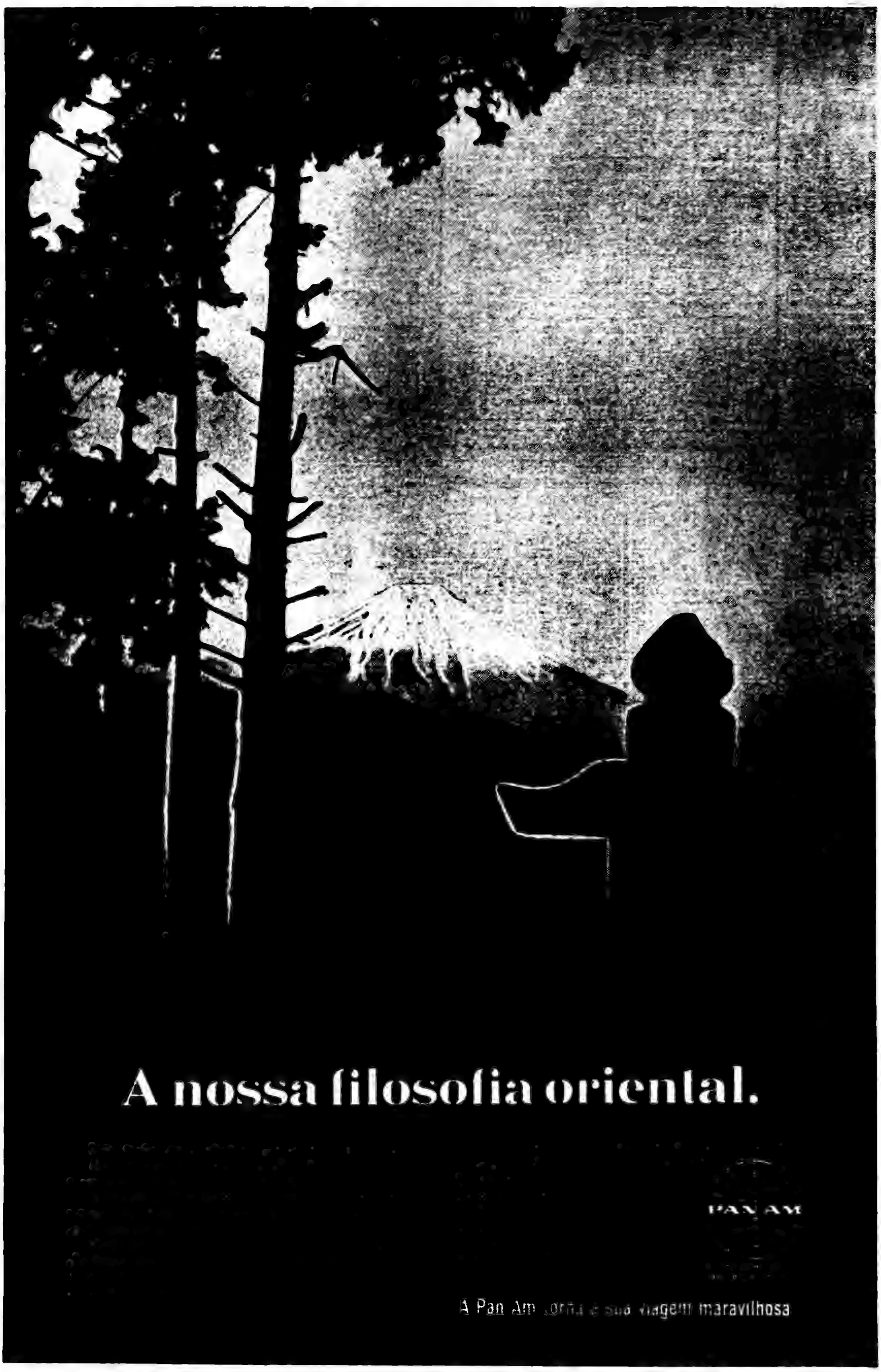
CASA DE PASTO ARROMBADA

Um estabelecimento de vinhos e comida, sito na Calçada de Santana, 18, pertencente á Irmã Carvalho & Vale foi, esta madrugada arrombado por gatunos que dali furtaram quinhentos, conservas, tabaco e talheres, tudo no valor total de 4880$00.

Automóvel furtado

O lubrificador Nelson Rebelo, de 43 anos, solteiro, residente na Rua da Caridade, 10, r/c, em Lisboa, foi ontem detido, na zona da Estefânia, quando ali conduzia um automóvel furtado na Avenida de Roma.

O referido automóvel pertence ao sr. Alberto Ventura de Matos, casado, comerciante, natural de Alcanede e residente em Lisboa.


A nossa filosofia oriental.
PAN AM
A Pan Am sorri à sua viagem maravilhosa

TÊM A PALAVRA

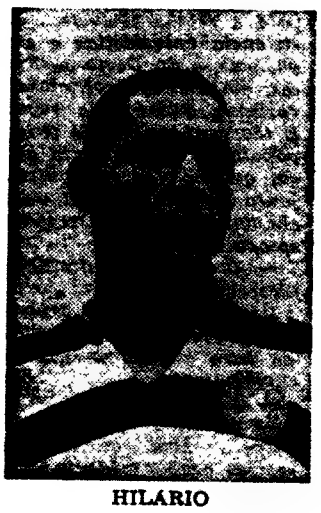
OS «AFASTADOS» DA SELECÇÃO

• DIZEM DE SUA JUSTIÇA, COLUNA, HILÁRIO, SIMÕES, JOSÉ AUGUSTO E JAIME GRAÇA

Foi demasiado brusco. Num repente desapareceram da selecção nacional de futebol, nomes prestigiosos que nos habituaramos a decorar como vedetas da mais pura água, à escala universal.

E as pessoas, aquelas que indiferentes a problemas marginais, mas nem por isso menos importantes, surpreendem-se e interrogam-se por não verem entre «os melhores de Portugal» os nomes de José Augusto, Torres, Simões, Jaime Graça e outros como Hilário e José Carlos, para jogos quase decisivos para as nossas aspirações de qualificação.

Com efeito, o jogo que a



HILÁRIO

selecção portuguesa disputou com os helénicos foi, muito justamente rotulado do «desafio que não se podia perder». E apesar disso jogadores «calejados» nas duras campanhas europeias, foram sacrificados a uma «política» renovadora que mais parece querer tudo destruir para recomeçar do zero. De uma só vez, de golpe, abruptamente, deixaram, na totalidade, de ser uteis á equipa de Portugal, na opinião dos respectivos responsáveis.

Que pensarão, porém, os futebolistas agora afastados e até há pouco considerados imprescindíveis em qualquer agrupamento representativo do futebol português?

Eis as respeostas que de alguns deles recebemos para uma só interrogativa: *Como encarou o seu afastamento da selecção nacional?*

De **MÁRIO COLUNA**, o «grande capitão» ouvimos:

— ***Considero a minha exclusão um caso especial, na medida em que estive lesionado durante bastante tempo. Aceito-a portanto, até porque estando eu em boas condições e se o «responsável» for justo, espero fazer mais do que um jogo na selecção de Portugal.***

Hilário — um dos poucos que se salvaram do «naufrágio» de Atenas, «capitão» contra a Suíça, na lista dos vinte e dois para o jogo com a Grécia e, mais tarde, nem suplente nesse encontro.

Uma palavra a dizer, também:

— Eu penso que, em certa medida e de acordo com a generalidade da Imprensa, a selecção necessitava de renovação. Mas, claro, que a renovação não se pode fazer assim com quase todos postos na rua. Dois ou três rendidos não afectariam o conjunto e talvez se fortificasse.

E Hilário prossegue sem necessitar de «ajudas»:

— No meu caso pessoal francamente não sei porque não joguei. Contra a Suíça não fui dos piores, estou em excelentes condições físicas, e francamente não me considero um velho. Um critério que aceito mas não compreendo...

— Mas como se explicam estes resultados?

— Há, inegávelmente, um defeito de organização geral que se reflecte, na selecção. A diferença entre os estágios e os processos da equipa de 1966 e os actuais, é espantosa. Agora, até se fomenta esta discussão entre novos e velhos, com alguns dos rapazes a fazerem-nos já críticas agressivas que só criam mau ambiente. Por este andar,

SIMÕES

qualquer dia, nem há selecção de velhos, nem de novos...

E a acabar:

— Tenho pena, evidentemente. Da situação a que chegámos e de não jogar. É que não foi por estar em má forma, com certeza, porque se essas fossem razões fundamentais o Eusébio também estaria fora da equipa... Quanto a mim cá continuarei a servir o melhor que possa...

Serenamente, JAIME GRAÇA disse:

— ***Aceitei-a bem, disciplinadamente. Mas segundo me disseram, o dr. Moreira da Cruz afirmou na Televisão que a minha exclusão foi devida ao facto de me encontrar lesionado e o meu nome não ter sido por isso, incluido na relação enviada á F. I. F. A. Ora quando esta foi***

JAIME GRAÇA

remetida áquele organismo já eu fizera dois jogos pelo Benfica: contra o Porto e contra a Sanjoanense. Já não estava, portanto lesionado.

E continuou:

— *Mas espero regressar á selecção. Com este, ou outro seleccionador, até porque, como recordará, tenho cumprido mais ou menos, sempre que tenho jogado pela equipa de Portugal.*

Falou depois SIMÕES:

— *O seleccionador diz e eu talvez esteja de acordo: os jogadores do Benfica ou jogam ou não são convocados. Já deram sobejas provas para carecerem de oportunidades.*

«São critérios que respeito mas com os quais não concordo. E sinto-o porque em pouco tempo estragou-se o que tanto trabalho deu a fazer. Os jogadores do Benfica contribuiam poderosamente para o prestigio do futebol português e num ápice foram afastados. E isso doi-me porque eu também sou um «homem do futebol». Então, agora numa fase em que precisávamos ganhar uma posição é que

JOSÉ AUGUSTO

COLUNA

foi altura para se fazerem experiências? Será que se queria estruturar já uma equipa para o México? Mas então esqueceram-se de que primeiro teriamos de ganhar o direito de estar presentes na fase final do «Mundial».

«E já reparou que nunca como agora e em tão pouco tempo se fizeram tantos internacionais?

«Veja o caso de José Augusto. Quantas vezes ele terá ido á selecção em piores condições. Pois agora que estava em boa forma ficou de fora. Nem sequer foi suplente.

«Por mim, ainda espero voltar á equipa. Suponho que com 25 anos os responsáveis me não considerem «velho».

Escutamos JOSÉ AUGUSTO:

— *Lamento sinceramente que jogadores de primeiro plano do futebol português, «internacionais» de prestigio nem sequer sirvam já para suplentes.*

«E no entanto outras selecções houve em que os jogadores do Benfica não estavam no seu melhor. Mas não se esquecia uma base de conjunto, o que agora parece ter acontecido.

Mas eu espero voltar á equipa de Portugal. Com o actual ou com outro seleccionador creio que ainda posso vir a ser util ao ressurgimento do futebol português.»

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

«EUROPEU» DE HÓQUEI EM PATINS

PORTUGAL — SÓ VITÓRIAS

• À NOITE COM A FRANÇA 5—0

No seu quarto dia do Campeonato Europeu — a equipa «galgou» na segunda-feira e repete hoje — Portugal efectuou dois jogos. Ambos com adversários tidos, no momento, como fracos e fáceis. E nada alterou esta ideia, pois a nossa selecção alcançou duas fáceis e claras vitórias: 15-2, frente á Inglaterra, e 5-0, perante a França.

De tarde uma exibição fácil e agradável contra a Inglaterra; á noite, repouso concedido a Livramento (que contra os britanicos, apesar de não jogar todo o tempo, obtivera 7 golos) e novo êxito, por numeros menos redondos, mas significativo. A partida contra os franceses foi sempre fácil e o seu interesse residiu, principalmente em ver até onde chegariam os nossos jogadores. No entanto o jogo acabou por ser um festival de golos falhados e Portugal, que dominou sempre os acontecimentos, chegou a cinco golos e manteve intactas as suas balizas.

Nos outros dois encontros de ontem os resultados foram os seguintes: Espanha, 10-Itália, 1 e Suíça, 1-Holanda, 3.

O programa para hoje é o seguinte: França-Holanda, Suíça-Alemanha e Bélgica-Inglaterra.

Amanhã disputar-se-ão os seguintes encontros: Alemanha-Bélgica, Suíça-Portugal e Espanha-Holanda.

O «MUNDIAL» DE TIRO

Prosseguiu a disputa do 33.º Campeonato do Mundo de Tiro ao Voo, que está a decorrer no Clube Português de Tiro a Chumbo, em Monsanto.

Já foram excluídos 164, dos 343 atiradores inscritos, restando pois em prova 179, dos quais 35 estão «limpos» (isto é: sem «zeros») 67 com 1 «zero» e 77 com 2 «zeros».

Dos 35 atiradores presentes á 10.ª volta, que foi a ultima a ser ontem disputada, 11 são portugueses: J. Lima de Carvalho, Luís Falcão, Casimiro Pinto, Joaquim Belchior, Carlos Carmezim, Fernando Carneiro, eng.º José Serôdio, Carvalho Monteiro, Leitão do Amaral, dr. Henrique da Cruz e dr. Simões de Lemos.

A percentagem de portugueses sem «zeros», é pois de cerca de 31,7 %, o que pode considerar-se boa.

ELEK SCHWARTZ:

200 CONTOS DE «LUVAS» 15 CONTOS DE ORDENADO MENSAL

O presidente do F. C. Porto, Afonso Pinto de Magalhães, na reunião habitual com os jornalistas, informou que o técnico Elek Schwartz, que aceitou as condições que lhe tinham sido propostas: o contrato entre Schwartz e o F. C. Porto foi assinado por um ano, por 200 contos de «luvas» e 15 contos de ordenado mensal, além dos prémios dos jogos.

Para treinador de campo (adjunto de Schwartz) serão contratados António Teixeira, há pouco desligado do Tirsense e antigo jogador do F. C. Porto, ou Vieirinha, que deixou excelente impressão quando há dois anos trabalhou no clube. O preparador físico, será o técnico de atletismo, o checo Otakar Stastny, há meses já a trabalhar no clube. Entretanto foi criado o cargo de secretário administrativo, que será desempenhado por Artur Baeta, o responsável pelas escolas de jogadores do clube e treinador actual de juniores.

Assim o F. C. Porto contará com quatro profissionais com cargos específicos nas equipas de seniores e no caso particular de Artur Baeta as suas funções estendem-se a todas as categorias.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

VALTINHO TREINA-SE NO SPORTING

Assegurado o concurso dos futebolistas ultramarinos Juvenal e Dinis, os dirigentes do Sporting prosseguem nas diligências para garantir o concurso de outros jogadores (avançados) que possam vir reforçar a sua equipa de profissionais.

Dentro dessa linha de orientação treinará em Alvalade para apreciação dos responsáveis «leoninos» o brasileiro Valtinho, que presentemente se encontra em Portugal, onde pretende fixar-se.

*

Fernando Caiado deverá ser o treinador da selecção, esperando-se também que o seleccionador convide Angelo Martins para técnico-adjunto.

O Sporting foi convidado para jogar em França onde deverá deslocar-se depois do primeiro jogo com a U.D.I.B.

*

Chegou esta manhã a Lisboa, instalando-se em Carcavelos, a equipa do Ferroviário de Lourenço Marques que vem jogar com a Académica para a Taça de Portugal.

*

É esta noite no Restelo que pela quarta vez se vão defrontar os juvenis do Sporting e do Benfica para decidirem qual deles será o campeão regional de Lisboa da categoria.

*

Costa Pereira continua na C.U.F. Com efeito aquele treinador acaba de revalidar por mais um ano o contrato que o vinculava áquele clube.

O DR. CATARINO DUARTE pediu a demissão da Comissão Central do Benfica

Apesar dos excelentes resultados obtidos, o presidente da Comissão Central do Benfica, dr. António Catarino Duarte, afirma não estar decidido a continuar no desempenho daquelas funções.

Assim, pelo dr. Catarino Duarte foi já apresentado á actual direcção do Benfica o respectivo pedido de demissão.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A ORGANIZAÇÃO AMADORA DE UMA SELECÇÃO DE PROFISSIONAIS

Por AMADEU JOSÉ DE FREITAS

Mário Zambujal pôs o dedo em muitos aspectos. Nos mais prementes e objectivos. Naqueles que feriram olhos cheiinhos de ilusões que estão agora, iluminados sòmente, pela crueza da realidade. Ou fechados, para fugir a responsabilidades. Mas é claro que a selecção nacional de futebol continuará a ser o tema e assunto, que tem muito que se lhe diga, a ser observado, escalpelizado, analisado Mas em profundidade. Procurando perceber o «fenómeno» que fez precipitar no declive uma equipa que em Londres-66, foi êxito e espectáculo, «autopsiemos» todo um trabalho, toda uma organização. Que falhu. Com os resultados que estão à vista.

*

É no «ultimo andar», na cabeça, que começa tudo. Uma estrutura sem base, sem alicerces, sem verdade, não pode ter «filhos» sãos e escorreitos. Porque o caso é este: ou o futebol está, na verdade, devida e sèriamente profissionalizado e se vai agir dentro desse esquema ou, então, regressamos ao velho e romântico amadorismo e brincamos com esta coisa da bola e deixamo-nos de ridículas aspirações. O futebol, hoje em dia, não pode sujeitar-se ao choque que tem de existir, entre uma direcção comandada por amadores e «explicada» depois, por individuos cuja profissão é o futebol.

Aliás, está condenada por toda uma moderna civilização a existência de arrivistas e amadores a interferirem numa especialização que tem a vantagem de possuir uma profundidade e extensão, toda entregue a gente do mesmo «ofício». A época dos «Sherlock Holmes» está ultrapassada e hoje, todos o sabemos, tem de existir uma tendência pronunciada para um apuro profissional e condicionado a um só pelouro e actividade.

Pois bem: uma profissão tem a sua ética e deontologia próprias e não pode admitir «pára-quedísticas» e despropositadas intromissões.

Há profissionais no futebol que não podem ser comandados por amadores — bem intencionados, sim senhor — mas espartilhados pelo tempo, pelas suas próprias actividades, pelo contacto directo com os problemas E, também, influenciados pela amigável conversa de café, a da palmada nas costas, a da opinião a seguir ao gole de uma «bica».

O complexo do futebol nacional, para estar de harmonia com a infelizmente fugaz projecção obtida no «Mundial» de 1966, exigia um comando definido, certo, orientado. Por homens do futebol, por homens que ao futebol nacional pudessem dar as suas horas e a sua experiência. E os seus conhecimentos. Em todo o lado se faz...

*

Alf Ramsey, só trata da selecção inglesa. Artigas, vai ser o unico responsável pela selecção da Espanha. A própria França que anda pelas «ruas da amargura» tinha Dugauguez contratado pela Federação e, agora Kopa. E nem se fala em João Saldanha, no Brasil, depois de Feola.

E entre nós? Na «cúpula» um coordenador e um seleccionador. Depois, um departamento técnico. Até onde poderá esta «maquinaria» funcionar devidamente começando por ser amadora e acabando nos profissionais? Até que ponto se entrechocarão e brigarão, concepções nascidas em mentalidades, mesmo sérias e inteligentes, admite-se, de espectadores de bancada, e os homens que têm obrigação de conhecer o futebol por dentro?

Uma equipa, não será, ou não deverá ser, o reflexo de uma personalidade, de uma orientação, de um tracejado percorrido, desenhado e ordenado por um só responsável?

Qual o benefício de um grande e luxuoso escritório se a maior parte dos empregados usar o sistema de «part-time»? Nulo — que ficarão sempre coisas pendentes para tratar, resolver e ordenar, no dia seguinte...

*

O futebol é, dos homens do futebol. Se ele tem hoje tanta importancia e força, se movimenta tantos e tantos milhares de contos, se dá pão e casa a tanto e tanto homem — como pode admitir-se, ou aceitar-se, que seja dirigido e mandado por bem intencionados individuos... em regime de acumulação?

Errado... E bem provado está que assim é. E nem se fala sequer, nos casos, birras, mal entendidos, egocentrismos, evidências pessoais, vaidadezinhas balofas e falsas — que enchem de buracos a organização, tão furada como um queijo Gruyére...

O pior é que o futebol é que paga. Mas é isso que temos de evitar se pretendermos que ele seja aquilo que desejamos.

Nem tudo está ainda perdido. Se voltar, depressa, o bom-senso, a coragem de reconhecer erros e arripiar caminho, a argucia de saber dirigir e entregar em mãos competentes quem pode ainda fazer qualquer coisa.

O que não deve é continuar-se nesta hibrida situação: amador na cabeça, profissional nas pernas... Tem de haver um todo, um conjunto, uma estrutura.

«RESCALDO» DE COIMBRA

UM JOGADOR IRRADIADO E QUATRO SUSPENSOS

Reuniu-se ontem o Conselho de Disciplina da F. P. F. que resolveu aplicar os seguintes castigos referentes aos desagradáveis incidentes passados em Coimbra durante a repetição da final da II Divisão:

II DIVISÃO — *Irradiado:* Carlos Alberto Freire, do Boavista, por «agressão ao árbitro»; *9 jogos de suspensão* a António José de Lemos, também do Boavista, por «agressão a um adversário, no que é reincidente, e injúrias e insultos graves á equipa de arbitragem»; *8 jogos:* a Fernando Barbosa de Sousa Rocha, do mesmo clube, por «tentativa de agressão ao árbitro evitada por terceiros»; *5 jogos:* a Alfredo de Jesus da Silva, ainda do mesmo clube, por «insultos graves á equipa de arbitragem»; *1 jogo* a António Alfredo da Costa Bandeira, do Barreirense, por «desacordo com as decisões do árbitro, no que é reincidente», e *advertência:* a Fernando Salvador Faneca, do mesmo clube, por «faltas leves».

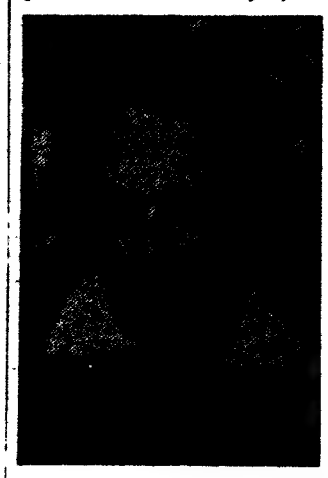
Também os treinadores dos dois clubes, sofreram punições: Gama, 15 dias e multa de 250$; Manuel de Oliveira, 90 dias e multa de 500$00.

ÁRBITRO E VETERINÁRIO

«Ó SENHOR DOUTOR: DEPOIS VENHA VER A MINHA VAQUINHA...»

O futebol pode ser uma coisa séria, sim senhor. Mas o futebol é, também, e acima de tudo, alegria de viver, ar livre, boa disposição. Às vezes, até, há uma certa e saudável ingenuidade — o que dá a dimensão perfeita da profundidade e extensão do jogo. Que não escolhe cultores, nem os selecciona, que abre democràticamente as suas portas a quem quiser.

Por isso mesmo o futebol proporciona, por vezes, situações curiosas, salpicadas pelo pitoresco e pela graça.



DÉCIO DE FREITAS — «double» de árbitro e veterinário...

Uma coisa dessas, por exemplo, aconteceu há muito poucos dias com o conhecido árbitro «internacional», Décio de Freitas que, como todos os que andam no futebol sabem é, também, médico veterinário.

Pois bem: na ultima quinta-feira, o dr. Décio de Freitas foi até Itália, á suave e cosmopolita Montecatini, dirigir o encontro Itália-Inglaterra, entre selecções de amadores. Chegou a Lisboa no sábado de madrugada e verificou que, em casa, tinha um postal a convocá-lo para dirigir na manhã seguinte, o encontro de juniores Montelavar-Pero Pinheiro. Cumpridor e apaixonado pela arbitragem, o dr. Décio de Freitas resignou-se a dormir só quatro horas e, de manhãzinha, lá foi para Montelavar. Um «pulo» de Montecatini para a região «saloia»... Assistência entusiástica a amiga, pois, o dr. Décio de Freitas, em visitas profissionais, costuma andar pela região. E tão conhecido é de toda a população que, a certa altura, quando se encontrava junto da linha lateral ouviu chamar, baixinho e respeitosamente:

— Ó senhor doutor... Senhor doutor...

Décio de Freitas esperou pela saída da bola e voltou-se para atender o delicado chamamento:

— O que é?

— Ó senhor doutor, desculpe... Mas quando esta «coisa» acabar pode ir ver a minha vaquinha que está doente?

Evidentemente, que o árbitro não escondeu a sua surpresa. Mas não podia deixar o assunto nesse pé:

— Agora, a consulta é outra...

Mas quando o jogo acabou foi mesmo ver a vaquinha...

IV Portugal-Espanha em bilhar

Organizado pela Associação do Porto disputar-se-á nos próximos dias 17 e 18 o IV Portugal-Espanha em bilhar, que se realizará na sede do Clube Fenianos Portuenses.

HOJE À NOITE

FUTEBOL—Final do Campeonato de Juvenis da A. F. L. (4.ª repetição), entre Benfica e Sporting, no Estádio do Restelo, ás 21 horas.

VOLEIBOL — Torneio Aberto de Juvenis da A. V. L.: Nacional de Ginástica-Lisboa Ginásio A, em Oeiras, ás 21 e 30.

No Porto

BILHAR—Campeonato Regional de 3.as Categorias (Quadro 47/2): jogos na sala do Leixões-Bilharista, a partir das 21 e 15.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Pares — Juniores: jogos na sala do F. C. Porto, a partir das 21 e 15.

VII Torneio Vareiro (equipas): jogos a partir das 21 horas, na sala do Orfeão de Ovar.

VOLEIBOL — Campeonato Regional da I Divisão: C. D. U. P.-F. C. Porto e Sporting de Espinho - Leixões, ambos ás 22 horas, nos campos dos primeiro.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

PRIMEIRA PARTE

Varzim-Guimarães	1
Tirsense-U. Tomar	1
Leixões - Barreirense ...	1

RESULTADO FINAL

Varzim-Vit. Guimarães	1
Tirsense-U. Tomar	1
Leixões- Barreirense ...	1
Bolonha - Palermo	1
Juventus-Fiorentina ...	X
Milan-Nápoles	1
Pisa - Lanerosi	1
Roma - Atalanta	1
Varese-Torino	X
Verona-Inter	2

«Impressionante o afundamento da equipa portuguesa»

MADRID, 8 — (A. N. I.) — Sob o título «Portugal também não pode ir ao México», o matutino «Ya» analisa hoje o futebol português, que, «além de perder o ataque», continua sem encontrar uma defesa firme. E acrescenta:

«Ainda que lhe restem as desesperadas saídas do outono á Roménia e á Suíça, a selecção portuguesa parece já condenada a não estar no México».

Comentando os dois últimos encontros portugueses, chega á conclusão de que «o afundamento da equipa é impressionante».

Põe em destaque a baixa forma da dianteira que não encontra substitutos e acrescenta que «não é isso o mais perigoso, mas sim o facto de a equipa receber fàcilmente golos de potências médias».

O «Ya» acrescenta que os novos internacionais não correspondem aos antigos e estão em forma muito baixa. Portugal não tem a mesma desculpa que a Espanha, que jogou no grupo mais forte, porque hoje a Bélgica supera suíços e romenos, não falando já da Jugoslávia. E termina por prever que «apenas a Itália representará a família latina da Europa» no futebol do México.

Para defrontar o Sporting, chegou a Lisboa a equipa do União Desportivo Internacional de Bissau, totalmente integrada de futebolistas amadores

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

★ Eusébio vai pedir 7000 contos para renovar o contrato com o Benfica

★ Jacinto João pede 1500 contos ao Sporting

★ A selecção nacional em crise. Previstas demissões em massa

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — CAÇA AO OURO — Politeama

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326306
HOJE, às 21.30 — ESTREIA
Uma notável comédia policial cheia de imprevisto e emoção
CAÇA AO OURO
com os brilhantes artistas Mireille Darc, Jacques Sernas e maravilhosas raparigas em «bikinis»
(Eastmancolor)
HOJE, ÀS 18.30 — Sessão Clássica (M. 17 anos)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) 21.30
EM 2.ª SEMANA DE ENCHENTES
UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 388743
Às 18.30 e 21.45
CUSTER HERÓI DO OESTE
Robert Shaw, Mary Ure e Robert Ryan no mais espectacular, sugestivo e empolgante filme do ano!
Tela de 70 mm — Technicolor
Um êxito extraordinário!
METRO: Estação Picoas

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A QUADRILHA DO GRANDE CÉREBRO
com Sidney James e Sylvia Syms

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
CONTRATO PARA MATAR
com Lee Marvin, Angie Dickinson, John Cassavetes e Ronald Reagan

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
A GRANDE PANDEGA
DIFAMAÇÃO

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 927593
Às 21.30
Uma espantosa comédia com Vittorio Gassman e Anne Margret
O PROFETA

TIVOLI
(M. 1. anos) Tel. 30590
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
4.ª SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
70 m/m Moscolor
Vencedor do Óscar para «O melhor filme estrangeiro do ano»
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
Technicolor — Techniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 21.30
A epopeia fantástica de um punhado de heróis!
CUSTER HERÓI DO OESTE
com Robert Shaw, Mary Ure e Robert Ryan
70 mm — Technicolor
Supertechnirama

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA de enchentes!
Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross num filme que entra pelo fantástico, onde o normal torna as proporções do bizarro
JOGOS PERIGOSOS
Cinemascope-Technicolor
Av. Frei Miguel Contreiras

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
ADEUS AMIGO
077 DESAFIA OS ASSASSINOS

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
002 CONTRA AL CAPONE
Techniscope — Technicolor
com Franco Franchi, Ciccio Ingrassia e Moira Orfei

CONDES
Lotação 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
CUSTER HERÓI DO OESTE
70 mm — Supertechnirama Technicolor
com Robert Shaw e Mary Ure

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 778005
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Emigrantes portugueses
O SALTO
com Marco Pico e Ludmila Mikael
Realização de Christian de Chalonge

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O extraordinário filme
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow e Rosemary's Baby
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763060
3.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
A SEMENTE DO DIABO
«Rosemary's Baby»
TECHNICOLOR

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
A ROLETA DA MORTE
com Robert Wagner, Peter Lawdford, Lola Allright, Walter Pidgeon e Gill St. John

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
7.ª SEMANA
Às 15 e 21.30
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada
com Barbra Streisan e Omar Shariff

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Technicolor — 4.ª SEMANA
O maior filme policial dos últimos vinte anos
STEVE McQUEEN é
BULLITT
Você jamais o esquecerá!

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 64153
Às 15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
MAYERLING
com Omar Sharif, Catherine Deneuve, Ava Gardner e James Mason

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h
AS DIABÓLICAS
AS AVENTURAS DE «O SANTO»

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

SÃO CARLOS — Às 8 e às 22 h: «Ballet» Polaco (12 anos).
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança de morte» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (12 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Anatomia de uma história de amor» (12 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A esfera facetada» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Mãos à obra» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Assassinos» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O carrasco de Londres» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «O bom, o mau e o Vilão» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O aventureiro de Tortuga» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Em ponto de rebuçado» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Alta tensão nas Caraíbas» (12 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Tarzan encontra o filho» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Jogo perverso» (17 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Não incomode» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Os quatrocentos golpes» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «Por mais alguns dólares» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Modelos de Paris» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Antes que cases» (12 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS CINE — Às 21: «O Diabo atrás da porta» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Quem dispara primeiro» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Contrato para matar» (17 anos) CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Carabinas inimigas» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Um perigo em cada curva» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Os 3 super homens» (17 anos) ACADEMIA — Às 21 e 15: «A pequena virtude» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O comboio fantasma» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Esta noite é minha» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Forte Utah» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 21 e 15: «Nunca digas sim» e «A volta do pistoleiro» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Paris já está a arder» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Dez convites para a morte» e «Golpe de mestre à napolitana» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Domingo de Verão à italiana» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O carrasco de Veneza» (12 anos)

UMA COMÉDIA DE «BOULEVARD» NO LAURA ALVES

Prossegue, no Teatro Laura Alves, a comédia de Pierrete Bruno «Pepsie», original francês com tradução de R. Lobato de Faria, que está a despertar vivo interesse entre o publico apreciador de comédias de «boulevard». «Pepsie» conta-nos a história de uma rapariga de «cabaret», meiga, terna, alegre e inteligente, que envolve na sua vida um arquitecto, chefe de família — uma comédia que tem obtido estrondoso êxito tanto em Paris como noutras grandes cidades europeias e que foi premiada em França com o «Prémio de Humor Tristan Bernard».

Jacinto Ramos, um homem conhecedor de teatro, além do desempenho de uma das principais personagens, é, também, o encenador. A seu lado, estão Irene Cruz e João Lourenço com duas excelentes interpretações, muito bem coadjuvados por Graça Lobo e Luís Pinhão.

As cenas são do jovem artista João Vieira.

Teatro na Sociedade Boa União

O Teatro de Ensaio, sob a direcção de João Sarabando, vai hoje à Sociedade Boa União, onde leva à cena as peças em 1 acto «Processo disciplinar», de Cunha Viana; «Os dois macacos», de Julio Dantas, e «Está lá?», de André Brun. O espectáculo tem início às 21 e 45, e está incluído na série dedicada pela Camara aos moradores nos bairros populares e da periferia da cidade. No desempenho daquelas peças entram os artistas João Sarabando, Sénuel de Carvalho, Maria Crespo e Alfredo de Sousa.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses)

ALCÂNTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão Sabrosa, 04 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Al Lopes Vieira, 57-B (765262) ● Alentejo, Av da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (7763 4) ● Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 16-B (725859) ● Central do Areeiro, Av. Paris, 2 e (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av 5 de Outubro, 283-A (763016) ● Cardete, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ● Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, Rua 27, 41 (311216).
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ● Durão, R Garret, 90-92 (324 66)
BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ● Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ● S. João, Est. da Luz, 124-A (783 79)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681728).
CAMPOLIDE — Imperial, R. General Taborda, 28 (680931) ● Realte, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-B (46943).
CONDE BARÃO — Luz, R. da Esperança, (17-19 (660913).
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 30 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 34 (866360) ● Progressiva, Rua St.ª Marinha, 18 (8636 9).
LUMIAR — Petalgia, Medeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790832)
OLIVAIS — Fernandes Rogan, R. C 5 Lote 300 (81 68 1) ● Central dos Olivais, Rua Alonso Barraro Ruas 7-C, Olivais-Norte (3 5539)
PALHAVÃ — Costa, Av. Madame Curie, 15 A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003)
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (32545).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C — (610741)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720708) e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua F. Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Griló, R. do Grilo, 25 ● Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 7-9 (840125). 48-A (2511234)
MOSCAVIDE — Varela — Av.ª de Moscavide, 44 (Tel 2518520) ● Império — R. de Olivença,

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av. Comb G Guerra, 64 (T. 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432084)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090).
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (2471054).
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186).
MONTE ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170 — Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (28 044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (984589) — Campos, Rua Elias Garcia, 185, (930072) — Clebel — R. António Sardinha, 23-D (93855)
DAMAIA — Confiança, estrada Militar, Lote D (Tel. 97 0 23).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ● Zeller, R. da República, 80 (950045)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940084).
MEM MARTINS — Quinta, Av. Mem Martins, 185, (29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980450)
SINTRA — Marrazes (Vila — Rainha D. Amélia, 20 (980150)
COLARES — Colares, Almoçageme, (299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, C. António dos Santos Jorge, 15 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (2240)
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (270076).
BAIXA DA BANHEIRA — Alenge, Est Nacional 74 (224302)
BARREIRO — Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035).
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 81-A (274356)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (239029)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (230035).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 61 (229048)
SETÚBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (22484) ● Neve, R. General Gomes Freire, (22052).
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 51 (2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 552069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 48738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860151 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

A CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790163
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

RESTAURANTES
«O MANEL»
Todos os dias e semana LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 7, 1.º
Telef. 34062
Parque Mayer

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Setúbal
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 790011
Telheiras de Cima, 140
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 2.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 88
Telef. 328089

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

PELAS ESTRADAS DA PENÍNSULA A 30 KM. À HORA

CHEGARAM A LISBOA «OS DELICIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS»

Vinte e oito automóveis com mais de 60 anos ainda sem usar óculos entraram triunfal e estrepitosamente em Lisboa, depois de terem partido de Barcelona há oito dias.

Os 28 heróicos condutores que desafiaram a intempérie peninsular para derrotarem, deste modo sensacional, o tempo (basta recordar que esta viagem, de mala-posta, demoraria mesmo com mudas frequentes mais do dobro do tempo) são distintos «sportmen» portugueses, espanhóis, franceses e ingleses que têm aliado ao gosto da condução dos potentes bólides o prazer da boa mesa e da boa cama, nas diversas «etapes» a que as resfolegantes e infatigáveis máquinas os têm obrigado.

Todos eles concorrem ao I «Rallye» Ibérico de Automóveis Antigos e ainda ontem à noite estavam em Leiria, tendo pernoitado no Hotel Elro-Sol, depois de muito festejados pela multidão assustada pelas explosões dos motores, vendo-se as mamãs da cidade Lys protegendo cuidadosamente os filhinhos das perigosas rodas dos pesados automóveis, como lá fora chamam a essas máquinas no momento da chegada àquela cidade.

As exóticas máquinas voadoras — elas voam, não andam, 35 quilómetros numa hora, imaginem lá, nem dá para admirar a paisagem (a loucura deste nosso tempo!) foram construídas entre 1902 e 1920.

Segundo os directores da emocionante prova declararam aos nossos penógrafos(somos dos que resistem, pena sim máquinas de escrever *não*) os desportistas em geral sentem-se satisfeitos com a forma como tem decorrido a competição, e ainda estariam mais contentes pela forma como as populações ibéricas têm sabido, com o espírito que se lhes reconhece, receber fidalgamente os ilustres forasteiros.

As poderosas máquinas em prova custam verdadeiras fortunas, disse-nos um dos concorrentes, tendo acrescentado que isso se deve não só ao seu valor como «documentos de uma época» mas também pela delicada manutenção a que obrigam e ainda ao elevado consumo do «petrol» com que se alimentam.

Apenas cinco portugueses participam na prova mas demonstrando «urbi et orbi» as virtudes rácicas de que nos orgulhamos, dois deles ocupam precisamente os dois «top» lugares.

Trata-se, precisa e respectivamente dos conhecidos «sportmen» José de Castro Lopes, o n.º 30, tripulando um rebrilhante *De Sotto*, e Carlos Alfredo Santos, o n.º 29, com um «Rugby» desportivo, carro cujo nome faz lembrar aquele violento desporto que britanicos e gauleses tanto apreciam e que entre nós já conta com alguns adeptos.

Note-se ainda que os dois portugueses (n.ºs 29 e 30) corroboram ainda o velho ditado popular que diz que «os últimos são os primeiros».

Uma infelicidade teve-a o nosso compatriota Francisco Cardoso Lima, que ocupava honrosa classificação, à partida da Urgeiriça mas que foi obrigado a desistir por uma avaria que os mecânicos diagnosticaram posteriormente como sendo uma «fractura do semi-eixo», sofrida no difícil percurso do Caramulo.

Após a histórica chegada de hoje aos Campos do Parque Eduardo VII, festivamente engalanado de pessoas desocupadas, os concorrentes almoçaram no Castelo de São Jorge, repousando a vista extenuada por tão vertiginosa marcha no casario sempre belo e sempre igual desta nossa velha cidade.

O «Rallye» terminará no sábado, no Estoril, após as provas complementares que ora se iniciam, acorrendo certamente àquela estância balnear, que se pretende tão famosa como foi a da Cruz Quebrada, muita gente interessada em observar a perícia dos «sportmen» que têm motivos de sobra para se orgulharem da sua coragem e da sua paciência.

Uma concorrente ao chegar hoje a Lisboa

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 27°,8; mínima: Penhas da Saúde, 4°

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto o vento era fraco ou moderado de sudoeste; chovia em algumas regiões para norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 4°; Faro, 16°; Lisboa, 7°; Penhas Douradas, 6°, Portalegre, 11°, Porto 4°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera, 17°; na água do mar, 14°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento fraco ou moderado de Sudoeste ou Oeste, podendo soprar forte nas terras altas; períodos de chuva ou chuviscos nas regiões para norte do sistema montanhoso Sintra-Montejunto-Estrela; nevoeiros matinais.

Amanhã
Nascer ás 06 e 31
Ocaso ás 20 e 56

Hoje Dia 16 Dia 24 Dia 31

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 8 — 9 e 20 (3,2 m); 21 e 48 (3,5 m) Dia 9 — 0 e 38 (3,2 m); 23 e 04 (3,5 m) Dia 10 — 11 e 52 (3,3 m) BAIXA-MAR: Dia 8 — 2 e 31 (1,5 m); 14 e 53 (1,7 m) Dia 9 — 4 e 09 (1,6 m); 16 e 29 (1,8 m), Dia 10 — 5 e 80 (1,5 m); 17 e 50 (1,7 m)

A EXIBIÇÃO DE FILMES

(Continuação da 1.ª página)

vista, que também é deste organismo, sobre aquele assunto de tanta importancia para os espectáculos publicos.»

Igualmente recebemos um telegrama do Grémio Nacional das Empresas de Cinema, que diz:

«Agradecemos e aplaudimos a publicação, na edição de ontem, na secção «De vez em quando», do justo comentário referente ao problema da censura de filmes, que traduz fielmente a posição deste Grémio sobre o assunto.»

Assina este telegrama o presidente da direcção daquele organismo, sr. Correia de Matos.

Entre as várias pessoas que nos felicitaram figura o sr. Francisco Duarte, gerente do cinema S. Jorge, que o fez com palavras entusiásticas que muito nos sensibilizaram.

Igualmente muitos leitores, para quem a exibição de filmes não constitui preocupação comercial, mas apenas um meio de se recrear e de se cultivar, vieram ao nosso encontro, defendendo a teoria de que deve manter-se e, se possível, ampliar-se, o arejamento do critério usado por quem tem a seu cargo permitir ou proibir a exibição de filmes entre nós. Recordamos, por exemplo, que ainda não foram exibidos em Portugal, apesar de serem já conhecidos do próprio público espanhol, filmes como «Georgy Girl» (prémio do Office Catholique International du Cinema), «A Vergonha», de Bergman, recentemente premiado em Valladolid, na Semana do Cinema Religioso e dos Valores Humanos, «La Dolce Vita», de Fellini, que há anos corre em todos os cinemas da Europa, bem como outros de diversos realizadores, considerados verdadeiras obras-primas, pelo público e pela crítica dos mais diversos sectores, em países das mais variadas posições ideológicas e de diversas crenças.

General França Borges

Por motivo do seu aniversário natalício, que hoje ocorre, o sr. general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, foi cumprimentado pelo funcionalismo e recebeu inúmeros telegramas e cartões de felicitações.

FUGIU O CHEFE DOS ASSALTANTES AO BANCO DA FIGUEIRA DA FOZ

Do director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, recebemos o seguinte comunicado:

Hermínio da Palma Inácio

«Fugiu esta madrugada dos alabouços da Polícia Internacional e de Defesa do Estado do Porto, o recluso Hermínio da Palma Inácio, chefe dos assaltantes à Agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz e do grupo terrorista denominado L. U. A. R., que em Agosto do ano findo entrou clandestinamente em Portugal pela fronteira Norte, e que estava presentemente com outros naquela cidade com outros componentes do mesmo grupo.

O fugitivo tem um metro e setenta e cinco de altura, olhos castanhos e cabelos da mesma cor, com grandes entradas.

Está pedida a sua captura a todas as autoridades do País, oferecendo-se o prémio de 50 000$00 a quem o entregue ou forneça elementos que permitam a sua captura.

Trata-se de indivíduo muito perigoso.»

DOMINGO 11 DE MAIO às 17 horas
PAQUIRRI
O TOUREIRO DA MODA
MANUEL CONDE FREDERICO CUNHA | JOSÉ JÚLIO E RIVERA PAQUIRRI
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por RHODES SÉRGIO
8 TOIROS DE COIMBRA BARBOSA
M/6 anos
CAMPO PEQUENO
Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 livros técnicos e científicos
Cem editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 561/8 DE MAIO DE 1969

EUGÉNIO DE ANDRADE
na crítica de
Eduardo Prado Coelho
«Corpo e Palavra»
(na última página)

Da literatura como saída

por José Fernandes Fafe

PARTAMOS do que é mais evidente em *Três semanas em Maio*: a espontaneidade da escrita.

Espontânea como a fabulação. O mesmo transporte verbal... Escrita-fala, e o prazer de falar.

Prazer que se sente na voz dos narradores das histórias, a maioria dos quais fala deles próprios. Se não vejamos.

Três semanas em Abril e Maio. A mulher confia a um amante retalhos da vida dela.

Duas semanas em Fevereiro e Março. O narrador conta uma história (sua) de amor.

No início de Fevereiro. Ao princípio parece escrita na terceira pessoa. Mas a breve trecho, a um ligeiro *salto* da narrativa, descobre-se a primeira pessoa: «Nunca estivera só. Nunca estive tão só.»

Três episódios de duas semanas em Janeiro. Muito sumàriamente: no primeiro episódio, o narrador conta o desejo que certo dia teve de matar um desconhecido; no segundo confessa-se; no terceiro diz-nos entre outras coisas da sua necessidade de confessar-se, e da dificuldade que tem de fazê-lo.

Europa. O narrador fala-nos de Ferrol (Ferrol-para-o-narrador) de como o conheceu, da viagem que fez com ele, etc.

Pelo silêncio da noite. A história (excelente, quanto a nós) começa por esta frase: «Sentia uma grande dor, aguda e ácida»... Primeira ou terceira pessoa?

«Sentia uma grande dor» pode estar na terceira: o narrador *lê* no comportamento do homem descrito «uma grande dor». Mas «aguda e ácida» tiram-nos as dúvidas. São qualidades ilegíveis numa observação do exterior. Só *de dentro* se sabe se uma dor é «aguda e ácida». Quem narra está pois no íntimo do homem narrado, é *ele*, originàriamente ou por identificação. Sob a ambiguidade, encontra-se a primeira pessoa.

Fica-nos a narrativa *Primavera* construída, se assim se pode dizer, mais que *behaviouristamente:* não há aí sequer a notação dos gestos, diálogo apenas.

Em *Primavera*, o narrador narra o diálogo de outros. Utilizou-se aí um método diferente do aplicado às restantes histórias. Por isso *destoa:* não tem o mesmo *tom* porque foi outro o seu método.

Chegou a altura de fazer as contas. Em seis das sete histórias de *Três semanas em Maio* os narradores falam deles próprios. E fazem-no com manifesto prazer.

Desta observação nasce uma hipótese: o prazer vem da satisfação da necessidade de um *eu*.

A narradora da primeira história. É o que chamam «uma mulher dissoluta, desfeita»... Fala, fala — para o amante silencioso, continua a falar — para o amante que entretanto adormeceu... Não fala pois para que a oiçam.... Fala para falar-se, para *solidificar-se*, para se *refazer*...

Essa insensata é sage. Ela sabe como tornar-se inteira. E sabe que o verdadeiro amor exige uma entrega inteira. «És o meu último, único e grande amor», esta frase final da história tem o acento de uma entrega inteira, total...

Ela também sabe que o amor destrói, e quanto custam as reconstruções. Aque-

(Continua na 7.ª página)

Teatro Universitário-69

por Manuel Alberto Valente

O PRESENTE ANO marcará sem dúvida um ponto [illegible] história do Teatro Universitário Português. Quis o acaso (nome por que vulgarmente se designa o esforço e a vontade dos homens) que os principais grupos universitários pudessem ter à frente do seu trabalho artístico encenadores de grande prestígio e comprovado talento. No C. I. T. A. C. (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) — depois de três épocas inesquecíveis em que, pela mão de Víctor Garcia, o organismo se colocou na vanguarda do teatro português, granjeando simultâneamente enorme prestígio internacional (Bienal de Paris, Festival de Liége) — Ricard Salvat, o mais categorizado director do actual teatro espanhol, dedica um espectáculo a Bertold Brecht e encena «Castelao e a sua época», peça documental centrada na figura do grande dramaturgo galego. No Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, Adolfo Gutkin — encenador argentino até agora quase desconhecido entre nós, mas gozando de grande renome em toda a América Latina — leva à cena «Volpone», de Ben Jonson. Finalmente, no T. E. U. C. (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) Luís de Lima, nome sobejamente conhecido do nosso público, monta «A Ilha dos Escravos», de Marivaux, inaugurando novos caminhos na trajectória cultural do mais antigo grupo universitário português.

Por outro lado, o T. U. P. (Teatro Universitário do Porto) — remetido até agora a um plano secundário e impossibilitado para já de «importar» encenadores — monta, com direcção de Correia Alves e colaboração plástica de José Rodrigues, Alexandre Vasconcelos e Manuel Mouga, a peça de Lope de Vega «Fuenteovejuna», que, por si só, garante já o interesse do espectáculo.

Imensos e de incalculável valor serão os frutos colhidos de uma safra assim. Para lá do que tal actividade significa relativamente aos elementos que nela participam, não podemos esquecer o benéfico impacto produzido no público por espectáculos que lhe desvendem uma riqueza teatral, bem diferente do que está habituado a ver na maior parte do nosso teatro profissional e nas correspondentes rubricas televisivas. Além de que, face às dificuldades circundantes, tal trabalho vem reafirmar a posição cimeira dos grupos escolares e o carácter imprescindível da sua actuação.

O Teatro Universitário Português está, pois, no limiar da sua idade adulta. 1969 será, talvez, a ponte lançada entre as duas margens de uma mesma e ardorosa batalha.

VOLPONE
de Ben Jonson
Encenação e Cenografia
de Adolfo Gutkin
Execução Plástica de Mário Alberto
Grupo Cénico da A.A.F.D.L.

Com «Volpone», o Grupo Cénico da A. A. F. D. L. apresentou o seu melhor espectáculo de sempre, que passa a constituir — lado a lado com «O Grande Teatro do Mundo», encenado no C. I. T. A. C., por Víctor Garcia — o mais valioso cartão-de-visita do teatro português. Servida por uma notável execução plástica de Mário Alberto e por um nível interpretativo poucas vezes atingido entre nós, a encenação de Adolfo Gutkin ergueu no «ressuscitado» palco do Politeama o exemplo vivo e actuante do que pode ser um teatro arrancado à lengalenga dos convencionalismos retrógrados e restituído à sua magia ritual, numa «rêverie» encantatória em que o prazer lúdico se alia ao espírito crítico para nos dar o «teatro total» que Artaud sonhou, mas que só pode nascer — como no caso presente — da aliança entre a sua teorização e o realismo épico de Brecht.

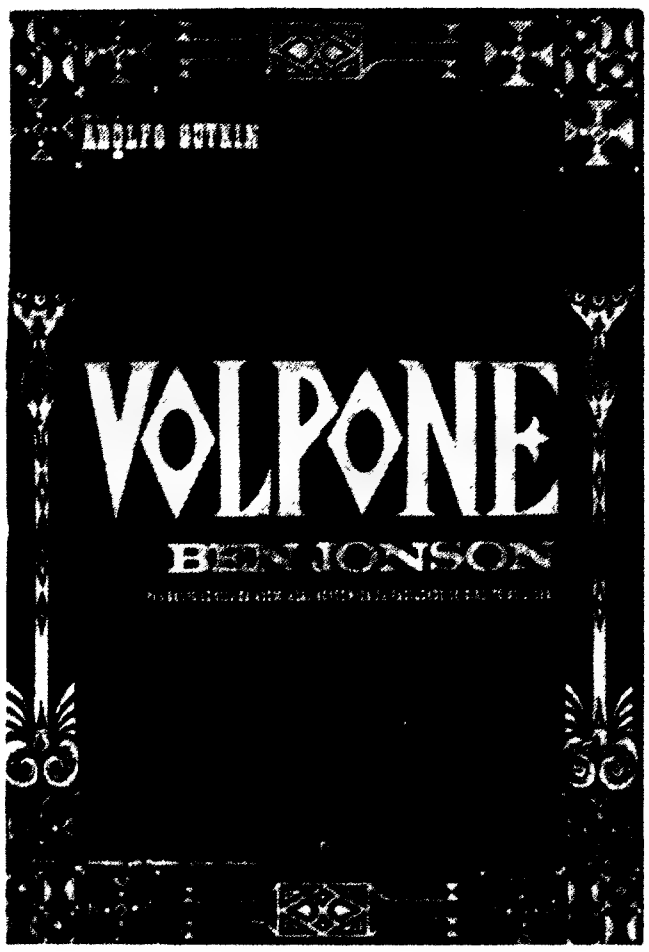
O original de Ben Jonson — ridicularizando aristocràticamente a falta de escrúpulos da nascente burguesia renascentista — foi apenas o ponto de partida para o notável trabalho do encenador argentino. Tal como, nos princípios deste século, Jules Romains e Stefan Zweig haviam transformado Volpone na personagem positiva que incarnava as virtudes de uma burguesia já perfeitamente instaurada no Poder, Adolfo Gutkin adaptou-o agora ao circunstancialismo dos nossos dias, subindo o degrau que faltava. Pois se em Ben Jonson havia o ponto de vista aristocrático e em Stefan Zweig/Jules Romains a apoteose burguesa, em Gutkin existe a perspectivação dramática daquelas contradições que continuam hoje a manter uma cruel vigência. Transformando a comédia seiscentista numa farsa poética (em que a fidelidade absoluta ao real — «o teatro como espelho» — desaparece, dando maior liberdade de efeitos cénicos) e cortando-lhe tudo aquilo que era apenas uma roupagem externa, subordinada aos gostos da sua época de origem, Gutkin possibilita a um espectador de 19[illegible]

Adolfo Gutkin, encenador e cenógrafo do «Volpone» da A.A.F.D.L., em conversa com Fernando Lopes Graça

(Continua na página seguinte)

Teatro Universitário

(Continuação da pág. anterior)



entendimento mais claro das suas propostas críticas. Fê-lo, porém, a partir de uma análise histórica de tal modo rigorosa, que o essencial da peça de Ben Jonson saiu incólume e a sua riqueza expressiva aumentada consideràvelmente por uma mediação estética onde o arbitrário jamais existiu. E logo aí o seu trabalho se torna exemplar, num país em que uns ainda defendem a pretensa «intocabilidade» dos textos clássicos, enquanto outros os desvirtuam a seu bel-prazer, sem aquela seriedade artística e intelectual que seria de exigir. Extremos igualmente perniciosos...

Faltava a prova do palco para se tirarem conclusões. A entusiástica adesão do público, que, durante quatro dias de exibição, acorreu ao Politeama constituiu resposta amplamente afirmativa. Na mesma altura, saliente-se, em que a nova peça (?) da Companhia de Amélia Rey Colaço era recebida com uma enorme pateada e pouco depois de terem caído meteòricamente «Os Visigodos», pela mesma companhia, e os dois espectáculos do Variedades.

Gutkin (conforme afirmou numa das entrevistas que concedeu), escolheu para a sua encenação um tom cerimonial e orgíaco. O aspecto orgíaco, aliás subjacente no original, permitiu-lhe criar focos de agressão aos convencionalismos receptivos da maior parte dos espectadores, e, por outro lado, contribuir ainda mais para a integração da peça num clima estético e sociológico de hoje; a caracterização cerimonial (para lá da beleza formal que trouxe a muitas cenas — a primeira, por exemplo), possibilitou a exteriorização de uma sátira pungente aos rituais alienantes com que, nos nossos dias, se mascaram os mais torpes desígnios e as mais desonestas ambições. Enquadrando em tais linhas de força o conflito essencial de «Volpone», o encenador soube, depois, encontrar para cada caso as soluções cénicas mais correctas. Com um acompanhamento sonoro adequado (por vezes produzido pelos próprios actores) e uma iluminação de grande beleza a destacar com rigor os contornos mais significativos da peça; com uma cenografia sóbria, mas altamente expressiva; com uma marcação profundamente simbólica e preencher convenientemente o espaço do palco — em tudo gravou Adolfo Gutkin a marca do seu génio teatral. Mas foi no campo interpretativo que o «milagre» aconteceu: trabalhando com actores totalmente amadores, muitos deles sem qualquer experiência anterior, o encenador foi capaz de lhes transmitir uma técnica apurada e uma invulgar homogeneidade de actuação. Se Mosca, Volpone, Célia, Voltore, Corvino, Corbaccio e Bonnário merecem uma especial referência pela amplitude dos seus papéis e pelo nível que para eles conseguiram, foram, porém, os segundos planos que melhor demonstraram a excepcional capacidade directiva de Gutkin, na concretização irrefutável do célebre aforismo de Stanislavsky-Dantchenko «não há pequenos papéis, há só pequenos actores». Todos, ao fim e ao cabo, contribuíram com igual entusiasmo para o triunfo colectivo, oferecendo, uma vez mais, salutar exemplo às companhias de teatro profissional.

Não queremos terminar estas notas, forçosamente incompletas, sem louvar a Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio que continua a dar ao Teatro Universitário (o que seria, sem ela, a nossa vida cultural?) e sem lançar um veemente apelo no sentido de que «Volpone» volte aos palcos de Lisboa e possa depois estender ao resto do País o grito redentor da sua qualidade excepcional.

Essa a melhor homenagem que prestaríamos todos a Adolfo Gutkin, cidadão honorário do teatro português!

MANUEL ALBERTO VALENTE

Um leitor na polémica

EX.mo SR. DIRECTOR

Leitor assíduo do «Diário de Lisboa» (agora biassíduo, com as duas edições) li com desgosto no Suplemento Literário deste seu (desculpe) nosso jornal uma resposta a Carlos Porto escrita por Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos respectivamente autor e encenador da peça «Os Visigodos» estreada no Capitólio pela Companhia de Amélia Rey Colaço.

Com desgosto por Artur Ramos, visto que de Salazar Sampaio só sei que dele foi representada outra peça no D. Maria. Mas de Artur Ramos — embora só o conheça de o ver no palco, no final das peças por ele encenadas — habituei-me ás suas tomadas de posição, ás suas críticas de teatro na «Seara Nova», onde não impera o insulto ordinário, como desta vez, infelizmente, aparece na carta a Carlos Porto.

Como estão longe António Sérgio e Raul Proença!

Será para isto que queremos liberdade de Imprensa? Onde está a democracia de Artur Ramos? Onde o direito á crítica? Ou não saberão o autor e o encenador que qualquer espectáculo vindo a público com bilhetes á venda (caros) é passível de crítica?

Aliás, a opinião de que a peça era má não é só de Carlos Porto (ver Tavares da Silva em «Diário de Lisboa» e Orlando Neves em «República»). E há agora a minha opinião só como espectador de teatro (paguei quarenta escudos por uma plateia).

A peça não era má, era péssima — e também fui dos que pateei circunspectamente, claro). Mas ao fim e ao cabo o que é que isto prova? — Que os autores e encenadores são todos bons, e os críticos e o público é que não percebem nada de teatro. Portanto, a peça e a encenação são boas e incriticáveis. Mas julgará Artur Ramos que só ele sabe de teatro? Só ele poderá ser crítico? Vejamos uma das suas críticas («Seara Nova» n.º 1435, Maio de 1965, peça *O Pomar das Cerejeiras*):

«Mas tenho a assinalar uma marcação excessivamente rudimentar no que toca aos figurantes e aqui ou ali uma rarefacção de movimentos que se torna incómoda. E não percebo porque deixou Manuel Lereno envelhecer tão ridiculamente o velho Fira. O encenador tem de ser o primeiro e o mais severo crítico do espectáculo: como foi possível escapar-lhe uma deficiência que toda a gente notou?».

Espero que a Luzia Maria Martins não lhe escrevesse nenhuma resposta sob a égide de ninguém.

E na mesma crítica de Artur Ramos pode ler-se mais abaixo: «José de Castro, Maria José e João Perry, no excelente nível a que nos habituaram — como costuma dizer-se nos jornais diários». Quer isto dizer que os jornais diários já evoluíram nas críticas de há quatro anos para cá, ou que Artur Ramos queria que eles continuassem a dizer bem de tudo (alguns ainda continuam)?

Termino com as palavras de Bernardo Santareno que Artur Ramos aproveitou para encerrar a sua crítica de teatro na *Seara Nova* n.º 1460, de Junho de 1967: «Devemos, pois, lutar por um teatro fàcilmente comunicável à maioria, em que cada espectador aprenda a dar voz aos seus sofrimentos imerecidos e em que cada representação seja, pelo menos, um acto de justiça».

De verdade, Artur Ramos acha que *Os Visigodos* tinham alguma coisa com isto?

E agora cá fico. Esperando Novembro. Lá estarei.

RAUL DOS SANTOS BARROSO DE OLIVEIRA.

P. S. — Não conheço Carlos Porto, nem sequer o vi, nunca entrei na «Tarantela» e até discordo dele quando diz que a interpretação é boa. Eu não achei.

Lisboa, 24-4-69.
R. S. B. O.

Protesto (com abaixo-assinado)

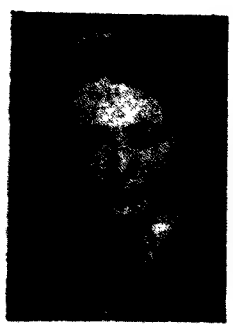
Os signatários protestam firmemente contra os termos da resposta de Artur Ramos e Jaime Salazar Sampaio, publicada nesse suplemento, ao artigo de Carlos Porto acerca da peça «Os Visigodos». Ao tomarmos esta posição cumprimos o dever moral de denunciar a prática de um tipo de discussão em que o insulto e até a ameaça física se substituem ao debate dos problemas em causa. Parece-nos, além de tudo o mais, que não pode bem servir o teatro quem despreza as regras mínimas de uma polémica que, neste momento mais do que nunca, é necessária e urgente. Solidarizamo-nos inteiramente com Carlos Porto, que se limitou a exercer o seu direito de crítica.

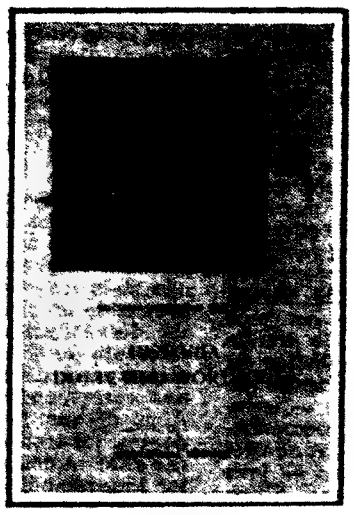
Lisboa, Maio de 1969.

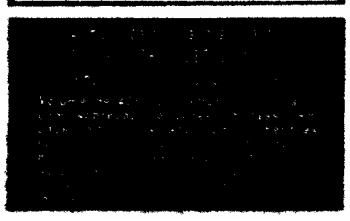
a) Joaquim Bentte, Amadeu Lopes Sabino, Fernando Assis Pacheco, Mário Castrim, Silva Costa, Raul Rego, José Carlos de Vasconcelos, Afonso Praça, César dos Santos, Manuel de Azevedo, Joaquim Letria, Tavares da Silva, João Gomes, Renato Boaventura, Pedro Alvim, Torquato da Luz, José João Louro, Orlando Neves, Figueiredo Filipe, Diana Andringa, Armando Pereira da Silva, Jorge Almeida Fernandes, Máximo Lisboa, Maria Manuela Ferreira, Oliveira Pinto, Vítor Direito, jornalistas; *Maria Eduarda Pimenta, José Mendes Gomes, Simão José Martins, João Jordão*, do Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa; *Carmen Gonzalez, Fernando Teles, Fernanda Alves, Fernando Guimarães*, actores; *Ernesto Sampaio, Pedro Oom, Virgílio Martinho*, escritores; *Luís Fortuna de Carvalho*, dirigente cineclubista.

uma dádiva à cultura nacional

HISTÓRIA DO TEATRO PORTUGUÊS
por Luciana Stegagno Picchio







... este entusiasmo lúcido por uma literatura que se procura compreender nas manifestações mais vivas e mais típicas ao longo de oito séculos, fazem de Luciana Stegagno Picchio, historiadora integrada no actual e voltada para o futuro, um dos mais notáveis humanistas do nosso tempo.
JACINTO DO PRADO COELHO

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 12, 3.º — LISBOA

A nova face de Bergman

O REALIZADOR volta ao palco. O metafísico entrega-se agora a uma actuação de sentido colectivo.

No Teatro Real («Dramaten») de Estocolmo, Ingmar Bergman apresenta a sua encenação de *Woyzeck*, de Georg Büchner — um desejo com 25 anos de idade.

Os ensaios foram públicos. A eles assistiram, sem arredar pé, 500 pessoas, que puderam intervir na discussão dos problemas: «Após ter assassinado a infiel Maria, Woyzeck deveria ficar com as mãos manchadas de sangue? — Não. Os actores deveriam agradecer os aplausos finais? — Também não».

Assim, encenada colectivamente, *Woyzeck* corresponde á nova tomada de posição do famoso realizador e homem de teatro que há dois anos abandonou o «Dramaten» por este não passar de «uma casa de culto só frequentada por uma pequena minoria».

Bergman-69 prossegue o caminho encetado pelo Teatro Castrop-Rauxels, que já promovera ensaios abertos ao público, e de Tony Richardson («Tom Jones»), que numa velha gare do bairro londrino de Camden Town apresenta um *Hamlet* popular com entradas a 20 escudos.

O espectáculo do Teatro Real custa agora cerca de 30 escudos (anteriormente chegava a custar mais de 90...), os lugares deixaram de ser numerados e anulou-se, igualmente, a obrigação do trajo de rigor. A própria arquitectura do Teatro foi modificada: Bergman mandou colocar no palco algumas filas suplementares, de modo a que os espectadores pudessem ficar mais próximos do acontecimento cénico. Deste modo se rasgou a «cortina invisível» entre o palco e a plateia.

A acção do *Woyzeck*, que decorria no Hesse em 1830, foi transportada por Bergman para a Suécia de 1910; manteve-se contudo a pujante força interventora da obra-prima de Büchner.

Quebrando o mito do mestre demoníaco, Bergman reforça a sua popularidade. Agora, o ideal do director do «Dramaten» consiste numa «bicha de 200 metros á porta da bilheteira»...

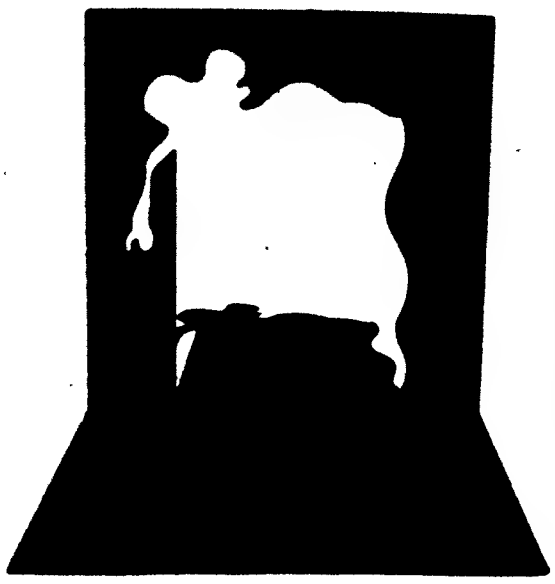
Viremos a ter também no cinema este Bergman popular?

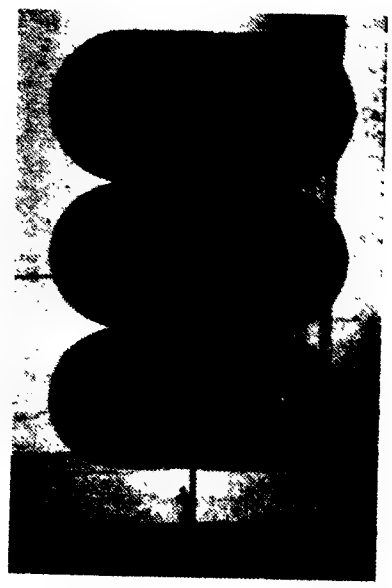
Exposições de grupo

por Rocha de Sousa

ANGELO DE SOUSA, ARMANDO ALVES, JOSÉ RODRIGUES, JORGE PINHEIRO
Soc. Nacional de Belas-Artes

QUANDO NESTAS PÁGINAS me referi, a propósito da Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas, ao programa cultural da Sociedade Nacional de Belas-Artes, dizendo em que medida me parecia possível e desejável que ele funcionasse, sublinhei a necessidade de se promoverem exposições cuja natureza, dimensão e representatividade coubessem nas zonas de trabalho deixadas livres àquele organismo, depois de se ter verificado uma saudável descentralização da vida artística e portanto um aparecimento de novos interesses e de outros meios de acção. Nesta circunstância, e tendo sempre em vista um superior critério de formulação cultural, a S.N.B.A. deveria propor-se organizar exposições que não estivessem imediatamente no domínio das galerias, cobrindo assim um papel complementar muito importante, já que dispõe de instalações apropriadas e na medida em que se encontra empenhada numa acção pedagógica de certa envergadura com o funcionamento do Curso de Formação Artística. No âmbito das opções assim pressupostas, dentro de um esquema atento às oportunidades, estariam com certeza as iniciativas capazes de fazer a documentação junto do público de grupos de artistas organizados segundo diferentes critérios: representativos de uma tendência ou de um tempo, congregados em torno de um programa de acção, ligados a certas especialidades. O empenho desta atitude, se não fosse do conhecimento geral pela convivência ainda realizada entre nós, podia afinal deduzir-se das próprias renúncias da S.N.B.A. ao longo dos últimos anos, no confronto estabelecido com outros organismos recentes e enquanto os problemas da sobrevivência ao nível económico ganhavam prioridade ou pelo menos densidade considerável. Aberto o precedente do critério atrás referido, tendo em conta algumas exposições de grande formato ou de interesse didáctico, bem como a própria exposição de tapeçarias francesas, a S.N.B.A. concretizou publicamente uma linha de rumo que pressupõe novas directrizes e que se renova a outro nível com a apresentação de um vasto conjunto de peças de Angelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues e Jorge Pinheiro. Deve no entanto lamentar-se que não seja anunciado na Imprensa e comunicado aos sócios, de acordo com o próprio estatuto e segundo a melhor norma de corresponder às pessoas interessadas, o teor do itinerário cultural que a Sociedade pretende percorrer, de resto já expresso em certa medida e agora referido com lacónismo no catálogo desta última exposição de grupo, primeira de uma série prometida.





José Rodrigues e Jorge Pinheiro: da investigação dinâmica à contestação do quadro-de-parede

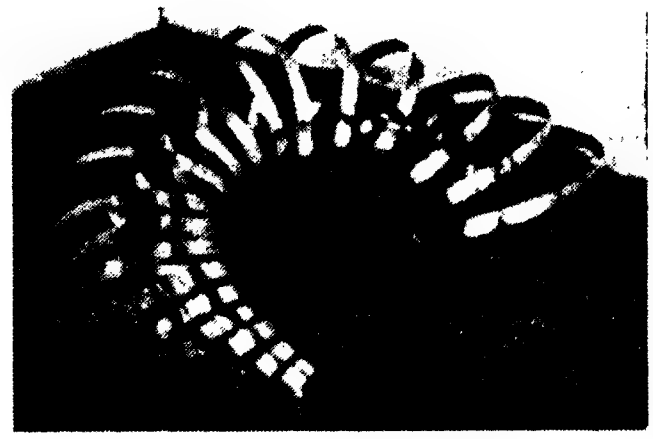
SENTIDO DE UMA ATITUDE

Do esforço conjugado de Angelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues deve dizer-se que ele corresponde á própria necessidade que o artista português experimenta de se reunir em grupos devidamente organizados, e portanto resistentes ás pressões que os diferentes interesses começam a mover, assim procurando responder aos efeitos da procura por forma a salvaguardar a autonomia da profissão e a maior força do seu papel social. O trabalho resultante desse esforço fez-se público há algum tempo no Porto e teve agora uma concretização mais enfática pelo convite que a S. N. B. A. dirigiu individualmente áqueles artistas. Desse convite resultou a abertura de uma exposição de grupo, proposta pelos autores em referência e transferida pela entidade promotora para o seu plano de actividades. Mais do que a própria surpresa causada pela apresentação do significativo conjunto de obras, desde a quantidade á qualidade, é o sentido de atitude que assume proporções invulgares, não apenas por corresponder a um esforço colectivo de afirmação estética e social, mas igualmente por surgir de uma nítida capacidade por parte dos artistas de gerir a sua produção e controlar o seu destino. Aí se inscreve, de resto, a noção de um dever superior que corresponde também á sobrevivência da arte, reconhecida a moral dos comportamentos, e o rumo e a verticalidade que a tanto podem conduzir. Isto compete aos artistas, fundamentalmente, e áqueles pessoas que pela sua função, como os críticos, devem á sociedade um papel esclarecedor de apoio e de severa exigência coordenadora. Para a exposição em referência, estritamente limitada ao domínio profissional em que se situa, Rui Mário Gonçalves escreveu uma excelente nota introdutória onde afirmou com rara oportunidade: «A hipótese da morte da arte, que Hegel também anunciara, não é uma hipótese impossível. Simplesmente, não é uma morte natural, pois não é um esgotamento da capacidade criadora dos artistas o que se verifica. É a sua função social que é inibida pela natureza da sociedade contemporânea. Os artistas e os críticos têm que juntar-se para defender a função social da arte. Não por qualquer saudosista e decorativo respeito por valores do espírito outrora resplandecentes, mas porque há que afirmar que é na criatividade que se encontra a verdadeira definição de sociedade humana. A defesa dos direitos da criatividade é portanto um dever, talvez um dos mais altos e urgentes deveres sociais».

Uma peça de Armando Alves

SITUAÇÃO DOS ARTISTAS

Angelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues e Jorge Pinheiro são geralmente apontados, em Lisboa, como artistas do Porto. O regionalismo destas designações e ao mesmo tempo as fronteiras que desse modo se estabelecem à convivência, geram perigosos impedimentos a um frutuoso intercâmbio de ideias. Mas nenhum daqueles artistas é natural do Porto e dois deles nasceram no Ultramar, em Luanda e em Lourenço Marques. Devem certamente a maior parte da sua formação à Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde têm exercido funções docentes, desempenhando um papel activo na redescoberta de carácter pedagógico em curso naquele estabelecimento de ensino. Desse enquadramento profissional resulta também o seu enquadramento na vida artística portuense, onde do mesmo passo têm procurado desenvolver uma actividade interventora de incidências bem definidas. Mas a sua dimensão intelectual, o seu tipo de cultura e as formas que produzem, nada devem a uma mentalidade regionalista nem se circunscrevem ao retrato fechado de uma crónica provinciana. As obras expostas na S. N. B. A. correspondem a uma sensibilidade nova árduamente conquistada por grande parte dos artistas actuais portugueses e respondem às exigências de uma comunicação universal que deve resultar do encontro das culturas.



Angelo de Sousa: exigência experimental

REPRESENTAÇÃO DOS ARTISTAS

Dos artistas presentes na exposição da S. N. B. A., José Rodrigues parece ser o que melhor conseguiu consolidar as suas ideias e harmonizar, num contexto de grande coerência, as diferentes experiências escultóricas e gráficas. Desligando o critério tradicional da colocação espacial das peças e alterando o processo da sua leitura, não apenas pela introdução de movimentos possíveis mas também pelo desdobramento dos dados *positivos* e *negativos* de uma forma, José Rodrigues desenha espaços que se pluralizam por vezes de maneira ambígua e se abrem a uma investigação dinâmica.

Mais na escultura do que na pintura, Angelo de Sousa propõe-se a uma clareza que pode confundir-se com a facilidade, mas que decorre sobretudo de uma exigência experimental definida e da corajosa decisão de *jogar*. O apelo das suas peças mutáveis, em tiras metálicas capazes de

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**HELENA ALMEIDA**, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA 111 (cave) *Campo Grande*	**COSTA PINHEIRO**, O PODER DA MÃO E A REFLEXÃO DA ESCRITA
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO AREAL**, O VAZIO ILUSTRADO (*)
GALERIA DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**MILY POSSOZ**, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês da Fronteira*	**EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO**
GALERIA DE ARTE MODERNA *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**ANTÓNIO SENA**, UMA ESCRITA EM DEFINIÇÃO
S. N. B. A. (Salão) *Rua Barata Salgueiro*	**ARMANDO ALVES, JOSÉ RODRIGUES, JORGE PINHEIRO E ANGELO DE SOUSA**, NUMA EXPOSIÇÃO DE GRUPO DE GRANDE INTERESSE

(*) Notícia e comentário na próxima semana.

FERNANDA BOTELHO

«...uma obra de literatura essencialmente literária, esteticamente evoluída, invulgarmente culta.» (José Palla e Carmo).

ACABA DE SAIR

TERRA SEM MÚSICA

Volume de 312 páginas: 40$00

Colecção Autores Portugueses

Outras obras de Fernanda Botelho publicadas na mesma colecção:

O ÂNGULO RASO	35$00
CALENDÁRIO PRIVADO	30$00
A GATA E A FÁBULA	30$00
XERAZADE E OS OUTROS	30$00

LIVRARIA BERTRAND

Grangeio Crespo: novo livro, teatro

Entrevista conduzida por José Martins Severino

MANUEL GRANGEIO CRESPO nasceu há vinte e nove anos em Viana do Castelo Poeta. Dramaturgo. Encenador. Cineasta. Jornalista. Crítico. Tradutor. Ensaísta. Artista multifacetado. Três anos nos Estados Unidos. Três anos em França. Três peças publicadas. Duas por publicar. Um filme (curta metragem) terminado. Outro (longa metragem) na forja. Uma peça, O GIGANTE VERDE montada em Nova Iorque. Nenhuma em Portugal

Na hora do lançamento do seu novo livro, NO PRINCIPIO SERA A CARNE, a vez da entrevista. Tornada oportuna

Grangeio Crespo: abrir caminho a uma desmistificaçao da vida

— O QUE SIGNIFICA ESTE NOVO LIVRO EM RELAÇÃO A TUA OBRA ANTERIOR? ACHAS QUE HOUVE EVOLUÇÃO, RETROCESSO, OU MUITO SIMPLESMENTE UMA PROCURA DE NOVOS CAMINHOS, ATÉ ENTÃO NÃO TRILHADOS?

— Esta nova peça insere-se na linha da minha obra anterior, no ponto de vista de conteúdo. O caminho que ela pretende apontar não difere, na sua essência, daquele que se antevê nos meus livros anteriores. Haverá, quando muito, um ângulo diferente de visão, embora os problemas sejam os mesmos. Esta nova visão dos problemas pode dar a impressão que trato de problemas diferentes, mas não é assim. Tanto esta peça como **O Gigante Verde**, pretendem abrir caminho a uma desmistificação da vida, a facilitar o acesso do homem a uma vivência directa da realidade, a uma existência pessoal e social talhada à sua medida, e não à dos mitos e preconceitos, que se tornaram meros atavismos, e se interpõem entre a consciência do homem e a sua realidade profunda (alguns lhe chamarão o inconsciente), artificializando a sua capacidade de expressão.

Do ponto de vista estritamente teatral, pode até dizer-se que esta peça representa, de certo modo, uma regressão em relação a **O Gigante Verde**, a duas peças ainda inéditas, e às experiências a que me dediquei durante todo o tempo em que estive em Nova Iorque. Nesta peça, há toda uma obediência aos quadros tradicionais da peça como espectáculo, dispensando, como tal, a participação do espectador, de que me fui, pouco a pouco, afastando a partir de **O Gigante Verde**. Simplesmente, esta regressão é apenas um parêntese, porque me interessava apresentar a «tese» desta peça duma maneira global e coerente. Neste sentido, poderei dizer que **No Princípio Será a Carne** é uma peça didáctica, sofrendo, portanto, de certo pretensiosismo aparente que cabe ao encenador e aos actores eliminar.

Cartaz da peça «O Gigante Verde» na realização conjunta da Re-Theater Co

— FALASTE EM EXPERIÊNCIAS EM NOVA IORQUE. EM QUE MEDIDA ESSAS EXPERIÊNCIAS CONTRIBUIRAM PARA A TUA FORMAÇÃO DE DRAMATURGO?

Bem, foi uma experiência importante. Duma maneira geral eu já vinha, de há muitos anos, formulando a mim próprio as premissas, as concepções de espectáculo teatral em que se baseia a minha actividade, quer de dramaturgo, quer de encenador. Simplesmente foi nos «states» que eu tive a oportunidade de experimentar, de positivar essas mesmas concepções, até então mais ou menos abstractas. Pude constatar e concretizar o que para mim pouco mais era que especulação teórica.

Houve sobretudo uma convergência, uma afinidade de interesses entre o que eu defendia e o que fui encontrar na América. Essa afinidade de interesses, essa identificação de processos, fizeram que dois meses após a minha chegada a Nova Iorque eu tivesse já um agrupamento teatral, o **Re-Theater Co.**, com o qual em **St. Marks Playhouse** (uma das mais prestigiadas salas de espectáculos de Nova Iorque) encenei **O Gigante Verde**.

— VÊS POSSIBILIDADES DESTA TUA NOVA PEÇA, **NO PRINCIPIO SERA A CARNE**, SER MONTADA EM PORTUGAL?

— Não. E por razões evidentes. Mesmo no caso de o ser, só vejo duas companhias com possibilidades, se bem que restritas, de a montar. Uma seria a do Teatro Estúdio de Lisboa, mas não sei se esta peça, se o contexto geral dela, está dentro da linha estética e ideológica adoptada pelas mentoras do T. E. L. E. ao que sei, esta companhia não dispõe de possibilidades económicas suficientes para montar **No Princípio Será a Carne**. Por outro lado, o Teatro Experimental de Cascais, dada a sua capacidade económica, e também pelas suas capacidades estéticas, poderia também pô-la em cena. Mas não vejo o mínimo interesse desta companhia pela dramaturgia portuguesa mais recente.

Haveria, é claro, a hipótese de se formar uma companhia expressamente para representar esta peça. Simplesmente, não sei de nenhum empresário com coragem suficiente para arriscar dinheiro neste espectáculo. Os empresários preferem perder centenas de milhar de escudos com espectáculos que de antemão já sabem improfícuos. Em suma: a falta de imaginação dos empresários é, na minha opinião, o maior obstáculo à criação duma infra-estrutura económica para o Teatro português, que não condene o Teatro à mediocridade e os empresários à bancarrota. À semelhança do que já aconteceu com **O Gigante Verde**, prevejo que esta peça será levada à cena muito primeiro no estrangeiro que no nosso país.

— NÃO PENSAS VOLTAR AOS ESTADOS UNIDOS, E CONTINUARES LÁ AS TUAS EXPERIÊNCIAS CÉNICAS?

— Preferia fazer cá essas mesmas experiências. Mas se continuar, como até agora, a não ter possibilidades disso, serei forçado a voltar, mais tarde ou mais cedo, aos Estados Unidos.

— ONDE PENSAS QUE POSSA ESTAR A RENOVAÇÃO DO TEATRO EM PORTUGAL?

— Há já muitos anos que se ouve falar de crise de Teatro em Portugal. Quanto a mim, este estado de coisas nunca passou dum mito. Um mito apenas sustentado pela inércia e pela falta de imaginação. Os teatros estão vazios, ninguém vai ao teatro, é uma verdade. Os responsáveis não param de lamentar-se que perdem dinheiro com o Teatro, mas continuam a apresentar os mesmos espectáculos de sempre, os mesmos espectáculos que sempre foram deficitários, em vez de tentarem, mesmo com certo risco, novas soluções. Perder dinheiro, por perder dinheiro, antes perdê-lo de maneira original! Eles que tentem fazer um Teatro de qualidade, um Teatro verdadeiramente actual, e veremos todos o que acontece à famigerada crise..

Promulguemos um Teatro que toque profundamente a consciência de todas as camadas da população. Mas bem vês, isto só será possível a partir do momento em que os responsáveis optem por afastar-se dos caminhos há muito trilhados, e adquiram uma certa perspectiva humana. E, sobretudo, quando os responsáveis se aperceberem de que são as ideias mais ambiciosas, quer no plano humano, quer no plano estético, aquelas que têm também maior validade económica.

No dia em que houver um empresário com coragem, visão e poder de iniciativa suficientes para fomentar um Teatro autêntico, sem compromissos falsamente comerciais; um produtor que queira, acima de tudo, produzir espectáculos que comuniquem com o maior número possível de público, os fantasmas do Teatro português iniciarão a sua debandada.

Meu amigo, não há crise de Teatro. O que há é simples-

Manifesto do Re-Theater Co.

ACHAMOS QUE O TEATRO É UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE. Não sabemos o que o teatro deveria ser, como deveria passar de A a B e de B a C, não trazemos soluções, temos apenas problemas que cheguem para levantar de manhã à noite, sabemos porém que se o teatro não for uma questão de vida ou de morte, então o teatro não é absolutamente nada.

NÃO SABEMOS O QUE O TEATRO DEVERIA SER, MAS SABEMOS O QUE ELE É. Sabemos o suficiente acerca do que é e do que não é para podermos dizer que o teatro perdeu o lugar que ocupava na vida dos homens, à medida que o homem foi perdendo o seu lugar na vida dos homens.

O TEATRO NÃO É CINEMA.

O TEATRO NÃO É LITERATURA.

O TEATRO NÃO É POESIA.

O TEATRO NÃO É DISTRACÇÃO. O teatro é apenas distracção na medida em que não deve ser chato.

O TEATRO NÃO É UM RETALHO DA VIDA. O teatro não é o sítio onde as pessoas vão para se relembrar de como a vida é boa ou de como ela é má, regressando a casa, depois de ter vertido algumas lágrimas, para continuar a deixar a vida ser tão boa ou tão má como dantes.

O TEATRO É O ACONTECIMENTO POR MEIO DO QUAL CADA UM DOS ESPECTADORES DEIXA DE SER O JOÃO, O JOSÉ OU O ANTÓNIO PARA SE TORNAR — AINDA QUE PELO ESPAÇO DUMA NOITE — UM HOMEM.

CHAMAMOS TEATRO AO SITIO ONDE AS PESSOAS VÃO TODAS AS NOITES DESPOJAR-SE DAS SUAS DIFERENÇAS, das suas personalidades, dos seus fantasmazinhos individuais; chamamos teatro ao sitio onde as pessoas vão despojar-se de tudo o que as separa umas das outras, mergulhar a sua consciência nos mitos comuns, a fim de que a realização de cada homem não possa levar nunca senão à realização do homem.

CONSIDERAMOS QUE CADA VEZ QUE ALGUÉM SAI DUM TEATRO A MESMA PESSOA QUE LÁ ENTROU, O TEATRO NÃO ACONTECEU.

O TEATRO É UM ALISTAMENTO e cada vez que alguém vai ao teatro e a vida continua a mesma na manhã seguinte, é porque o teatro esteve ausente.

O TEATRO, PARA NÓS, É SINÓNIMO DE TRANSFORMAÇÃO.

CONSIDERAMOS A VIDA COMO UM MEIO DE O HOMEM PERGUNTAR A SI MESMO: «O QUE É ISTO?» E «PORQUE É QUE ESTOU AQUI?» E «PARA ONDE É QUE VOU?» E «QUE PODE LEVAR-NOS DAQUI PARA ALI?». O teatro é o sitio onde as pessoas vão para não se esquecerem de fazer estas perguntas, e o sitio onde voltam para se assegurarem de que as respostas a que chegaram, e que serviam ontem, ainda servem hoje.

A QUESTÃO É SEMPRE: O QUE SIGNIFICA SER UM HOMEM? e a vida deveria ser sempre a expressão desta pergunta. Por a vida ter cessado de tentar responder-lhe é que os homens deixaram de precisar do teatro para moldar as suas vidas.

UM TEATRO É O SITIO ONDE O HOMEM FAZ PERGUNTAS. Não as perguntas do João, do José ou do António. Não: como consegue o António ser António, mas perguntas de homem: como pode o António ser um homem, antes de ser o António.

AS DIFERENÇAS SÃO APENAS RELEVANTES QUANDO AQUILO QUE É COMUM ESTÁ JÁ INTEIRAMENTE REALIZADO. O teatro, que é o coração duma civilização, também pode ser o braço com que o homem a recusa.

QUEREMOS QUE A VIDA SEJA A EXPRESSÃO, NÃO A TRAIÇÃO DO HOMEM, e chamamos teatro à manifestação desta vontade.

OS HOMENS VÊM TODOS DA MESMA ORIGEM, e se eles se dirigem para alguma meta, só lá poderão chegar juntos.

O TEATRO É O LUGAR ONDE OS HOMENS VÊM PARA COMPREENDER QUE O FUTURO É O SEU PASSADO COMUM, A SUA COMUM HERANÇA.

Março de 1965.

(Manifesto da Re-Theater Co., grupo de teatro fundado e dirigido por Manuel Crespo, em Nova Iorque)

TEILHARD DE CHARDIN

CARTAS DE VIAGEM

A epistolografia de Teilhard de Chardin é uma chave única para se compreender a raiz do seu pensamento teológico, a importância das suas descobertas e explorações no domínio da geologia, da antropologia, da paleontologia.

PORTUGALIA EDITORA

mente divórcio entre a vida cultural e a vida económica. A difusão da cultura (e nota que falo de difusão e não de conteúdo) ainda não é, em Portugal, objecto de exploração sujeito às leis do desenvolvimento

— VÊS HIPÓTESE DE FORMARES EM PORTUGAL UMA COMPANHIA DE TEATRO SEMELHANTE ÀQUELA QUE TIVESTE EM NOVA IORQUE, A RE-THEATER CO.?

— Vejo. Existem muitos factores que me levam a pensar que haveria possibilidades de fundar aqui uma companhia de Teatro como aquela. Existe uma juventude à procura dum Teatro novo que exprima e ajude a formular aquela cultura dinâmica que parece ser a única possível.
É claro que para formar uma companhia como a que pretendo, é necessário dinheiro. Nem sequer muito dinheiro: algum dinheiro apenas. Ora eu presentemente não o tenho. Todavia, acredito que haja uma geração de jovens capitalistas cientes do valor social e até económico da cultura. Simplesmente eu não conheço nenhum.
E mais: tenho a certeza absolutíssima que, companhia que eu formasse e dirigisse, estaria completamente imune a qualquer descalabro financeiro.

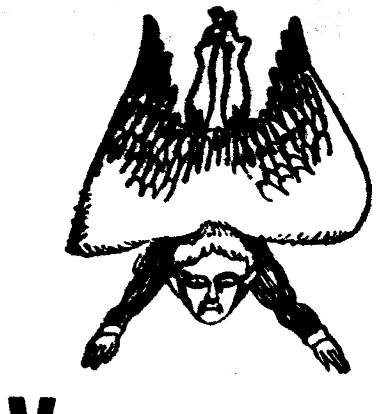
— NÃO ACHAS ISSO DEMASIADO OPTIMISMO, PARA NÃO LHE CHAMAR ARROGÂNCIA?

— Não. Todos nós sabemos que os serviços úteis não estão sujeitos ao perigo de falência. Qualquer homem de negócios o sabe. Vês as padarias a fechar? Ninguém pode deixar de comprar pão. Se os teatros passassem a proporcionar às pessoas algo de verdadeiramente útil, funcional, relevante para as suas vidas concretas, não haveria a temer que o público se afastasse deles.

— AO LER NO PRINCIPIO SERÁ A CARNE, APERCEBI-ME QUE O AMOR É O TEMA FUNDAMENTAL DESTA TUA PEÇA, COMO ALIÁS DE TODA A OBRA TUA QUE CONHEÇO. QUER-ME ASSIM PARECER QUE O AMOR É O TEMA FUNDAMENTAL DE TODA A TUA OBRA. FALA-ME DISSO.

— Francamente não acho. É claro que dou uma im-

(Continua na página seguinte)



AQUELE MARMELO!

por Alexandre O'Neill

VENÂNCIO tinha-se por uma sensibilidade artística, dando à escultura — a eleita! — lugar e atmosfera no espaço de quatro ou cinco centenas de escudos mensais em que malsemovia. A coisa começava «en douceur» — e quando as donas de casa reparavam, já os quartos de Venâncio ofereciam dificílimos percursos entrecacos. A especialidade de Venâncio (especialidade?) era a escultura encontrada, isto é, as formas naturais recuperadas (ou ajudadas). Uma sortida à praia representava uma excitante operação de renovação de formas — e Venâncio chegou até a descobrir um jazigo de ossos de frango e de coelho, maravilhosamente embranquecidos, nas areias da devorada Cova do Vapor. Pedras roladas possuía para cima de trezentas e, dessas, Venâncio preferia afagar, com sensualidade de artista e vaidade de coleccionador, uma que era tal e qual a sua própria rolada pobre cabeça. Chamava-lhe «Auto-Retrato».
Assim iam as coisas e assim continuavam naquele quarto para onde Venâncio se mudara depois duma dona de casa ter feito violenta exposição pública de grande parte da sua colecção

★

Aos sábados, depois de sair da Caixa, Venâncio tinha de tomar as suas opções. Se o tempo se apresentava propício a excursões «esculturais», ele ensanduichava-se às pressas e apanhava o cacilheiro ou o estorilata. Se o tempo era o de carranca, Venâncio ia para o quarto e lá ficava, limpa-que-limpa, mexe-que-mexe, a tratar, peça-a-peça, da sua colecção.

No «caso vertente» (obrigado, Dr. Menezes!) verificava-se a «segunda hipótese» ('brigadinho, Dr. Athayyyde!) O interessante Venâncio Amoedo, espanador em punho, já limpara, com arte e modos joalheiros, para cima de 100 ossos e pedras. Propositadamente, com o rebuçado gozo da velha que reserva o último mais molhado beijo para o bentinho da sua predilecção, Amoedo deixara o «Auto-Retrato» para o fim. Quando ele (céus!) segurava maternalmente a sua própria rolada pobre cabeça, bateram à porta do quarto. Que violação era aquela!
Venâncio, mais carrancudo que a carranca desse sábado, foi e abriu: a Rita Hayworth do quarto independente, louraça alentejana trasfegada, com todo o seu suco, para Lisboa, desbotava-se em grossas lágrimas frente ao Amoedo.
— Não queria incomodar o senhor...
«Não queria, mas incomodou!», pensou o egoísta do Amoedo.
— ...mas veja o que aquele marmelo me fez!
A Rita Hayworth de Santiago do Cacém mostrava, bem patentes, dois sapatos de tirinhas que pareciam aranhas gigantescas sobre palmilhas de goiabada. Os sapatos estavam novos e as tiras tinham sido metòdicamente cortadas à tesoura.
Amoedo ficou aturdido. Na mão, saltitava-lhe o «Auto-Retrato».
No pequeno café aonde a levou (de sapatos velhos) para a sande e o galão da consolação, Venâncio Amoedo foi-se apercebendo, com dor e alvoroço, que a vida não é só pedra, não é só osso...

«Avril à Paris»

Folhetim artístico de José-Augusto França

UM CURTO ABRIL de entre-aviões, mas, ainda assim, tempo de ir à direita e à esquerda ver isto e aquilo — no longo «menu» que o princípio da Primavera começa já a oferecer, ou oferece ainda, ao termo do Inverno. Estamos aqui entre duas partes da «saison» que em três se divide, conforme o ritmo das estações solares. O Inverno acabou e com ele um grupo de exposições, para que outras comecem. E o Inverno de 69 foi especialmente brilhante, com Archipenko (Museu Rodin) e Mondrian (Orangerie), — enquanto a Primavera se anuncia já, com a grande exposição da Banhaus, de Abril a fins de Junho.

A exposição de Archipenko deve-se ao International Art Program da Smithsonian Institution de Washington e vai andar pelos museus da Europa a oferecer uma notícia concreta da obra deste grande escultor que foi da Europa para os Estados Unidos em busca de possibilidades de vida, depois de uma existência errante, entre a sua Ucrânia natal, Paris e Berlim. Fixado em 1923 na América, foi o primeiro dos grandes emigrantes da arte ocidental; em Nova York morreu, há cinco anos, com setenta e quatro. A sua escultura, de importância fundamental no quadro do sistema cubista, é mal conhecida ainda hoje e uma auréola de inventar acompanha abstractamente o seu nome, na Europa. Com Lipchitz, Zadkine, Gabo e Pevsner, ele é, porém, um dos quatro grandes escultores da sua geração, todos eles russos e sem dúvida maiores que Laurens e com maior capacidade crítica que Duchamp-Villon. A ele se deve, em 1912-13, o entendimento dum *volume recíproco* como ilusão correspondente ao volume tactil da «ronde bosse». Na verdade, foi essa invenção que fez alterar a definição tradicional da escultura, formulando uma falsa natureza ao invés da verdadeira, um modelo mental ao invés do modelo natural. O equívoco espacial dos cubistas provocou em Archipenko um esquema volumétrico equívoco também, no qual o «vazio», ou o côncavo, se iguala, em idêntico sentido metafórico, ao «cheio», ou ao conexo. Muito de Henry Moore vem desta proposição de Archipenko — mas já numa fase regresiva, voltando à antropomorfia que o escultor de 1912, uma geração atrás, abstratizava. Depois, Archipenko defenderia a policromia na escultura, a «esculptopintura» e mais tarde inventaria a «archipentura», sistema de imagens mecânicamente variáveis, e no fim da vida criaria estranhas formas decorativas de teor mágico — mas é na formulação do seu volume ilusório que uma verdadeira magia de sentidos se revela e se propõe, criação maior dos grandes anos 10 da nossa (ainda) vida mental e sensitiva.

...Ao fim deles, ou logo no início da década seguinte, foi o turno de outro grande criador chegar ao momento mais exacto da abstracção: Mondian, 1920-21.
A exposição que, finalmente, um comité organizador presidido por Jean Leymarie, novo director do Museu de Arte moderna, pôde realizar em Paris, presta a homenagem por Paris devida e bem devida àquele que foi, durante mais de vinte anos um pintor desta cidade. Mas não desta «escola», que os seus princípios eram outros, dentro duma «teosofia» que ulrapassa o jogo de sensibilidade parisiense.

«Teosofia»: a palavra é de Michel Seuphor, que foi amigo e biógrafo de Mondian e que, durante muitos e muitos anos, pela sua glória se bateu, num meio ingrato e surdo. É dele o prefácio do catálogo que assim termina: «Mondian na Orangerie! Ninguém poderia imaginar desforço mais belo do que este, que nos é dado ver»...

Pintor e «teósofo». Mondrian deu um sentido novo à nossa vivência visual, clarificando-a *por dentro*. A linha extremamente lógica que percorre e explica a sua obra impõe o que se poderia dizer uma «metalógica» cartesiana. Ela está para além da operação mental dum espírito bem aplicado, porque tem que ver com uma invenção empenhada em bem aplicar a alma. A alma do criador, no meio das almas das suas criaturas. Pintor e pinturas consubstancializam-se num movimento unitário que é o próprio formulário dum Universo composto nas multiplas situações da perfeição. Pintura pedagógica, com o seu dinamismo essencial, a pintura de Mondrian ensinou a viver mais do que a ver. Por isso ela foi ignorada, no seio duma sociedade detida no olhar que à superfície das coisas belas (e, tanto! da natureza) se pousava.

A história da leitura possível da pintura de Mondrian constitui um dos mais curiosos mal entendidos da cultura ocidental. Sem dúvida, o pintor agiu fisicamente, ao simplificar a forma da «sua» Árvore Vermelha, entre 1908 e 1913, até à estilização abstracta — mas neste movimento não é pròpriamente a metamorfose que conta. Mondian situa-se assim para além do quadro mental do cubismo, essencialmente metamórfico, em busca dos valores poéticos que nos anos 20 se definiriam neo-plasticamente — e que tão mal entendidos necessàriamente seriam dentro duma lógica estrita que marcava os limites do sistema cubista, digerido ao longo destes anos.

A Semântica mondrianiana é, paralelamente à surrealista, a mais rica de valores criativos, na primeira metade do século. A mais realista também, dentro duma situação objectiva que se definia em função do universo-máquina. Dir-se-á ainda que ela continua a agir dentro do novo sistema destes anos 60, do universo-computador.

A máquina, perigo ou ajuda do homem, mito e ogre desses anos 20, foi o fulcro do fenómeno do Banhaus. Escola e quase falanstério, o Banhaus foi então a grande criação da cultura ocidental — e como tal naturalmente morreu às mãos estúpidas do nazismo. Uma consciência pedagógica, que vem animando os últimos anos, leva a revalorizar o ensino desta instituição, base de toda e qualquer reforma do ensino das artes visuais que se tenha realizado ou queira realizar, a sério, ainda hoje.

Mas, mais que o ensino directo é o ensino indirecto que conta no espírito do Banhaus — uma espécie de ensino de ensinar e de aprendizagem de aprender, contra todos os vícios «catedráticos» das correntes pedagógicas tradicionais. Uma *moral do ensino* assim se estabeleceu, nesta Alemanha de Weimar — moral que não era alheia àquela que das pesquizas de Mondrian e dos seus amigos se extraía. Em 1921 fez-se no Banhaus um curso sobre «De Stijl», a revista do neo-plasticismo — e um movimento se conjuga ao outro, no que devia ser uma reforma de mentalidade. E foi, numa certa medida, dentro do possível da sociedade burguesa que em breve seria «de consumo», alheia aos valores éticos da produção.

Paris teve agora ocasião de estudar o ensino do Banhaus, no qual, satisfeita com o sistema napoleónico das Beaux-Arts que pelo mundo (e até ao triste convento de S. Francisco de Lisboa), irradiou, ou contente com a independência «maline» da sua produção individualista — nunca foi capaz de acreditar. Que esta exposição itinerante pela Europa tivesse tido lugar ao mesmo tempo que a de Mondrian, faz duplicar a lição.
Paris em Abril tinha estas três exposições — e mais vinte outras (de Leger, de Giacometti, de Schlemmer, de Odilon Redon, de Max Ernst, de Berrocal, de Andre Bloc, de Peverelli, de Claude Georges, de Vieillard, de Appel, de Nevelson, de Hajdu, de Munch, de Kowalski, de Segal — e de Vasco Costa, notável pintor português há trinta anos fora de Portugal e exposto agora na Fundação Gulbenkian, na Avenida d'Iéna, antes de vir a Lisboa, à Buchholz).
...O que foi havendo em Lisboa será objecto do próximo folhetim.

Exposições de grupo

(Continuação da 3.ª página)

torções previstas segundo uma estrutura dinâmica, compromete o espectador de forma irreprimível e inflecte-o profundamente num jogo criador de consequências surpreendentes. O experimentalismo de Angelo de Sousa decide-se na extrema simplicidade das construções, quer gráficas quer escultóricas, e assume lucidamente o carácter efémero dos materiais em que se apoia, dos quais parte à descoberta de outras formas de jogar — e portanto de agir.

Jorge Pinheiro contesta a proposição do quadro-de parede e resolve formas que coincidem com o plano recortado em que se definem. Aqui, o autor despersonaliza-se, fugindo a todo o conteúdo dramático para lém da psicologia da cór. Procurando uma síntese de consequências extremas, Jorge Pinheiro agita apenas faixas cromáticas agressivas que traçam no plano, por vezes, um espaço escultórico virtual.

Armando Alves, cuja obra no domínio das artes gráficas tem um especial recorte e uma presença de indiscutível valor no meio correspondente, apresenta sobretudo pinturas abstractas, cujo informalismo e tratamento aparecem datados sem remédio e sofrem, na exposição, o impiedoso confronto com uma outra dimensão criativa, mais nova e menos retórica.

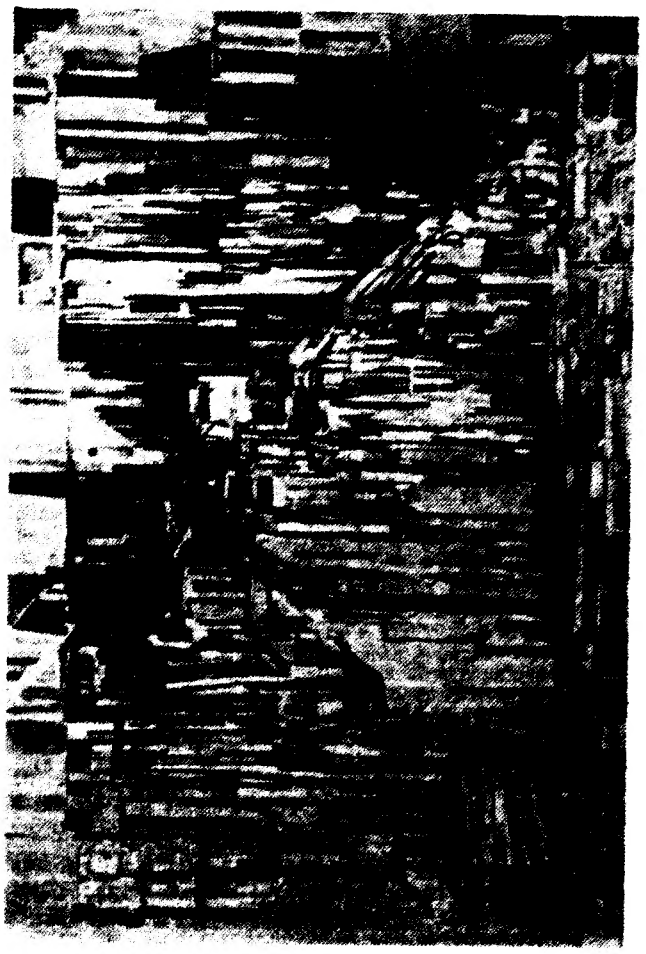
ROCHA DE SOUSA

ESCLARECIMENTO

No texto que dediquei á exposição de Eurico Gonçalves, presente na Galeria Quadrante, tomei a iniciativa de comentar a recente troca de correspondência entre os críticos e os artistas, no estilo das chamadas cartas abertas. Citei Fernando Pernes e Noronha da Costa, que assumiram claramente essa atitude, e referi depois, pelo irremediável paralelo que se estabelece, o próprio texto de Eurico Gonçalves publicado no catálogo da sua exposição. Também Nikias Skapinakis e Francisco Bronze, embora por diferentes razões e cumprindo outras exigências, estabeleceram nestas páginas uma breve e delicada conversa epistolar. A proximidade destes factos corresponde, em certa medida, a um diálogo que principia a resolver-se e que talvez proponha, como tive oportunidade de referir, formas mais íntimas e eficazes de convivência.

O arquitecto Artur Rosa, director da Galeria Quadrante, quis ter a gentileza de me chamar a atenção para a carta de Eurico Gonçalves, declarando-se responsável pela sua publicação no catálogo e garantindo que o autor se mantém de todo em todo alheio a tal iniciativa. Desejo assumir aqui esse esclarecimento, procurando corrigir uma deficiente leitura das intenções expressas no meu artigo.

R. S.



Na Galeria da Fundação Gulbenkian abriu uma exposição que comporta grande parte das recentes aquisições efectuadas em Paris por aquele organismo. Após diligências que se anunciam morosas e travadas por algumas dificuldades, as diferentes compras trouxeram para Portugal obras importantes de Columbano, Sousa Lopes, Francisco Smith, Sousa Cardoso e Vieira da Silva. As pinturas em referência serão integradas nas colecções de arte contemporânea da Fundação e ficam desse modo integradas ou reintegradas no património artístico nacional.

Na exposição apresentada faltam vinte e nove quadros das aquisições referentes a Sousa Lopes, autor de que é preciso abrir maior registo com uma exposição particular. Mas a mutilação apontada decorreu apenas da exiguidade do espaço disponível na Galeria de Exposições da Fundação Gulbenkian, que desta feita vê terminado o seu papel no plano de manifestações artísticas entretanto desenvolvido, já que dentro em breve será substituída por um aparelho muito mais vasto e pluralmente adequado a tais funções.

Grangeio Crespo

(Continuação da pág. anterior)

portância fundamental ao amor. Mas o amor é apenas um ponto de partida e não a meta a atingir. O amor é aquilo que permite às energias individuais anularem-se e combaterem-se para se adicionarem, tornando assim possível uma criação colectiva. Até hoje a Humanidade só tem conhecido, com raras excepções, actos de criação individual resultantes duma relação de antagonismo entre o criador e a sociedade. No dia em que o amor fosse a linguagem própria da vida social, a criação da Humanidade poderia ser uma expressão positiva e, sobretudo, um acto colectivo, portanto sem desperdício de energias. Pensemos numa sociedade em que os homens estivessem ligados entre si como baterias em série. Nessa sociedade, aquilo que nós acorrentados a uma tradição de criação solitária, consideramos de mais nobre e relevante, não seria mais que um gesto anónimo e quotidiano. É essa criação colectiva que é a verdadeira finalidade. Mas o amor é a condição *sine qua non* do estado que possibilitaria tal criação. Digamos que o amor não é uma razão de vida, mas a garantia essencial para que a vida tenha uma razão.

JOSÉ MARTINS SEVERINO

ESCAPARATE

Autores estrangeiros

Título — «O Humanismo no Renascimento».
Autor — Sem Dresden.
Tradutor — Daniel Gonçalves.
Editora — Editorial Inova, Limitada.
Colecção — Biblioteca Universitária Inova.
Numero de páginas — 258.
Preço — 70$00.

Título — «A Grande Missão».
Autor — Hans Habe.
Tradutora — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Publicações Europa-América.
Colecção — Século XX.
Numero de páginas — 376.
Preço — 65$00.

Autores portugueses

Título — «Realidade Branca».
Autor — Raul de Carvalho.
Editora — Edição do Autor.
Numero de páginas — 83.
Preço — 40$00.

Título — «Tautologias».
Autor — Raul de Carvalho.
Editora — Edição do Autor.
Numero de páginas — 91.
Preço — 40$00.

Título — «Acqua Vertebra».
Autor — Stella de Brito.
Editora — Edição da Autora.
Numero de páginas — 37.
Preço — 50$00.

Da literatura como saída

(Continuação da 1.ª página)

le «ultimo» é um pressentimento de que já não terá energia para se reerguer das ruínas em que o amor que vive a deixará. Tanto mais que este é o «unico». No vórtice do presente, os passados parecem-lhe inautênticos.

Mais ou menos, todos nós somos «dissoiutos» e «desfeitos». Pela palavra interior, pela confissão, pela literatura, é que tentamos cimentar-nos num *eu*. «O eu é o lugar da palavra» ensina o dr. Lacan, perito nestes assuntos.

No início de Fevereiro. Já vimos que aí se fala realmente na primeira pessoa: quem morre durante a intervenção cirurgica... é o narrador. Imagina que morre, e o que os outros diriam e pensariam à notícia da sua morte.

Se contar-se é como produzir um reflexo no espelho, as quatro reacções que o narrador imagina são outros tantos reflexos dele no espelho dos outros. Jogo de espelhos, e da imaginação (jogar ao morto).

Visitemos ràpidamente esta galeria *op arte*. 1) marido pós amor; 2) bom rapaz sem coragem, escritor que passará que já passou; 3) uma saudade saltada do arquivo e definitivamente lá reposta; 4) o Culpado.

Considerando a imagem que o narrador faz de si próprio — «ilusões perdidas» — o *eu*, a síntese, não é brilhante. E é irremediável. O tempo em que vivemos: «ritual odioso diário obrigatório, sonolento, insípido de querer pintar interesse pelas paredes do equívoco» (pág. 53). Tempo que não corre a nosso favor: «Cada dia que passa se torna mais perigoso, e nós vivemos esse dia-a-dia como acontece na guerra» (Hemingway, epígrafe de *Três semanas em Maio*). Amanhã talvez seja tarde, e continuamos sem perspectivas. O narrador está *tramado*, e nós com ele, se a análise de *Três semanas em Maio* é justa.

Então o amor? Neste livro o amor já terminou.

The acid? Ouvimos dizer que a «droga» faz *viajar* — a outro mundo, a outro tempo que não este «odioso diário». Mas trata-se de uma viagem de ida-e-volta, e no regresso provàvelmente tudo aparece ainda mais medonho...

E o jogo? O jogo sim, sobretudo o literário, é a saída (privada, e pública — para o mercado) que se sugere e se utiliza em *Três semanas em Maio*. Quanto mais se torna problemática a eficácia da literatura tanto mais avulta o prazer que ela em si própria nos dá... E sente-se que *Três semanas em Maio* foi escrito com prazer.

Mas a literatura não constitui uma forma de conhecimento (de reconhecimento da ideologia, de conhecimento ideológico?) E não constrói portanto «verdade» — a subjectiva, a do *eu*? «Verdade» tantas vezes dolorosa (como no caso de *Três semanas em Maio*) que nos impede de classificar o jogo a literatura?

Não nos esqueçamos que ela diz a «verdade» nas suas expressões *felizes*. Dor e prazer no mesmo golpe. A literatura é uma forma de masoquismo.

De festa, portanto. «O acto de escrever, uma pequena festa íntima»... E A Festa?

JOSÉ FERNANDES FAFE

Corpo e palavra

(Continuação da 1.ª página)

regressam ao rio original, à palavra única, ao lugar insubstituível do seu nascimento e unidade.

Será inútil repetir o que outros, na esteira de Óscar Lopes, já disseram: que, se este é um livro dos que o autor não gosta, se trata na verdade de um belo livro. É talvez mais interessante saber por que razões o autor se julga no direito de não gostar de um livro como este. Razões que são: é um livro esparso e privado de arquitectura; é um livro onde se não distingue a fronteira entre a prosa e a poesia. Deduzimos daqui dois valores maiores para Eugénio de Andrade: a arquitectura e nitidez das fronteiras.

São estes alguns dos elementos da dispersa arte poética que destas páginas se desprende. Existe até um texto que por «arte poética» se designa, e nele se desenvolve, com o obstinado rigor que Eugénio de Andrade reivindica, a temática da poesia como conhecimento e amor, da sua específica moral exclusiva de todas as outras, da coincidência entre o particular e o universal que nela se faz, da sua força de escândalo em que se abrem divisões entre os homens através das quais se apontam as linhas da sua unidade possível. Este é o ponto essencial: o poeta «tem a nostalgia da unidade, e o que procura é uma reconciliação, uma suprema harmonia entre luz e sombra, presença e ausência, plenitude e carência». Se a poesia exige do homem desfigurado um esforço violento para a recuperação do seu rosto, é aí que ela encontra a sua enorme dignidade: a arte, fiel ao homem, propõe essa fidelidade em palavras de escândalo, revolta e negação. O ponto de reconciliação é o silêncio; todas as palavras são afluentes.

POR outro lado, «o poeta é uma longa e só hesitação». Este estremecimento inicial frente ao risco que a criação envolve vem de o poeta saber que a linguagem em si o excede e aniquila: esse é o sacrifício, a morte irradiante que o poema constitui. Ao princípio é o ritmo, «um ritmo surdo, espesso, o do coração ou o do cosmos — quem sabe onde um começa e o outro acaba?» Essa melodia que se afirma em sucessivos clarões vai construindo uma «comum transparência», até se formar um «canto claro e fundo — voz do homem».

Nesse momento grave de toda a criação poética, há a convergência de três gestos: o de um grito vertical onde fulgura o sagrado, o absoluto (mas «a história dos deuses é o espelho da nossa aflição, da nossa esperança»); o de uma comunicação em que a voz singular se dilui na voz transparente de todos os homens; o de uma coincidência entre a apoteose do homem e a transbordância do ser, numa passagem insensível do antropológico para o ontológico («era uma fonte assim que procurava em cada homem, a fonte do ser»). É este movimento terceiro e culminante que constitui o sacrifício: «...a mais dura das leis — a de que (o poeta) se extinga para dar lugar à fulguração do poema, a de que deixe de *ser* para que o poema seja, e dure, e o seu fogo se comunique ao coração dos homens».

ACENTUEMOS ainda alguns aspectos importantes. Um, por exemplo, afirma o valor para um poeta da compreensão das formas com que trabalha. Só pelo domínio técnico dos processos de constituição da forma é que o poema se torna «um mundo cerrado» como um corpo que se abre «ao nosso peso, à nossa aflição». Poucos como Eugénio de Andrade têm conseguido medir as consequências desta tão nietzscheana sabedoria do corpo como razão maior. Poucos seriam capazes de levar a ética do poema até ao seu limite em que se diz que «todas as morais se esbarrondam por alheias á sabedoria do corpo». Poucos teriam a coragem de apreender o carácter nupcial da eternidade: «O mais efémero dos seres tem sede de eternidade, quero eu dizer: de outro corpo. Então balbucia, beija, ama, dá um subtil nome às coisas, e das dissonâncias da carne ergue-se à exacta medida do canto, ou de qualquer outra música. A luz torna-se fulguração. Toda a eternidade é isso — e não há outra.»

GOSTARIA ainda de propôr um problema. É evidente que, como Óscar Lopes diz na magnífica introdução à 2.ª edição de *Poemas* de Eugénio de Andrade, se trata aqui de «uma poesia de presença». O próprio poeta o acentua quando nos comunica que o artigo procura tornar o visível ainda mais visível. Diverge assim Eugénio de Andrade daqueles que, como Virgílio Ferreira, procuram tornar visível a invisibilidade do invisível. E afasta-se também da magistral interpretação de Eduardo Lourenço, quando este, no ensaio que introduz a *Antologia* do poeta publicada pela Delfos, escreve coisas como estas: «a palavra-poética diz melhor o *abismo* que nos separa, e a separa, da Unidade que nela respira, do que a plenitude sepulta. O Poeta, feito uma só coisa com o seu canto, solicita dele o milagre de uma plenitude que ele sabe ausente e finalmente é *essa ausência* que nele se faz música e voz». Ou ainda: «É esta singular des-munição de Homem para entrar na sua própria Casa que constitui toda a aventura poética. Mas esse vazio, essa ausência de nós a nós mesmos é a porta de acesso, é já o jardim deserto à espera de suas flores». Ou por fim: «é da *impotência congenital* da própria palavra-poética que nasce o apelo da plenitude».

Por outro lado, Óscar Lopes diz-nos que em Eugénio de Andrade «o encantamento órfico não pretende (...) fazer da palavra toda a fundação, ou casa, do ser». O que me parece bastante discutível, sobretudo se tivermos em conta a evolução da poesia de Eugénio de Andrade que Eduardo Lourenço veio apontar pertinentemente (em artigo de *O Comércio do Porto*, «Angelismo e poesia de Eugénio de Andrade a Herberto Helder»). Aí se demonstra a tendência do poeta para considerar a «habitação do Mundo como Palavra», e cita-se, por exemplo, estes versos onde se revela a coincidência do espaço humano e do espaço poético:

Ergue-se aérea pedra a pedra
a casa que só tenho no poema.

A questão é, portanto, a seguinte (e gostaria de ver Eugénio de Andrade confrontado com ela): quem canta no Poema? A plenitude como superação da ausência ou a ausência como exigência de plenitude? Será no êxtase da Palavra que coincidem a fundação do Ser e a libertação do Homem? Ou o Poema mede na alegria frágil duma palavra em plenitude a distância que no homem ainda o separa de si mesmo?

EDUARDO PRADO COELHO

(1) Eugénio de Andrade, *Os Afluentes do Silêncio*. Colecção O Espírito do Lugar, Editora Inova, Porto, 1968.

NOVIDADES D. QUIXOTE

CARLOS de OLIVEIRA
MICROPAISAGEM
(2ª EDIÇÃO)
UMA ABELHA NA CHUVA
*
VINICIUS de MORAES
O POETA APRESENTA O POETA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

«BEST-SELLER» SÉRIE ROMANCE

Pelo autor de
SEMENTES DE VIOLÊNCIA
E
MÃES E FILHAS
EVAN HUNTER

ESTRANHOS QUE ENCONTRAMOS

História do gueto sem fronteiras num bairro dos subúrbios de Nova Iorque.

Leia na Série CONTISTAS

CONTOS POLICIAIS DE O'HENRY

O'Henry — um homem que criu uma história com a imaginação mais fértil que jamais existiu.

Já se inscreveu na TERTÚLIA DO LIVRO?
Peça dados bibliográficos à
Galeria Panorama
Rua Luciano Cordeiro, 123, r/c., Dt.º — Telef. 40416/539024/5 — LISBOA

No Reino da KATAlónia

(Continuação da 8.ª página)

ironia, a situação tende para o patético, facto que a distingue da escrita voltairiana, assaltada de sarcasmos, cingida á tradição do cómico francês. Inutil procurar n'*O Reino Circular* indícios da veia satírica e cómica de Mestre Gil, de Camilo ou de Eça. Mário Braga trata o seu tema dentro do verosímil, em catarsis, para não nos afastar da excessiva indignação e aproximar da atitude crítica. A sátira ao *Reino* poderia prejudicar a gravidade que, desde logo, se adivinha no drama do cronista isolado em sua torre de marfim. Em meu entender, o neo-realismo sai enriquecido com esta experiência. E, de facto, o livro põe aos distraídos a inquietante questão: mais e novos caminhos para a literatura portuguesa? Respondo: sim.

ALBERTO FERREIRA

crítica

Corpo e palavra

por Eduardo Prado Coelho

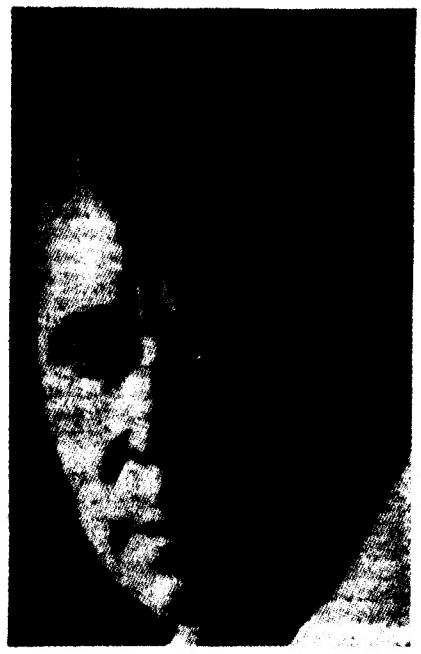
SURPREENDEU algumas pessoas menos afeitas ás questões literárias que em crónica anterior se tivesse aqui dito que muitos livros *só existem* nas críticas (isto é, nas leituras elaboradas) que lhe são feitas. Na verdade, estava errado: não *são muitos livros, são todos*. Trata-se aliás de uma ideia elementar que só espanta quem nunca pensou um pouco no que é a literatura. Efectivamente, a *obra-em-si* não existe. Isto é, aliás, o maior equívoco dos que defendem a reaccionarissima versão soviética da *Guerra e Paz*. Talvez valha a pena remetermos para as análises de Sartre nesse indispensável *L'Imaginaire*. Elas entraram hoje no saber comum. A obra é um *falso objecto*, que apenas *existe* através das leituras que dela fazemos. Só o ingénuo realismo do bom senso é capaz de supor que obra existe na obra. Na realidade, ela só existe quando nós a constituimos. Não quer dizer que a inventemos à nossa vontade, mas que, nos limites de variabilidade que a obra institui, nós vamos lê-la através do exercício da nossa liberdade de leitores. A obra não existe em si, porque existe *para-nós*, e é por isso que ela se apresenta como disponibilidade que ao longo da história os leitores vão indefinidamente preenchendo. Pensar que existe um «génio poético» independentemente das leituras das obras que esse «génio» produz é não só um pressuposto inútil como infantil, na medida em que nada acrescenta nem altera á única relação que conta, a da obra com o seu leitor. É com estas *noções fantasmáticas* que se vai proclamando o «génio» de certos autores que não resistem á mínima *leitura efectiva* das suas obras. Não admira que os que se apresentam com tais proclamações sejam os mesmos que se revelam incapazes de *ler*.

É também fácil demonstrar que a obra de um grande autor (seja Camões, seja Dante) é hoje indestrinçável da imensa sucessão de comentários que ao longo da história a foi cobrindo e descobrindo.

TAIS verdades não constituem novidade alguma para quem conhece um pouco de literatura. Só o bom senso, sempre limitado e asfixiado em pseudoevidências, é que por vezes tende a esquecê-las. Mas são os próprios criadores (e não os críticos *seus criados*) que, felizmente, vêm afirmar estas coisas. Digo «felizmente» não se fosse pensar que se tratava da desmedida petulância de alguns críticos. Veja-se, por exemplo, o que Abelaira escreve naquele belissimo posfácio á 2.ª edição de *A Cidade das flores*: «Creio (...) que um romance, hoje em dia, forma um todo com o comentário crítico que lhe possa fazer o profissional do pensamento (um Alain, um Lukacs). É certo que uma tese como esta limita a autonomia que tantas vezes se exige de uma obra de arte. «Pois quê — dir-se-á. — Um romance não vale apenas por si mesmo?» Talvez. Mas eu descobri *A Guerra e Paz*, o *Hamlet*, etc., graças aos muitos comentários que me foram chegando ás mãos. Penso que sem eles me escaparia em grande parte o significado dessas obras grandiosas. Assim como um romance não dispensa o leitor, não dispensa também a actividade crítica, esclarecedora. E pergunto a mim próprio — não sei se por amor do paradoxo, se por dor de cotovelo...— uma das razões por que os romances portugueses são menos ricos do que os franceses e italianos não provirá de a nossa crítica válida ser menos numerosa e portanto menos variada, menos criadora, do que a daqueles países?».

E como entendermos doutro modo aquela afirmação de Jorge de Sena no posfácio a *Metamorfoses*, quando, a propósito de Fernando Pessoa, nos diz: «de que afinal já se gastou o desafinado disco de me acharem discípulo — quando ele é que o é meu, pelo muito que, criticamente, o expliquei por mim».

Como estamos vendo (e estes são alguns exemplos próximos dos muitos que poderíamos citar), a obra *existir* na crítica não é delirante invenção de «novos críticos». E a «velha crítica» ganharia bastante em ir lendo Jorge Luis Borges — num ler claramente lido.



Eugénio de Andrade: regresso à palavra única

MAS existe «nova crítica»? Não, de modo algum. Ela só existe para aqueles que, sentindo-se excluídos das várias modalidades do exercício da crítica actual, a resolvem inventar como monstro aterrador que os persegue. Existem apenas algumas pessoas que, no panorama agonizante da nossa crítica, vão procurando interpretar, em ensaios de maior ou menor fôlego, os livros que lêem. E nesse grupo de «nova crítica» cabem Óscar Lopes ou Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço ou José-Augusto França, Ramos Rosa, Fernando Guimarães ou José Bento, Gastão Cruz, Nelson de Matos ou Arnaldo Saraiva. Não se trata pois de um grupo semi-clandestino e fanático. Nem se trata de excluir por atentados pessoais os grandes nomes da poesia portuguesa actual, como, por exemplo, os Torgas, os Eugénios de Andrade, os Sofias de Melo Breyner Andresen, os Cesariny de Vasconcelos, os Alexandres O'Neill, entre outros. Resumindo: não há «nova crítica», mas «críticos novos» (que por vezes até o não são); não há qualquer conluio tenebroso entre a mais jovem poesia e a mais jovem crítica. Só nos espanta que ainda seja preciso vir dizê-lo.

FALOU-SE ali atrás em Eugénio de Andrade, e ainda bem, porque é do seu último livro que gostaria de falar: *Os afluentes do silêncio* (1). Eis uma obra que torna fluidas todas as distinções entre prosa e poesia, entre crítica e criação. Eis um poeta que sabe pronunciar sobre outros poetas algumas observações de invulgar finura crítica (leiam-se as breves páginas consagradas a Nobre). Eis um daqueles autores que, distribuindo-se embora em mil afluentes, sempre

(Continua na 7.ª página)

NO REINO DA KATA lónia

(Sem interrogação nem reticências)

A propósito do Reino Circular de Mário Braga

por Alberto Ferreira

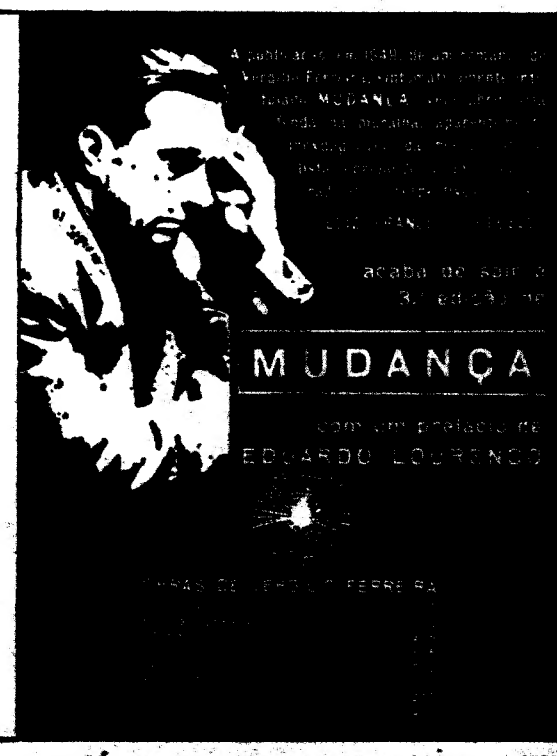
SER-ME-IA GRATO iniciar esta crónica sob o tema ígneo «Novos Caminhos para a Literatura?» em espírito polémico. Se renuncio, provisóriamente, ao registo interrogativo é por se me afigurar que a questão no estado actual da literatura e do público cairia em cheio no silêncio... ou ecoaria em escandalos de capela barroca nos grupos incognitivos que por aí pululam e se coçam desempregados. A verdade, amigos, é que o Reino abunda em zonas coroadas circularmente e não há meio de nos desembaraçarmos delas. Porquê? Por malvadez? Por maledicência? Por imprevidência ideológica? Por simples parvoíce? Agostinho de Macedo, que foi um garboso reaccionário e uma besta de maldade, classificou o Reino de Estupidez. Teria Macedo razão? Se a tinha e tem, e provávelmente terá, confesso que me sinto lograd por ter vindo de tal origem (lusitanamente pura e apostólica, fidelíssima e cristianíssima) um juízo que aprovo. Mas será o Reino estúpido ou circular? Teria o Macedo inteira razão? Deixemos isto provocativamente sem resposta.

Sendo nossa gente literata tão inclinada á auto-suficiência crítica (veja-se o caso de João Gaspar Simões, para não falar no de José Régio) e pouco propensa á autonomia reflexiva, sinto a malvada tentação de me encerrar nos nevoeiros do silêncio acerca de uma obra de arte que me despertou o apetite discursivo. Tal concupiscência (a do silêncio) mais se me crava nas carnes na medida em que podem os supercríticos tornar a chamar a digna atenção do público para a minha insensibilidade aos valores estéticos, o que seria verdadeira calamidade. Todavia, cogito eu, se todos convêm em que a Crítica não está a exercer devidamente o seu fecundante papel, porque não hei-de eu dar uma ajudazinha? É, pois, na qualidade de acólito que me atrevo a opinar críticamente. E, de certo modo, a auxiliar o policiamento dos costumes literários, pois me parece que a técnica de derrube, na grande área, está a ganhar muitos adeptos. Digo isto assim porque se me afigura extraordinário que os críticos de miuçalha não tenham verificado que *O Reino Circular*, de Mário Braga, constitui obra de interesse capital (de capita, cabeça.) *na hora que vivemos*. Examinemos, de relance, as implicações ideológicas do livro. Representa esforço crítico notável, e notório, para situar, diagnosticar e denunciar a circularidade concentracionária da realidade nacional. Mais: em sua metódica exemplaridade, ascende a um nível de problemática com um índice de universalidade bastante para se poder aplicar a qualquer Reino deste nosso planeta. Creio ser inoportuno (pelo menos) o argumento de que a alegoria, a metáfora de cultura, a hipérbole e outros recursos elípticos para in-situar o Reino e desfulanizar as pessoas, sejam contrários ao Realismo. Pretender que o artista designe os nomes dos figurantes por Teixeiras em vez de Akalinos é pura parvoíce. Por outra banda, é evidente que a exemplaridade das *Cartas* de Montesquieu se sustenta, sem vacilar, apesar dos Persas serem imaginários e a obra do filósofo ter sido publicada em 1721. O mesmo se pode afirmar dos romances de Voltaire. Dir-se-á aqui: enquanto os ditos escritores são filósofos, o sr. Mário Braga é um ignorante. Contesto! *O Reino Circular* tem matéria política e filosófica de natureza semelhante á do *Candido*, onde pontifica o sr. Pangloss. Que é génio do sr. Voltaire seja considerável nada tem a ver com o caso. Mário Braga escreveu uma história exemplar precisamente no espaço onde a circularidade está por contar. Como os senhores Voltaires do Reino se abstêm de mostrar o seu dom de narradores, Mário Braga apresentou-se, perante o público, na condição de seu cronista. Porque não? Há mais algum candidato? Óptimo. Venha á praça e apresente o seu produto. O público agradece.

Em resumo: no domínio da crítica ideológica, a obra é excepcional. Merece respeito, apoio e carinho. Por outro lado, é uma obra que exerce fascínio na imaginação adolescente pois contém algo do registo estilístico dos contos de «Mil e uma Noites», com seu sabor exótico-nada fora, aliás, dos quadros sentimentais da Nação meio africana meio europeia como é a nossa (para mal dos nossos pecados, que oscilamos entre a vocação europeia e a vocação ultramarina). O livro é ainda importante por denunciar os valores retrógrados que nos impedem a expansão da sensibilidade e da razão nas esferas dos valores humanos. Situados num registo literário, cumpre observar que Mário Braga se furta justamente á influência das categorias empíricas e condutistas que determinam a criação artística sem autenticidade. Mário Braga insere-se na linha do realismo simbólico da estética iluminista, com diferenças de grau: a experiência e os recursos actuais permitiram-lhe apresentar-se como um caso singular na história literária portuguesa, o que não é pouco. A escrita é voluntáriamente contensa. Raramente o descritivo se esgota na forma. Quer dizer: serve de «forma» para fundamentar os elementos psicológicos, morais, doutrinários, etc., que caracterizam a circularidade social. A descrição serve a intencionalidade do autor, a metáfora contém a objectivação epistemológica. Por exemplo: a hierarquia dos planos da cidade, premeditadamente construída por Akalino, o persa, revela clara intenção crítica e não o simples gosto de descrever uma cidade fabulosa. Aqui se afasta-o romance da gratuitidade das histórias exóticas e confirma a sua radicação iluminista. Entre as categorias estéticas utilizadas por Mário Braga, figura o humor e a categoria típica da linguagem crítica: a ironia. Não se trata de ironia formal nem de preocupação em provocar o riso, acentuar o ridículo, etc. O estilo revela-se em plena seriedade — o irónico bem entendido. E em tal ponto se manifesta mais uma rara virtude da obra: utilizando a

(Continua na 7.ª página)

VERGÍLIO FERREIRA



PORTUGÁLIA EDITORA